

Olga Guimarães Martins

**Condições de Vida e de Trabalho na
Inglaterra da Revolução Industrial**

Dissertação de Mestrado em Estudos Ingleses

Orientação: Professora Doutora Maria de Jesus Crespo Candeias Velez Relvas

Universidade Aberta, Lisboa

2008

“Men are grown mechanical in head and in heart, as well as in hand. They have lost faith in individual endeavour, and in natural force, of any kind.”

Thomas Carlyle

“Só uma raça desumanizada, degradada, reduzida moral e fisicamente à bestialidade poderia sentir-se aí à vontade e confortável.”

Friedrich Engels

ÍNDICE

Agradecimentos.....	v
Nota prévia.....	vi
Resumo.....	vii
“Abstract”.....	viii
“Résumé”.....	ix
Palavras-Chave.....	x
INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I – Condições de Vida e de Trabalho.....	20
1. Um Novo Estilo de Vida.....	22
2. O Trabalho.....	25
2.1. As Movimentações dos Trabalhadores.....	32
3. O Urbanismo.....	37
4. O Vestuário e a Alimentação.....	46
5. A Atitude dos Patrões.....	49
6. A Intervenção do Governo.....	51
7. A Educação.....	56

CAPÍTULO II – As Mulheres e a Revolução Industrial.....	59
1. As Principais Ocupações das Mulheres.....	64
1.1. As Principais Ocupações das Mulheres antes da Industrialização.....	64
1.2. As Mulheres na Agricultura.....	66
1.3. As Mulheres e as Indústrias Domésticas.....	71
2. As Mulheres e a Transição do Sistema Doméstico para o Sistema Fabril.....	75
3. As Mulheres na Fábrica.....	78
3.1. As Mulheres na Fiação.....	84
3.2. As Mulheres na Tecelagem.....	90
3.3. As Mulheres e as Indústrias Metalúrgicas	92
4. As Mulheres nas Minas.....	92
5. As Mulheres no Comércio.....	97
6. Novas Oportunidades para as Mulheres.....	98
CAPÍTULO III – O Trabalho Infantil.....	102
1. As Crianças na Agricultura.....	106
2. As Crianças nas Indústrias Domésticas.....	108
3. As Crianças nas Fábricas	111
4. As Crianças nas Minas.....	112
5. A Educação.....	116
6. A Reforma do Trabalho Infantil.....	121
CONCLUSÃO.....	123
BIBLIOGRAFIA.....	132
WEBGRAFIA.....	139

Agradecimentos

A presente dissertação de mestrado tornou-se possível graças ao apoio ilimitado de um conjunto de pessoas brilhantes e muito importantes para mim.

Primeiramente, agradeço à minha orientadora, Professora Doutora Maria de Jesus Crespo Candeias Velez Relvas, pela partilha do seu inquestionável saber e pela sua disponibilidade, exactidão e exigência inalteráveis. Reconheço a confiança que em mim depositou e que funcionou como uma forte motivação para o desenvolvimento e aperfeiçoamento do meu trabalho.

Agradeço ao meu marido e amigo, Filipe Garcia, que sempre me deu apoio informático e me encorajou a continuar, nos momentos em que me faltava energia para prosseguir o meu trabalho.

Agradeço também à minha mãe, Felisbela Guimarães, que sempre me acompanhou, durante horas seguidas, nas bibliotecas universitárias de Lisboa, após o nascimento do meu segundo filho, e sempre me incentivou a não desistir.

A minha profunda gratidão vai também para os funcionários de várias universidades de Lisboa, que disponibilizaram um espaço para o meu bebé e a minha mãe aguardarem, enquanto fazia pesquisa nas várias bibliotecas. Agradeço especialmente à D. Luísa e à D. Amélia da Universidade Católica Portuguesa.

Reconheço igualmente a ajuda da minha colega de trabalho e amiga, Filomena Matos, para o resumo em francês.

Todo o meu especial carinho se dirige aos meus dois filhos, Daniel e Diogo. O último acompanhou-me, desde o início, nas minhas incursões pelas bibliotecas universitárias, ora na barriga, ora no carrinho.

Nota prévia

Esta dissertação encontra-se organizada de acordo com as normas constantes na 6ª edição de *MLA: Handbook for Writers of Research Papers*. No entanto, procedi a um ajustamento no que respeita ao nome dos autores, na bibliografia, com vista a uma visualização e consulta mais fácil.

Abreviei, por vezes, alguns títulos de obras, devido ao uso recorrente dos mesmos:

- *The Age of Revolution* (Eric Hobsbawn) – *Age*
- *England in Transition* (Dorothy George) – *England*
- *Industry and Empire* (Eric Hobsbawn) – *Industry*
- *The Making of Modern Britain 1783-1867* (Asa Briggs) – *Making*
- *Oliver Twist* (Charles Dickens) – *Oliver*

Resumo

A Revolução Industrial inglesa fomentou o desenvolvimento ao nível da produção de bens e serviços, tão comuns na vida moderna, operando uma mudança radical na estrutura económica, social e política. Devido às revoluções verificadas na agricultura, na indústria, nas comunicações e nos transportes, Inglaterra tornar-se-ia a primeira nação industrial durante o século XIX.

Assistiu-se ao investimento de capital na agricultura e na indústria, à urbanização e à conseqüente concentração da população nas cidades industriais, então recentemente criadas, e à desertificação dos espaços rurais, tendo a fábrica substituído a estrutura familiar de produção. Com o surgimento da “cultura” do vapor, assistiu-se à emergência de uma nova classe social: “the working class”. Os novos instrumentos de produção contribuíram para o estabelecimento de novas relações sociais, não descurando a continuidade das tradições políticas e culturais. No entanto, o relacionamento entre patrão e empregado tornou-se mais impessoal e rígido, baseando-se nos princípios do “cash nexus”.

Esperava-se que a industrialização diminuísse os custos de produção e o esforço humano e melhorasse as condições de vida. Contudo, as cidades ofereciam condições deploráveis aos seus habitantes, transformando-se em locais propícios à difusão de doenças. As fábricas exploravam os trabalhadores, numa tentativa obsessiva de produzir a maior quantidade de produtos possível ao menor preço, recorrendo à mão-de-obra mais barata: mulheres e crianças. Estes seres, tentando equilibrar o orçamento familiar, sujeitavam-se, em conjunto com os homens, às longas horas de trabalho, à rotina, aos baixos salários, à falta de segurança e de condições de higiene. Efectivamente, os resultados humanos desta revolução foram catastróficos.

Abstract

The Industrial Revolution in England gave way to a development in what concerns the production of goods and services that are so common in modern life, provoking economical, social and political changes. England became the first industrial nation thanks to a series of revolutions in agriculture, industry, communications and transports.

Money was invested in agriculture and industry, the recent industrial towns of the time grew crammed with large groups of people who had left the countryside and the factory, replacing the ancestral family unit production. The steam civilization was responsible for the appearance of a new social class: “the working class”. Although the new production gadgets respected political and cultural traditions, they contributed to the establishment of different social relationships, namely the one between employer and worker, which became too impersonal as well as strict, due to the importance of the “cash nexus”.

It was expected industrialization to decrease the costs of production and human effort, as well as to improve the living conditions. These were however absolutely terrible, contributing to the spread of diseases. As factories wanted to increase the levels of production without raising costs, they looked for cheap labour: women and children. Since they needed to balance the family income, women, children, but also men, worked during too many hours, earned very little, faced routine, lack of security and of hygiene. As a matter of fact, the human results of the Industrial Revolution were appalling.

Résumé

La révolution industrielle anglaise a fomenté le développement au niveau de la production des produits et des services, très usuel dans la vie moderne, opérant un changement radical dans la structure économique, sociale et politique. À cause des révolutions vérifiées dans l'agriculture, dans l'industrie, dans les communications et dans les transports, l'Angleterre deviendrait la première nation industrielle.

On a assisté à l'investissement du capital dans l'agriculture et dans l'industrie, à l'urbanisation et à la conséquente concentration de la population dans les villes industrielles récemment créées, et à l'abandon des espaces agricoles, ayant l'usine substituée la structure familiale de la production. Avec l'apparition de la civilisation de la vapeur, on a assisté à l'urgence d'une nouvelle classe sociale: "la classe ouvrière". Les nouveaux instruments de la production ont contribué pour l'établissement de nouvelles relations sociales, n'abandonnant pas la continuité des traditions politiques et culturelles. Malgré ça, le rapport entre "le maître" et l'employé est devenu plus impersonnel et rigide, étant basé sur les principes des "cash nexus".

On attendait que l'industrialisation ait diminué les coûts de production et l'effort humain et avait amélioré les conditions de vie. Cependant, les villes avaient offert des conditions déplorables à leurs habitants, en changeant dans des endroits favorables à la propagation de quelques maladies. Les usines exploitaient les ouvriers, dans une tentative obsessionnelle de produire la plus grande quantité de produits possibles au plus beau prix, faisant appel à la main-d'œuvre la meilleur marché : les femmes et les enfants. Ces êtres, essayant d'équilibrer le "budget" familial, avaient soumis, ensemble avec les hommes, aux longues heures de travail, à la routine, aux bas salaires, au manque de sécurité et de conditions d'hygiène. En effet, les résultats humains de cette révolution ont été catastrophiques.

Palavras-Chave

Para além das palavras-chave presentes no título da dissertação: “Condições de Vida e de Trabalho na Inglaterra da Revolução Industrial”, salientam-se ainda as que se indicam a seguir:

- Classe
- Crianças
- Industrialização
- Mudança
- Mulheres
- Tecnologia

INTRODUÇÃO

I love to mark the quarry's moving trains,
Dwarf pannier'd steeds, and men, and numerous wains:
How busy the enormous hive within,
While Echo dallies with the various din!
Some, hardly heard their chissel's clinking sound,
Toil, small as pigmies, in the gulf profound;
Some, dim between th' aerial cliffs descry'd,
O'erwalk the viewless plank from side to side;
These, by the pale-blue rocks that ceaseless ring,
Glad from their airy baskets hang and sing.

Wordsworth, "An Evening Walk"

Se considerarmos o termo "Revolução Industrial" apenas como um sinónimo de inovação industrial e desenvolvimento tecnológico adaptado à mecanização e produção de uma indústria específica, estamos a limitar a sua amplitude, uma vez que deverá existir uma afinidade com a modificação da própria estrutura económica. De facto, para entender os antecedentes da indústria, teremos de recuar até ao período Tudor, quando Inglaterra deixou de ser um país fundamentalmente suportado pela agricultura e pelas exportações de lã e começou a desenvolver pequenas manufacturas, de dimensões reduzidas. Para possibilitar o desenvolvimento e a satisfação das necessidades diárias de uma população urbana em crescimento, o país teve de desenvolver os recursos industriais, o que fez com que a Revolução Industrial fosse exequível. Entretanto, verificar-se-ia uma modificação nas relações sociais de produção, uma vez que se deixou de produzir apenas para se assegurar a subsistência e começou a existir uma grande preocupação com a obtenção de lucros. Como consequência, os mercados tornaram-se mais competitivos e as pequenas manufacturas transformar-se-iam em grandes unidades fabris que empregavam um elevado número de pessoas e

tinham um papel activo no crescimento económico da nação. Devido à grande capacidade empreendedora de determinados grupos social e economicamente dominantes, a extracção e a utilização dos recursos naturais deixou de ser controlada pelo governo, como acontecera anteriormente, e passou a ser gerida por grupos privados. O contributo do investimento privado, facilitado pelo próprio governo, provocou uma aceleração rápida do crescimento industrial, fundamentalmente entre 1740 e 1780, o que conduziria a uma ruptura com a economia medieval e tradicional, assim como a alterações económicas profundas na vida inglesa. Foi em Inglaterra que nasceu a grande indústria moderna, tal como defende Paul Mantoux:¹

C'est en Angleterre, dans les derniers tiers du XVIIIe siècle, qu'est née la grande industrie moderne. Dès le début, son essor fut si prompt et eut de telles conséquences, qu'on a pu le comparer à une révolution: beaucoup de révolutions politiques ont été, à coup sûr, moins profondes. Aujourd'hui la grande industrie nous environne de toutes parts (...) ce sont les puissantes usines qui se ressent aux abords de nos villes, les hautes cheminées fumantes et leur flaimboiement nocturne, la trepidation incessante des machines, et le fourmillement affairé des foules ouvrières.²

Na realidade, vários factores contribuíram para o crescimento económico de Inglaterra. Um deles foi a acumulação de capital, pois verificou-se um aumento das poupanças, no comércio e na agricultura: as taxas de juro baixaram, os investimentos aumentaram. Outro factor esteve relacionado com os progressos

¹ Este autor considera que a Revolução Industrial foi um fenómeno fundamentalmente comercial que se relacionou com o domínio que os comerciantes exerceram sobre a indústria, ou seja, foi favorecida pela expansão do comércio e pelo investimento. O crescimento dos mercados internacionais constituiu um factor decisivo para o desenvolvimento da produção industrial, na Inglaterra do século XVIII. No entanto, também realça as melhorias na agricultura, pois tinham como objectivo satisfazer as necessidades de uma população urbana em crescimento. Destaca ainda o papel da Revolução de 1688, que possibilitaria o desenvolvimento económico do país.

² Paul Mantoux, *La Révolution Industrielle aux XVIII Siècle* (1928; Paris: Éditions Génin, 1959) 1.

tecnológicos da agricultura e da indústria, na medida em que foram introduzidas novas máquinas e formas alternativas de energia, o que aumentaria os níveis de produção, conduzindo à necessidade posterior de uma maior divisão do trabalho e até à própria especialização (mão-de-obra qualificada). William Morris destaca esta característica da industrialização, considerando que o objectivo primordial é aumentar a produção:

This new system, the first change in industrial production since the Middle Ages, is known as the system of division of labour (...) the unit of labour is a group, not a man; the individual workman in this system is kept life-long at the performance of some task quite pretty in itself; and which he soon masters, and having mastered it has nothing more to do but to go on increasing his speed of hand under the spur of competition with his fellows, until he has become the perfect machine which it is his ultimate duty to become, since without attaining to that end he must die or become a pauper.³

Esta inovação tecnológica surgiu associada a condições económicas favoráveis, pois o mercado inglês caracterizava-se por uma grande flexibilidade. O país dispunha também dos minérios necessários à industrialização, como é o caso do carvão e do ferro. A política do *laissez faire*, assente no investimento livre e no individualismo económico, deu o seu contributo para acelerar o processo da industrialização, além de se terem observado mudanças importantíssimas na ciência, na filosofia, na religião e na legislação. A expansão dos mercados⁴ fez com que o comércio externo e interno se desenvolvessem, devido ao aumento da

³ William Morris, "The Hopes of Civilization", *News from Nowhere and Other Writings*, ed. Clive Wilmer (1890; London: Penguin, 1998) 317.

⁴ O comércio colonial foi fundamental para a expansão do mercado, pois registou-se um aumento significativo do comércio com a América do Norte e as Índias Ocidentais. Inglaterra necessitava dos produtos coloniais para assegurar o mercado interno, mas as colónias também precisavam dos produtos fabricados em Inglaterra. A este propósito consulte-se Eric Hobsbawm, *Industry and Empire The Birth of the Industrial Revolution* (1968; New York: The New P, 1999) 113-114.

população,⁵ à urbanização, à descida dos preços e à maior procura de produtos. As guerras que dominaram o panorama europeu, nesta altura, também favoreceram Inglaterra, por terem impedido o desenvolvimento dos restantes países.

A Revolução Industrial revolucionou a capacidade produtiva da Inglaterra, da Europa e até dos Estados Unidos, e foi muito além da introdução de novas máquinas que emitiam fumos e poluíam as cidades, do aumento da produtividade e da melhoria do nível de vida. De facto, não podemos esquecer o contexto histórico global, quando nos debruçamos sobre a Revolução Industrial, pois verificou-se uma expansão colonial, assim como um incremento das rivalidades imperialistas entre os países mais desenvolvidos. A Revolução Industrial influenciou o processo da industrialização, a nível mundial, e provocou, mais tarde, o crescimento dos movimentos nacionalistas e a própria consciencialização das desigualdades existentes entre os níveis de rendimento dos países ricos, ou industrializados, e os dos países mais pobres, ou assentes na agricultura. As sociedades inglesa, europeia e americana sofreram uma alteração profunda, tendo testemunhado a passagem de um sistema tradicional e agrário para o de uma economia industrial que se baseava nos pressupostos capitalistas. Consequentemente, assistiu-se à divisão entre dois mundos completamente antagónicos; a Revolução Industrial seria a chave das origens e da formação da sociedade moderna ocidental, ou seja, pode ser encarada como algo positivo, no sentido de ter contribuído para uma evolução considerável da sociedade.

No entanto, nem tudo foi bom, isto é, a Revolução Industrial teve consequências gravíssimas para a sociedade. Apesar da abundância dos bens materiais, o desenvolvimento intelectual tornou-se insatisfatório, como realça Thomas Carlyle: “England is full of wealth, of multifarious produce, supply for

⁵ Apesar de no século XVIII existir um interesse generalizado pelo aumento da população, esse interesse acaba por ser frustrado, devido à inexistência de dados credíveis. No entanto, as melhorias que se verificaram na agricultura, o que originou uma maior produção, foram responsáveis por este crescimento. Nos centros industriais, onde o processo de industrialização foi mais rápido, verificou-se um maior crescimento da população. Consulte-se E. A. Wrigley, *Poverty, Progress and Population* (Cambridge: Cambridge UP, 2004).

human want in every kind; yet England is dying of inanition.”⁶ A incidência nos lucros, na altura da Revolução Industrial, também é salientada por Eric Hobsbawn:

Arithmetic was the fundamental tool of the Industrial Revolution. Its makers saw it as a series of sums of addition and subtraction: the difference in cost between buying in the cheapest market and selling in the dearest, between cost of production and sale price, between investment and return.⁷

A Revolução Industrial foi, talvez, um dos acontecimentos mais importantes na história da humanidade e sempre esteve relacionada com algo fundamental: a fábrica. Andrew Ure, num artigo publicado pela primeira vez em 1835, refere-se ao conceito do termo:

The term Factory, in technology, designates the combined operation of many orders of work-people, adult and young, in tending with assiduous skill a system of productive machines continuously impelled by a central power. This definition includes such organizations as cotton-mills, flax-mills, silk-mills, woollen-mills, and certain engineering works; but it excludes those in which the mechanisms do not form a connected series, nor are dependent on one prime mover.⁸

Verificou-se, de facto, uma profunda alteração da sociedade, principalmente entre os finais do século XVIII e o início do XIX, que iria ter consequências importantíssimas para o destino das diversas comunidades, a nível mundial, directa ou indirectamente envolvidas no processo da industrialização: “The factory was the source of a considerable social life. Particular attention is

⁶ Thomas Carlyle, *Past and Present* (1843; New York: Everyman’s Library, 1960) 1.

⁷ E. Hobsbawn, *Industry* 57.

⁸ Andrew Ure, “The Blessings of the Factory System,” *Nature & Industrialization*, ed. Alasdair Clayre (Oxford: Oxford UP, 1977) 69.

paid to the ritual form of this life, a form that unified work and community life.”⁹ Como consequência, a fábrica adquiriu um papel fundamental no desenvolvimento de novas relações sociais, contribuindo, assim, para uma modificação da própria natureza e da ordem estabelecida. A Revolução Industrial provocou uma grande mudança social, segundo Eric Hobsbawn:

(...) it was not merely a process of addition and subtraction, but a fundamental social change. It transformed the lives of men beyond recognition. Or, to be more exact, in its initial stages it destroyed their old ways of living and left them free to discover or make for themselves new ones, if they could and knew how. But it rarely told them how to set about it.¹⁰

O operário fabril começou a estar no centro das relações de produção, ao contrário da sociedade pré-industrial, dominada pela figura do camponês.¹¹ Esta situação foi favorecida pelo movimento dos “enclosures”, associada à desertificação dos espaços rurais. O camponês tinha perdido grande parte dos seus direitos, principalmente o direito de acesso às pastagens comuns; o trabalho no campo tornou-se escasso e, por isso, viu que o melhor seria dirigir-se para as cidades à procura de melhores condições de vida. Este desejo era ainda maior entre aqueles que já não dispunham de trabalho no campo e que viam o seu estado de pobreza piorar:

⁹ Patrick Joyce, *Work, Society and Politics: The Culture of the Factory in Later Victorian England* (London: Methuen, 1980) 193.

¹⁰ E. Hobsbawn, *Industry* 58.

¹¹ Podemos considerar a existência de três fases distintas, relativamente aos meios de produção: indústria doméstica, manufactura e unidade fabril. Estas fases do processo de industrialização progressiva aliam-se à “expulsão” do camponês da comunidade rural, de forma a contribuir para a produção industrial. No início, o camponês controlava as relações sociais, e a família de camponeses trabalhava em casa, no seu próprio tear. Mais tarde, seria o detentor de capitais a controlar as relações estabelecidas, uma vez que possuía máquinas e se responsabilizava pela organização do trabalho. A passagem do sistema de produção doméstica para o da unidade fabril representou um grande salto qualitativo no desenvolvimento industrial, em Inglaterra. Tornou-se possível aumentar a produção de mercadorias e, assim, satisfazer rapidamente as necessidades crescentes de um mercado em forte expansão.

The temptation to go in search of work was still greater for unemployed labourers. In many localities the men in need of parochial relief were sent round from one farm to another for employment, part of their wages being paid from the poor rates. They formed thus a somewhat unsettled element, and were ready to go anywhere to find occupation, whenever they succeeded in evading the servitude imposed on them by the Poor Law, which bound the pauper to his parish.¹²

A Revolução Industrial e a consequente mudança das relações de produção foram antecedidas por uma revolução política e por diversas agitações ao nível de determinadas instituições. No século XVI, por exemplo, tinham ocorrido graves alterações entre o Parlamento e a Coroa: as Guerras Civis iniciadas em 1640 e a Revolução de 1688. Antes, a Revolução Industrial fora ainda precedida por uma revolução ideológica que alterara o pensamento religioso e o pensamento político: a Reforma Protestante. No século XVIII, surgiu a economia política como ciência e assistiu-se ao êxito do Iluminismo. Consequentemente, o homem considerava-se capaz de dominar e transformar a natureza, com o auxílio das novas invenções e dos aperfeiçoamentos tecnológicos.¹³

No entanto, de modo a tornar possível a industrialização, aguardou-se a altura ideal para o seu início, ou seja, a chegada de grandes quantidades de capital, destinadas ao investimento nas novas invenções tecnológicas e à criação de infra-estruturas indispensáveis ao estabelecimento de comunidades industriais consideráveis, como é o caso de estradas, portos, pontes, canais, entre outros.¹⁴ Esperou-se que as ideias de progresso da minoria se espalhassem a toda a sociedade. O desenvolvimento económico só foi possível devido ao facto de o mercado se ter expandido, com a descoberta de mercados acessíveis e de consumidores dispostos a comprar os produtos e os serviços em expansão. A

¹² Paul Mantoux, "The Destruction of the Peasant Village," *The Industrial Revolution in Britain*, ed. Philip A. M. Taylor (1958; Lexington: D. C. Heath and Co., 1970) 50.

¹³ Nino Salamone, *Causas Sociais da Revolução Industrial*, trad. Ana Falcão Bastos e Luís Leitão (Lisboa: Editorial Presença, 1980) 66.

¹⁴ Phyllis Deane, *The First Industrial Revolution* (Cambridge: Cambridge UP, 1974) 237.

Revolução Industrial caracterizou-se, na realidade, por uma série de desenvolvimentos, por exemplo, a expansão do comércio doméstico, estrangeiro e colonial, o aperfeiçoamento das finanças, o progresso dos equipamentos industriais e as descobertas científicas.

Por volta de 1760, uma onda de inovações tecnológicas varreu Inglaterra, ao nível da agricultura, dos transportes, das indústrias, das finanças e dos negócios. Este acelerar do desenvolvimento pode ser comprovado nas listas intermináveis de novas patentes, nas estatísticas da produção e das exportações e ainda na subida galopante dos preços. Foi essencialmente ao nível das indústrias têxteis que se verificaram os avanços tecnológicos mais significativos. Kay apresentou a lançadeira volante, em 1733; Arkwright introduziu a roda de fiar contínua, em 1769; de seguida, James Hargreaves foi responsável pela invenção da máquina de fiar, na qual uma mulher podia fiar 80 fios ao mesmo tempo (no início, apenas 6 ou 7); Crompton introduziu a fiadeira, em 1779; e Kelly inventou a fiadeira automática, em 1792.¹⁵

No entanto, estas invenções só puderam contribuir para a revolução da indústria, devido à máquina a vapor de James Watts. A nova criação de 1769 funcionaria como o motor que transformaria a totalidade da economia: foi responsável pela grande procura de combustível; proporcionou emprego a multidões de construtores de barcos, a mineiros e a marinheiros; fomentou a construção de canais e caminhos-de-ferro; promoveu o desenvolvimento das indústrias; fez com que a produção saísse mais barata; mas também contribuiu para que os terrenos férteis não fossem cultivados.¹⁶

A máquina de fiar, aplicada, com sucesso, primeiro em Nottingham e depois em Lancashire, também foi indispensável para a revolução verificada na indústria, na medida em que os procedimentos utilizados na fiação foram radicalmente alterados, de modo a possibilitar o aumento da produção. Por ser extremamente prática, devido ao tamanho reduzido, ao facto de ser barata, fácil de

¹⁵ T.S. Ashton, *The Industrial Revolution 1760-1830* (Oxford: Oxford UP, 1997) Chapter 3.

¹⁶ T.S. Ashton Chapter 3.

construir e precisar de pouca força para funcionar, encaixava-se perfeitamente no sistema doméstico de produção e fortalecia a economia familiar. Para além disso, a fiandeira podia trabalhar em sintonia com o tecelão, tornando viável a produção de mais fio e contrariando a tendência que tinha existido até então: escassez de fio. Assim, a procura de tecelões aumentou de forma considerável, a profissão foi valorizada e os salários melhoraram. Entretanto, as máquinas começaram a ser instaladas em edifícios fabris enormes e a ser accionadas pela força hidráulica, o que tornou possível a redução do número de operários, assim como a diminuição do preço do fio em relação aos fiandeiros individuais que trabalhavam a sua máquina manualmente. De facto, a máquina de fiar sofreu várias actualizações e aperfeiçoamentos. Mais tarde, Richard Arkwright produziu o urdidor hidráulico, ao contrário da máquina de fiar, necessitava de uma força superior à dos músculos humanos, o que fez com que a invenção fosse apenas utilizada nas fábricas ou unidades fabris.¹⁷

De seguida, Samuel Cropton surgiu com “the Mule”, que necessitava da energia do vapor para funcionar,¹⁸ ou seja, a máquina a vapor de Watts seria útil ao seu funcionamento. Estas novas invenções constituíram uma concorrência desleal em relação às indústrias familiares, mas, no início, não colocaram em risco a situação financeira das famílias, tal como defende T.S. Ashton:¹⁹

The women and children who had spun on the jenny in their own homes found it difficult to compete with the power-driven machines, and, from the early nineties, many began to learn from their menfolk how to weave the calicoes, muslins, and cambrics that were now demanded. At the

¹⁷ Ivy Pinchbeck, *Women Workers and the Industrial Revolution 1750-1850* (1930; London: Virago P, 1966) Part II, Chapters VI, VII and VIII.

¹⁸I. Pinchbeck 116.

¹⁹ Este autor salientou os aspectos materiais e económicos em que assentou a Revolução Industrial, mas foi mais além, ao destacar o alargamento dos horizontes culturais do homem, devido à nova concepção científica do universo e ao comércio com outras civilizações e culturas. Também considerava que Inglaterra possuía uma sociedade e uma cultura relativamente desenvolvidas, no século XVIII. Como consequência, não foi uma surpresa o facto de Inglaterra ter sido o local ideal para o desenvolvimento das novas invenções tecnológicas.

same time the steam engine and the mule were being applied to the spinning of cotton. The first made it possible to set up factories in the towns, where labour was more plentiful, and the second created a need for a new type of labour in spinning. The mule called for both strength and skill beyond that of a child, and many of the weavers now handed over their looms to their wives and took to factory employment. The occupations of the sexes were reversed, but the family economy remained intact.²⁰

As várias invenções sofreram aperfeiçoamentos sucessivos e contribuíram para o sucesso do trabalho mecânico em relação ao manual, mas também foram responsáveis pela redução dos trabalhadores, em determinadas áreas de produção. Previsivelmente, verificou-se uma queda rápida e acentuada dos preços dos produtos manufacturados, o aumento do movimento de capitais e da riqueza nacional, a expansão nos mercados internacionais, assim como o crescimento do proletariado,²¹ que se sentia cada vez mais desanimado e exaltado devido à insatisfação crescente.

O primeiro prodígio da industrialização surgiu em Inglaterra, de uma forma espontânea, na medida em que não houve nenhum plano pré-estabelecido; foi, sim, o resultado das operações empreendidas por uma série de empresas comerciais bem organizadas e competitivas que tinham como objectivo primordial a obtenção de lucros. Neste contexto, o processo da industrialização inglesa surgiu aliado ao próprio desenvolvimento do capitalismo. O país apenas deu o seu consentimento à Revolução Industrial e serviu como anfitrião de um dos maiores acontecimentos da história da humanidade: “A Grã-Bretanha foi o primeiro dos países industriais, o palco clássico para a transformação de uma economia agrária

²⁰ T. S. Ashton 93.

²¹ O proletariado surgiu em Inglaterra com a introdução da máquina. O facto de se ter verificado uma expansão rápida da indústria fez com que houvesse necessidade de mais trabalhadores, que vieram das zonas agrícolas e afluíram às grandes cidades, contribuindo, assim, para um aumento surpreendente da população, especialmente na classe operária. Veja-se a este propósito Friedrich Engels, *A Situação da Classe Trabalhadora em Inglaterra*, trad. Conceição Jardim e Eduardo Lúcio Nogueira (1845; Lisboa: Editorial Presença, 1975) 15.

tradicional numa sociedade urbana assente na tecnologia da máquina.”²² Como Inglaterra possuía condições favoráveis aos níveis físico, social e cultural, foi possível a ocorrência antecipada da Revolução Industrial em relação a outros países europeus, como é o caso de França:

A revolução industrial nasceu em Inglaterra, mais de cem anos antes da que iria ter lugar em França. Um complexo conjunto de factores explica esta precocidade: o repentino e forte crescimento demográfico de finais do século XVIII e inícios do século XIX, o desenvolvimento dos mercados, a presença de carvão e de ferro, um clima húmido favorável à indústria algodoeira, além de uma mão-de-obra que a revolução na agricultura disponibiliza (...)²³

Para além das condições naturais, o agricultor inglês, por exemplo, podia facilmente deslocar-se do seu local e vender os seus produtos, enquanto que o francês pagava impostos e enfrentava várias restrições. O governo inglês permitia que a economia doméstica funcionasse com poucas restrições, encorajava o mercado livre, bem como as inovações tecnológicas.

Como consequência, o facto de a Revolução Industrial se ter iniciado em Inglaterra não foi obra do acaso, na medida em que o país beneficiou de um grande desenvolvimento tecnológico e científico e dispunha das condições ideais para o sucesso:

But the right conditions were visibly present in Britain, where more than a century had passed since private profit and economic development had become accepted as the supreme objects of government policy. For practical purposes the uniquely revolutionary British solution of the agrarian problem had already been found. (...) Farming was already

²² Tom Kemp, *A Revolução Industrial na Europa do Século XIX*, trad. José Marcos Lima (Lisboa: Edições 70, 1985) 17.

²³ Patrick Beillevaire, *História da Família*, trad. Ana Silva, vol. 4 (Lisboa: Terramar, 1999) 6.

predominantly for the market; manufacture had long been diffused throughout an unfeudal countryside. Agriculture was already prepared to carry out its three fundamental functions in an era of industrialization: to increase production and productivity, so as to feed a rapidly rising non-agricultural population; to provide a large and rising surplus of potential recruits for the towns and industries; and to provide a mechanism for the accumulation of capital to be used in the more modern sectors of the economy.²⁴

Inglaterra dispunha de condições naturais favoráveis a um arranque industrial, como é o caso das minas de carvão e ferro, dos cursos de água navegáveis (por exemplo, os rios Trent e Severn) e dos canais, que favoreciam e tornavam mais barato o transporte dos minérios existentes no país, pois possibilitavam o acesso ao coração da indústria. No entanto, a capacidade para explorar esses recursos naturais esteve dependente, desde o início, de uma estrutura social e económica aberta a novos investimentos e capaz de os apoiar:

As well as possessing a tractable labour force swelling to meet the demands of industry, England boasted a socio-economic infrastructure ripe to support the enterprise of manufacturers. Systems of credit, bill-broking and banking permitted growth in scale; road, river and sea links and haulage services sped distribution. Chains of wholesalers, middlemen and shops hooked up supply to demand.²⁵

Inglaterra dispunha ainda de outro tipo de vantagens e de manufacturas espalhadas pelo país:

The political and moral advantages of this country, as a seat of manufactures, are not less remarkable than its physical advantages. The

²⁴ Eric Hobsbawn, *The Age of Revolution 1789-1848* (1962; New York: Vintage Books, 1996) 31.

²⁵ Roy Porter, *English Society in the Eighteenth Century* (London: Penguin, 1991) 317.

arts are the daughters of peace and liberty. In no country have these blessings been enjoyed in so high degree, or for so long a continuance, as in England. Under the reign of just laws, personal liberty and property have been secure; mercantile enterprise has been allowed to reap its reward; capital has accumulated in safety (...) ²⁶

Três desenvolvimentos tecnológicos foram fulcrais para o desenvolvimento da indústria inglesa: o surgimento de uma nova tecnologia para o carvão e para o ferro, a mecanização da indústria têxtil e a introdução da máquina a vapor. Assim, foi possível investir nas novas invenções tecnológicas que, para além de tornarem os produtos acessíveis, multiplicavam os mercados. Apesar de não possuir mais inventores, em relação aos restantes países europeus, Inglaterra foi de uma eficácia surpreendente na aplicação das invenções tecnológicas às indústrias recentemente criadas. O facto de o Estado não apoiar financeiramente as invenções tecnológicas tornou possível o investimento privado e a aposta nos novos inventores. ²⁷

O capital era utilizado nas inovações da indústria e da agricultura, na drenagem de terrenos, nos novos meios de transporte, nas estradas, nos canais e nos caminhos-de-ferro. Tendo em consideração que o fundamental era comprar ao menor preço possível e vender de forma a obter o maior lucro possível, os empresários e os investidores privados tornaram exequível um dos maiores acontecimentos históricos da humanidade. ²⁸

A fim de favorecer o nacionalismo económico, o Estado inglês promovia o desenvolvimento do comércio, fomentado ainda pela expansão do império e pelo poderio naval. ²⁹ A própria estrutura social de Inglaterra caracterizava-se pela

²⁶ Steven Kreis, "The Origins of the Industrial Revolution," *The History Guide*. 16 Abril 2006. <[Http://www.historyguide.org/intellect/lecture17a.html](http://www.historyguide.org/intellect/lecture17a.html)>.

²⁷ Após 1750, surgiu uma rede nacional de bancos, corretores de câmbio e outros intermediários, com o objectivo de apoiar as transacções necessárias para a Revolução Industrial.

²⁸ T.S.Ashton Chapter 4.

²⁹ O comércio externo favoreceu a Revolução Industrial, na medida em que privilegiou o desenvolvimento da economia, influenciou o nível de riqueza e a própria expansão dos mercados existentes.

flexibilidade. Os grupos religiosos estimulavam o desenvolvimento do comércio, principalmente os protestantes não conformistas, que relacionavam os princípios teológicos com a ética social e com o activismo económico.

O crescimento económico seria responsável pelo aumento populacional,³⁰ que teve como consequência uma grande concentração da população nas cidades industriais, assim como a necessidade de produzir cada vez mais produtos, de forma a satisfazer as carências da população. O paralelismo entre a industrialização e a urbanização tornou necessário fazer investimentos de ordem social: água, rede de esgotos, saúde, pavimentação de ruas e iluminação, tudo isto inovador, pois, nas sociedades rurais, nunca tinham existido tais necessidades. A capacidade da agricultura para alimentar a “explosão” da população fez com que houvesse mão-de-obra suficiente para acelerar o processo da industrialização. A melhoria na alimentação e nos transportes contribuiu para colmatar o problema da fome, reduzindo a taxa de mortalidade, ao passo que os índices de mortalidade devido às pragas, à tuberculose, à varíola e à gripe também diminuíram. Para além disso, a própria taxa de fertilidade dos casais aumentou, quando comparada com a dos outros países europeus. Tal facto pode ser explicado pela diminuição do celibato e pelo aumento dos casamentos entre jovens, que começaram a tornar-se independentes mais cedo, uma vez que já ganhavam o seu próprio ordenado. Nas áreas com mais oportunidades de emprego, o número de casamentos aumentou, pelo facto de a situação económica dos trabalhadores ter melhorado.³¹

A industrialização foi, efectivamente, rápida, devido aos seguintes factores: uma economia forte, uma agricultura eficiente, um sistema de distribuição eficaz, um mercado em desenvolvimento, um aumento significativo da população e uma expansão dos mercados internacionais. Em simultâneo, começar um negócio parecia relativamente fácil, pois as máquinas continuavam a

³⁰ Nas primeiras décadas do século XIX, verificou-se um aumento extremamente rápido da população, pois, devido à melhoria das condições de vida, verificou-se uma acentuada diminuição da taxa de mortalidade e não propriamente um aumento dos nascimentos: Peter Mathias, *The First Industrial Nation* (London: Methuen, 1974) 187.

³¹ P. Mathias 192.

ser baratas e até um pouco rudimentares.³² Todavia, as indústrias da época já ofereciam lucros fabulosos, acentuados pelo facto de o mercado mundial ser monopolizado por Inglaterra. O objectivo do país consistia no fornecimento de algodão a todo o mundo, o qual era fiado e tingido no norte do país, em condados como o de Lancashire. Este monopólio manteve-se até ao final do século XIX, quando foi ultrapassado pelo Japão, pelos Estados Unidos e pela Alemanha.³³

A Revolução Industrial mudou não só as relações sociais, económicas e políticas de Inglaterra, mas também a própria paisagem após 1750,³⁴ devido às indústrias têxteis, aos canais, às pontes, ao caminho-de-ferro e à máquina a vapor de Boulton e Watt, que reduziu consideravelmente o consumo de combustível em mais de dois terços para a mesma produção.³⁵ Apesar de algumas mudanças serem uma consequência directa das inovações tecnológicas, outras ocorreram devido ao ritmo acelerado do crescimento económico e às novas formas de organização social.³⁶ Em 1790, a paisagem característica da Revolução Industrial já estava definida; após essa data, o ritmo da actividade económica acelerou e a taxa de crescimento populacional aumentou, ou seja, a presença industrial, na paisagem, aumentou de forma considerável.³⁷

Talvez se deva a esta mudança tão radical na paisagem o facto de alguns autores se virarem para a Arte. John Ruskin, por exemplo, acusava Inglaterra de ser um país sem Arte, pois a Revolução Industrial fazia com que os interesses materiais fossem mais importantes do que os espirituais ou os artísticos, não respeitava o indivíduo e fazia-o viver em condições desumanas, como defende em *Lectures on Art*:

³² R. Porter 322.

³³ R. Porter Chapter 8.

³⁴ Francis D. Klingender refere-se ao Condado de West Midlands, em especial ao sul de Staffordshire, como “Black Country”, devido ao fumo espesso que saía pelas chaminés das indústrias metalúrgicas e do ferro.

³⁵ Francis D. Klingender, *Art and the Industrial Revolution* (London: Royle Publications, 1947) 4.

³⁶ R. Porter Chapter 8.

³⁷ Barrie Trinder, *The Making of the Industrial landscape* (London: Phoenix, 1998) Chapter 3.

To get your country clean, and your people lovely; — I assure you that is a necessary work of art to begin with! There has been art in countries where people lived in dirt to serve God, but never in countries where they lived in dirt to serve the devil. (...) never in a country where the people were pale with miserable toil and deadly shade, and where the lips of youth, instead of being full with blood, were pinched by famine, or warped with poison.³⁸

Nesta altura, muitos estrangeiros que visitaram Inglaterra ficaram surpreendidos com o carácter assustador da paisagem industrial, tendo registado as suas impressões:

If industrial structures could be seen as examples of the spectacular, like volcanoes or deep rocky clefts, they could also be viewed as means of taming hostile natural environments. While to some people in the late eighteenth century the wildness of a landscape was itself attractive and satisfying, to others it posed a challenge to reduce chaos to order.³⁹

Nos museus britânicos existe um espólio artístico riquíssimo, composto por quadros que ilustram as mudanças operadas na paisagem pela industrialização. Francis Klindenger refere que as minas, as fábricas, a revolução no sistema de transportes inspiraram vários artistas do período. Francis Jukes, por exemplo, retratou uma excursão a um canal, algo muito habitual na época.⁴⁰ Os canais também serviram de fonte de inspiração a Constable.⁴¹ Ford Madox Brown pintou um conjunto de doze murais, de forma a ilustrar alguns aspectos essenciais da Revolução Industrial: *Murals in Manchester Town Hall* (1878-92).⁴² Outros

³⁸ John Ruskin, *Lectures on Art* (1870; New York: Allworth Press, 1996) 151.

³⁹ B. Trinder 96.

⁴⁰ F. Klindenger 84.

⁴¹ F. Klindenger 85.

⁴² F.Klindenger 220-221.

quadros da autoria do mesmo autor intitulam-se *Work* (1852-63) e *The Last of England* (1852-55). Nestes dois últimos trabalhos,⁴³ o pintor exprimiu experiências típicas da vida inglesa durante a Revolução Industrial.⁴⁴ De facto, a pintura constitui um testemunho importantíssimo do que ocorreu na época, na medida em que os artistas se voltaram para a realidade contemporânea como fonte de inspiração.

O mesmo autor menciona que Turner deu uma visão global da Revolução Industrial no quadro *Newcastle-on-Tyne* (1823).⁴⁵ O rio e a ponte antiga estão em sintonia com a igreja e a fábrica, ou seja, parece existir uma harmonia perfeita entre a Inglaterra tradicional (anterior à Revolução Industrial) e a Inglaterra moderna (contemporânea da industrialização).

Joseph Wright,⁴⁶ simultaneamente pintor e filósofo, centrou-se na mudança da paisagem, pois constatou que as novas indústrias, espalhadas por todo o lado na sua região natal (Derby), estavam a ser responsáveis pela diminuição da luz e ofereciam um cenário completamente diferente. Ainda de acordo com Klindenger, os “quadros industriais” do pintor salientam-se devido ao seu interesse pelo trabalho enquanto processo e tiveram uma função importantíssima: as imagens industriais e científicas deixaram de pertencer às ilustrações técnicas e passaram a fazer parte das artes. Realça também que, no quadro de Jan Bruegel,

⁴³ Segundo Francis Klindenger, o primeiro dos quadros está exposto na Manchester Art Gallery, enquanto que o segundo ora se encontra na Birmingham Gallery, ora na Tate Gallery. Ford Maddox Brown exerceu uma grande influência num grupo de artistas que seguiam os passos dos Pré-Rafaelitas, principalmente naqueles que viviam na província. Juntamente com outros artistas, estabeleceu uma relação importantíssima entre a Arte enquanto documento da Revolução Industrial e a Arte Continental, que surgiu na segunda metade do século XIX e reflectia já a influência crescente dos ideais socialistas. (F. Klindenger 147-150.)

⁴⁴ F. Klindenger 147.

⁴⁵ F. Klindenger 85.

⁴⁶ Klindenger informa que Joseph Wright nasceu em Derby, em 1734. Foi muito influenciado, nos seus estudos sobre luz artificial, pelos Holandeses, principalmente por Godfried Schalken. “Three Persons viewing the Gladiator by Candle-light” (1765), “A Philosopher giving that Lecture on the Orrery in which a Lamp is put in the Place of the Sun” (1766) e “Philosopher showing an Experiment with an Air-Pump” (1768) foram exposições bem sucedidas. Na sua pintura, havia uma íntima relação entre a ciência e a indústria. Muitas das suas personagens surgem associadas ao trabalho produtivo, pois houve um interesse crescente pela vida do quotidiano. (F. Klindenger 46-47.)

Venus at the Forge of Vulcan (1641), as figuras mitológicas nuas de Vénus, Cupido e Vulcão ocupam um canto da tela, dominada pelas ruínas de um palácio romano, com o Monte Etna ao fundo, onde se encontram mineiros a trabalhar.⁴⁷

A mina de Colebrookdale, por exemplo, exerceu um grande fascínio sobre os artistas, pois tinha um carácter único, por combinar as inovações tecnológicas da era industrial com uma paisagem romântica, o que constituía o cenário perfeito para estudar o novo relacionamento estabelecido entre o homem e a natureza modificada pela industrialização.⁴⁸ Esta imagem foi-nos transmitida, por exemplo, por Turner, em *Colebrook Dale. View of the lime kilns* (1825)⁴⁹, e por John Sell Cotman, em *Water-colour drawing of Bedlam Furnace* (1802).⁵⁰ Efectivamente, o pintor do século XIX tinha uma forte tendência para aparecer nos locais onde surgiam novidades dos novos avanços da engenharia. Klindenger destaca ainda que existem obras plásticas que podem ser apreciadas nos vários museus, espalhados pelo Reino Unido, como é o caso de uma aguarela, onde figura a paisagem das minas de Anglesea, da autoria de Julius Caesar Ibbetson, que se encontra no Museu Nacional do País de Gales, em Cardiff.

A imagem da Revolução Industrial chegou a ser associada ao Inferno por John Martin.⁵¹ De acordo com os quadros do pintor, a fábrica surgia como um local horrendo, responsável por todos os males dos trabalhadores. Esta ideia é reforçada por E. P. Thompson, quando afirma que a nova sociedade industrial deu lugar a novas relações de produção, assim como a uma nova imagem:

(...) it is the time of the 'dark, satanic mill which dominates our visual reconstruction of the Industrial Revolution. In part, perhaps, because it is a dramatic visual image – the barrack-like buildings, the great mill chimneys, the

⁴⁷ F. Klindenger 49.

⁴⁸ F. Klindenger 81-82.

⁴⁹ F. Klindenger 176.

⁵⁰ F. Klindenger 80.

⁵¹ John Martin fez várias exposições na Academy and British Institution, entre 1812 e 1853. Dos seus quadros, destaco, devido à relevância que têm para o estudo deste tema, *The Road to Hell* (1824), *The Palace of Pandemonium* (1824) e *The Hollow deep of Hell* (1827). Veja-se F. Klindenger 104-108.

factory children, the clogs and shawls, the dwellings clustering around the mills as if spawned by them. (It is an image which forces one to think first of the industry, and only secondly of the people connected to it or serving it.)⁵²

⁵² E. P. Thompson, *The Making of the English Working Class* (Harmondsworth: Penguin, 1968) 210.

CAPÍTULO I

CONDIÇÕES DE VIDA E DE TRABALHO

In the end, it is the political context as much as the steam engine, which had most influence upon the shaping consciousness and institutions of the working class.

E. P. Thompson, *The Making of the English Working Class*

A Revolução Industrial teve um grande impacto na transformação da sociedade inglesa, pois as mudanças efectuadas foram rápidas e desorganizadas:

The first thirty years of the nineteenth century were the critical period of the industrial revolution. The great inventions of the preceding age had started a number of changes in technique and organization which had hitherto developed more or less in isolation without transforming the character of the economy as a whole. Now, all these changes coalesced, like metals in a crucible forming a new alloy, and the ancient timber economy was at last replaced by the age of coal and iron.⁵³

A Revolução Industrial provocou alterações na vida de todos os grupos sociais, na medida em que os camponeses, os artífices, os mineiros e os operários tiveram de se ajustar a um estilo de vida completamente diferente, nem sempre bem aceite:

Muitos entravam nas fábricas com grande relutância. Para os artífices respeitáveis, as fábricas pareciam estar a atrair operários do mais baixo estofo e tais estabelecimentos começaram a ser considerados quase como prisões ou asilos. Os males sociais das fábricas, das cidades fabris e das

⁵³ F. Klingender 88.

mineiras, e as tragédias dos trabalhadores domésticos agora desempregados estavam entre os primeiros aspectos da nova ordem que requeria a atenção dos reformadores.⁵⁴

Uma das principais consequências foi o surgimento de uma nova classe social – “the working class”, o proletariado. O seu aparecimento constituiu um fenómeno político, cultural, económico e histórico, não a consequência directa do surgimento da fábrica, como é defendido por E. P. Thompson:

The making of the working class is a fact of political and cultural, as much as of economic, history. It was not the spontaneous generation of the factory system (...) The changing productive relations and working conditions of the Industrial Revolution were imposed, not upon raw material, but upon the free-born Englishman – and the free-born Englishman – and the free-born Englishman as Paine had left him or as the Methodists had moulded him.⁵⁵

No entanto, a vida das classes mais favorecidas pelo desenvolvimento e pelo bem-estar não sofreu grandes alterações; a sua riqueza foi inclusivamente aumentada, devido aos lucros incalculáveis, obtidos pela venda de propriedades para possibilitar a construção do caminho-de-ferro, a exploração das minas e a ampliação das cidades. No início do processo da industrialização, o prestígio social e o poderio político destas classes mantiveram-se inalterados, devido à sua adaptação aos métodos económicos utilizados pela classe média, o que tornou possível uma maior rentabilização dos negócios. Contudo, não estavam muito sensibilizadas para os problemas dos que viviam em pobreza extrema, sendo incapazes de agir de forma a proporcionar-lhes uma vida mais digna:

⁵⁴ O. Henderson, *A Revolução Industrial História Ilustrada da Europa*, trad. Maria Ondina (Lisboa: Editorial Verbo, 1969) 122.

⁵⁵ E. P. Thompson 130.

There is, indeed, a relation between the Industrial Revolution as a provider of comforts and as a social transformer. Those classes whose lives were least transformed were also, normally, those which benefited most obviously in material terms (and vice versa), and their failure to grasp what was troubling the rest, or to do anything effective about it, was due not only to material but also to moral contentment. Nobody is more complacent than a well-off or successful man who is also at ease in a world which seems to have been constructed precisely with persons like him in mind.⁵⁶

1. Um Novo Estilo de Vida

Embora a Aristocracia e a classe média se mostrassem satisfeitas com os resultados da Revolução Industrial, a classe trabalhadora viu-se forçada a enfrentar condições de vida extremamente difíceis, pois o trabalho nas novas unidades fabris impunha regras rígidas, assim como tarefas rotineiras e monótonas. Na sociedade pré-industrial, o ciclo das estações e o tempo atmosférico afectavam o ritmo do trabalho, ou seja, a rotina imposta pelo relógio não estava ainda instituída. Assim, os trabalhadores sentiram grandes dificuldades na adaptação ao ritmo imposto pelas indústrias, as quais tinham como principal objectivo aumentar a produção, de forma a gerar o maior lucro possível.

De facto, o novo tipo de vida fez com que os trabalhadores sentissem saudades do estilo de vida calmo:

The economic organisation of the family still made all hands necessary in order for them to survive. Men and women looked back with nostalgia to the time when they all worked at home. It was not that the conditions of production at home were good but they were still often preferable to factory work. (...) The new machines had to be minded and operated by

⁵⁶ E. Hobsbawn, *Industry* 58.

workers who would submit to a different rhythm of work from the long but irregular hours of domestic industry.⁵⁷

A vida tranquila seria alterada durante a Revolução Industrial, com a privação de todos os apoios a que estavam habituados, sendo atirados para as cidades, que cresceram sem as infra-estruturas necessárias para alojar os operários, completamente desprotegidos.

Nas novas unidades fabris, os patrões olhavam-nos como apêndices das máquinas, ou seja, não os respeitavam enquanto seres humanos, servindo apenas para a produção e consequente aumento da fortuna dos detentores dos meios de produção. Como consequência, os trabalhadores sentiram imensas dificuldades em se adaptar à disciplina imposta pela fábrica, pois no passado estavam habituados a descansar. Na fábrica, isso era impensável, já que as máquinas exigiam uma atenção constante, o que se traduzia numa forma de escravatura.⁵⁸

Com a industrialização, a cidade industrial e a fábrica tornaram-se instituições sociais. Exigiam novas formas de comportamento social e fizeram com que os trabalhadores tivessem de adoptar uma nova atitude em relação ao próprio trabalho. Embora habituados a tarefas sazonais e irregulares, tiveram de se habituar a outras mais regulares, onde imperava a disciplina e a rotina.⁵⁹ Elizabeth Gaskell, em *North and South*, refere-se precisamente ao carácter repetitivo do trabalho industrial:

Meanwhile, at Milton the chimneys smoked, the ceaseless roar and mighty beat and dizzying whirl of machinery, struggled and strove perpetually. Senseless and purposeless were wood and iron and steam in their endless labours; but the persistence of their monotonous work was

⁵⁷ Sheila Rowbotham, *Hidden from History: 300 Years of Women's Oppression and the Fight against it* (Bristol: Pluto P, 1974) 28.

⁵⁸ F. Engels 242.

⁵⁹ Hobsbawm, *Industry* Chapter 4.

rivalled in tireless endurance by the strong crowds, who, with sense and with purpose, were busy and restless in seeking after-what?...⁶⁰

O factor “tempo” adquiriu um significado completamente novo, na medida em que o operário tinha de chegar pontualmente ao local de trabalho, sendo forçado a laborar durante muitas horas, por ter um supervisor que tudo observava, podendo ser multado se não respeitasse as regras laborais. Para além de adoptarem uma nova atitude em relação ao trabalho, os assalariados também adoptaram uma postura diferente perante o entretenimento e a vida familiar:

If the new industrial workers, whether they were employed in factories or not, had to develop a new attitude towards work, they also had to develop a new attitude towards leisure and home life. Many of them continued to try to secure as much leisure as they could, on what was known as St Monday, for instance, a day of large-scale absenteeism, but they had to fall back restlessly on the very restricted and usually escapist outlets for leisure in new urban communities.⁶¹

As novas indústrias transformaram os utensílios em máquinas, as pequenas oficinas em grandes fábricas, a classe média baixa em proletariado e os negociantes em fabricantes de produtos. Como consequência, verificou-se o quase desaparecimento da classe média, o que gerou uma antítese restritiva entre os capitalistas e os operários. No entanto, os industriais não se preocupavam com os interesses dos trabalhadores, tal como afirma Friedrich Engels:

Mas a classe média inglesa e, em particular, a classe industrial, que enriquece directamente com a miséria dos trabalhadores, persiste em ignorar esta miséria. Esta classe, que se sente forte, que se julga representativa da nação, tem vergonha de se pôr a nu, aos olhos do

⁶⁰ Elizabeth Gaskell, *North and South* (1854-5; Oxford: Oxford UP, 1982) 418.

⁶¹ Asa Briggs, *The Age of Improvement* (1959; London: Longman, 2000) 53.

mundo, esta chaga no seio da Inglaterra. Ela não quer confessar que os operários são miseráveis, pois ela, a classe industrial proprietária, deverá arcar com a responsabilidade moral desta miséria.⁶²

2. O Trabalho

No período anterior à introdução das novas máquinas, tanto a fiação como a tecelagem processavam-se nas casas dos trabalhadores, situadas maioritariamente no campo, mas próximo das cidades. O rendimento do trabalho assegurava a subsistência da família, na medida em que a dispersão das indústrias domésticas contribuía para a não-existência de concorrência entre os trabalhadores. A sobrevivência era assegurada pelos frutos da horta e pelo direito de aceder aos pastos comunais. Os trabalhadores tinham acesso directo aos meios de produção e organizavam-se a nível familiar, devido às vantagens que o sistema lhes oferecia, tal como é referido num documento parlamentar de 1806:

Your Committee cannot wonder that the Domestic Clothiers of Yorkshire are warmly attached to their accustomed mode of carrying on the manufacture: It is not merely that they are accustomed to it – it obviously possesses many eminent advantages seldom found in a great manufacture.

(...) the facilities it affords to men of steadiness and industry to establish themselves as little Master Manufacturers, and maintain their families in comfort by their own industry and frugality; and to the encouragement which it thus holds out to domestic habits and virtues.⁶³

Estes trabalhadores produziam apenas o que consideravam indispensável para o auto-consumo, ou então forneciam os mercados locais. Tinham, portanto,

⁶² F. Engels 35.

⁶³ “The Factory System and the Domestic System,” *Nature & Industrialization*, ed. Alasdair Clayre (Oxford: Oxford UP, 1977) 65-66.

uma vida tranquila e uma situação material razoável; trabalhavam o necessário para assegurar um nível de vida satisfatório; dispunham de tempo livre para descansar e para se distraírem com os amigos, ou seja, jogavam “cricket”, chinquinho, etc.⁶⁴ A classe dos trabalhadores, os quais eram também agricultores, foi desaparecendo, de forma gradual, na medida em que estes passaram a viver apenas do seu salário e deixaram de possuir ou arrendar pequenas propriedades. Com a Revolução Industrial, os trabalhadores pobres assistiram à destruição do seu mundo tradicional, sem qualquer tipo de compensação. Na era industrial, o trabalho processava-se no ambiente da grande cidade, embora muitas das actividades ainda se desenvolvessem em aldeias industrializadas de tecelões e mineiros.

Anteriormente, o ritmo de trabalho estava dependente das estações do ano e da variedade das tarefas, ainda sem divisão racional:

Industry brings the tyranny of the clock, the pace-setting machine, and the carefully-timed interaction of processes: the measurement of life not in seasons (...) or even in weeks and days, but in minutes, and above all a mechanical *regularity* of work which conflicts not only with addition, but with all the inclinations of a humanity as yet unconditioned into it.⁶⁵

No entanto, o pequeno camponês seria destruído pela concorrência das grandes explorações rurais e teria de abandonar a sua exploração rumo às grandes cidades. Assim, verificou-se um corte com as relações sociais tradicionais, pois foi forçado a abandonar as terras, o que aumentou a sua dependência:

⁶⁴ Ao longo dos tempos tem havido muita confusão acerca das condições de vida e de trabalho. Há quem considere que Inglaterra tinha melhores condições antes da Revolução Industrial, ou seja, a vida rural tornava-se menos difícil do que a vida citadina, trabalhar por conta própria era melhor do que trabalhar para um patrão, o trabalho infantil e o feminino constituíam uma novidade. Consequentemente, o sistema doméstico de produção acabava por ser preferível ao sistema fabril. Contudo, as condições de vida no meio rural caracterizavam-se por ser igualmente deploráveis, pois a miséria não surgiu apenas com a Revolução Industrial.

⁶⁵ E. Hobsbawn, *Industry* 64.

Privado das terras comunais e das economias auxiliares que estas representavam, o primeiro não pode deixar de depender cada vez mais do comerciante-empresário, que lhe permite viver da fiação e da tecelagem e que se lhe impõe dadas as crises recorrentes devidas às menores possibilidades de viver da terra. A actividade têxtil transforma-se de secundária em primária, e depois em exclusiva com a transferência definitiva do camponês para a cidade. O tear torna-se primeiramente uma garantia para o comerciante e depois um instrumento que pertence a este último; o passo decisivo é a transformação do camponês em operário fabril ou, alternativamente, em assalariado agrícola.⁶⁶

Num espaço de tempo relativamente curto, o espaço rural assistiu a uma desertificação progressiva e ao empobrecimento generalizado da população, que se sentia desmoralizada com as condições de vida, pois foram-lhe retirados os próprios frutos do seu trabalho. Os camponeses perderam a segurança a que estavam habituados, enquanto os habitantes das cidades industriais assistiam a uma degradação constante das condições de vida e de trabalho.

Antes do início da industrialização, a família tinha um papel preponderante, na medida em que funcionava como um núcleo de aprendizagem e de transmissão do saber, de geração em geração. No entanto, a introdução das máquinas eliminou a necessidade deste tipo de aprendizagem, sendo apenas necessário controlar o seu funcionamento. Assim, a oficina e a fábrica passaram a ser os locais de aprendizagem, ou seja, a sabedoria dos mais velhos deixou de ser necessária. A família continuou a dominar a vida vitoriana, mesmo durante o processo da industrialização. Todavia, vários factores ameaçaram a sua integridade, pois as mulheres começaram a trabalhar, os mais jovens tornaram-se independentes mais cedo, o alojamento continuou a ser mau, a bebida tornou-se um vício frequente e registou-se um declínio da prática religiosa.

⁶⁶ N. Salamone 53.

Os patrões exigiam que os operários cumprissem, de forma regular e meticulosa, os horários de trabalho e estabeleceram regras rígidas contra os atrasos e as conversas, no local de trabalho. Os castigos aplicados, em caso de não-cumprimento das regras estabelecidas, costumavam ser rigorosos, pois os trabalhadores recebiam ameaças de despedimento, tinham de pagar multas, como vimos, ou então, sofriam agressões físicas. Os trabalhadores (homens, mulheres ou crianças) trabalhavam 12 horas diárias, em média, por vezes mais, e regressavam a casa extenuados.

Devido à necessidade de as fábricas operarem ininterruptamente, foram introduzidos diferentes turnos, o que agravou ainda mais a situação. Como consequência, o número de dias de trabalho anual aumentou e, apesar das reclamações das igrejas, os trabalhadores passaram a trabalhar também ao Domingo. Em determinados condados era habitual os aprendizes folgarem à Segunda-feira, mas os patrões fizeram o possível para suprimir esse costume.⁶⁷ Os operários continuaram a ser explorados de variadas formas e viam os seus salários cada vez mais reduzidos, em forma de vales, em vez de dinheiro, que podiam ser trocados apenas nas lojas do patrão. Nestas lojas, os preços praticados eram geralmente mais altos e tinham de comprar géneros, por vezes estragados. Para além disso, no caso de os lucros do patrão baixarem, e com vista a baixar os custos de produção, os salários sofriam reduções imediatas. Devido a todas estas condicionantes, os salários dos trabalhadores continuaram frequentemente limitados e insuficientes para a comida, renda da casa e roupa, mesmo quando todos os membros da família trabalhavam. De facto, gastavam uma grande parte dos salários no aluguer de casas:

That, on average, working people should have spent between 16 and 25 per cent – double the middle-class proportion – of their exiguous incomes on housing was striking and burdensome, especially as the very poorest usually paid most of all. In 1884/5 a royal commission estimated that

⁶⁷ W. O. Henderson 128.

almost half of all Londoners were paying over a quarter of their incomes in rent.⁶⁸

A única solução para estes operários consistia no trabalho das mulheres e das crianças, ou então na caridade. A filantropia privada tornou-se uma prática habitual, na época vitoriana, na medida em que as condições de vida nos grandes centros industriais continuaram insatisfatórias. Forçados a viver em habitações impróprias, húmidas, doentias e pobres, de aspecto decadente, possuíam mobílias igualmente decadentes e conseguiam viver, ao lado de outras famílias com os mesmos problemas, dispondo apenas do mínimo indispensável: camas, uma mesa, um armário e algumas cadeiras. De facto, o estilo de vida destes operários traduziu-se numa nova forma de escravidão:

Foi a indústria que levou a que o trabalhador (...) pudesse ser novamente utilizado, como simples material, como uma coisa, ao ponto de precisar de se encerrar em habitações que ninguém mais ocuparia, assumindo o direito de deixá-las cair em ruínas, enquanto paga altas rendas. Isto é obra exclusiva da industrialização, ela que não poderia existir sem estes operários, sem a miséria e a servidão destes seres.⁶⁹

Construíam-se casas umas de encontro às outras, com pátios imundos, devido à inexistência de um sistema de esgotos eficiente, de água potável e de nitreiras, o que contribuía para o carácter insalubre das cidades inglesas. Os operários vestiam roupas maltrapilhas, sofriam de mal-nutrição, devido à alimentação inadequada, e recorriam à bebida para esquecerem a sua situação miserável.

Nas fábricas, o problema da disciplina tornou-se prioritário, fazendo com que um grande número de patrões preferisse as mulheres e as crianças, por as

⁶⁸ K. Theodore Hoppen, *The Mid-Victorian Generation 1846-1886* (Oxford: Clarendon, 1998) 338.

⁶⁹ F. Engels 83.

considerarem mais obedientes, dóceis, disciplinadas e também menos dispendiosas do que os homens. Assegurar a disciplina laboral passou a ser, de facto, fulcral para as unidades fabris da época:

In the factories, where the problem of labour discipline was more urgent, it was often found more convenient to employ the tractable (and cheaper) women and children: out of all workers in the English cotton mills in 1834-47 about one-quarter were adult men, over half women and girls and the balance, boys below the age of eighteen. Another common way of ensuring labour discipline, which reflected the small scale, piece-meal process of industrialization in this early phase, was sub-contract or the practice of making skilled workers the actual employers of their unskilled helpers.⁷⁰

O crescimento rápido das indústrias de algodão fez com que os operários afluíssem à cidade, principalmente os Irlandeses, de forma alguma os imigrantes mais desejados:

(...) Ireland has poured forth the most destitute of her hordes to supply the constantly increasing demand for labour. This immigration has been, in one important respect, a serious evil. The Irish have taught the labouring classes of this country a pernicious lesson. The system of cottier farming, the demoralisation and barbarism of the people, and the general use of the potato as the chief article of food, have encouraged the population in Ireland more rapidly than the available means of subsistence have increased. Debased alike by ignorance and pauperism, they have discovered, with the savage, what is the minimum of the means

⁷⁰ E. Hobsbawn, *Age 50*.

of life, upon which existence may be prolonged. They have taught this fatal secret to the population of this country.⁷¹

A população que trabalhava nas indústrias de algodão levantava-se muito cedo (5h), começava o dia de trabalho, nas unidades fabris, às 6h e trabalhava até às 8h; usufruía apenas de um intervalo de meia-hora ou 40 minutos para o pequeno-almoço, regressando à fábrica para trabalhar até ao meio-dia; tinha, então, uma hora para jantar, altura em que tentava satisfazer, de forma insuficiente e selvagem, a fome que sentia. Seguidamente, voltava para o trabalho, geralmente até às 19h, ou mais tarde.⁷²

O novo sistema industrial arrasou a saúde dos trabalhadores, pois começaram a registar-se doenças e deformações físicas específicas, associadas a determinadas indústrias. Os mineiros, por exemplo, sofriam de tuberculose, de anemia, tinham problemas de visão e apresentavam deformações físicas; os afiadores sofriam de asma; os oleiros eram envenenados pelo chumbo; os fiandeiros sofriam dos brônquios.⁷³ Os trabalhadores morriam, pois, habitualmente cedo, o que fazia com que a média de idades fosse relativamente baixa. Para além da fragilidade da saúde dos trabalhadores, a ocorrência de acidentes nas fábricas e minas tornou-se também muito frequente. Nas minas, as causas usuais de ferimentos e morte relacionavam-se com as quedas de carvão e com as explosões subterrâneas. Os operários das fábricas e das minas, para além de se sentirem inseguros, queixavam-se das horas de trabalho excessivas, dos salários baixos, das multas, assim como de serem pagos em géneros, em vez de receberem dinheiro.

Contudo, a obtenção de um salário fez com que um número crescente de pessoas afluísse às grandes cidades na esperança de o conseguirem, o que

⁷¹ James Philips Kay, “Working-Class Conditions in the 1830s, seen in Manchester by a Social Reformer,” *The Industrial Revolution in Britain Triumph or Disaster?*, ed. Philip A. M. Taylor (Lexington: D. C. Heath and Co., 1970) 6.

⁷² J.P. Kay 7.

⁷³ W. O. Henderson 123.

provocou uma migração em massa. Todavia, as cidades de acolhimento não possuíam as condições necessárias, o que fez com que a poluição provocada pelas chaminés das fábricas passasse a ser um problema menor. Como há pouco vimos, as cidades ofereciam, efectivamente, um panorama desolador a qualquer observador atento, pois o desconforto e a sujidade dominavam. Os operários alojavam-se de uma forma apertada, entre as várias fábricas, e a falta de salubridade contribuía para o alastrar de determinadas doenças, devido às condições inaceitáveis oferecidas, nas grandes cidades.

2.1. As Movimentações dos Trabalhadores

Na segunda metade do século XIX, os trabalhadores da indústria têxtil, assim como os que laboravam noutras fábricas e oficinas, começaram a beneficiar da legislação que regulava as condições de trabalho e tinha sido publicada nos anos 60. No entanto, os salários e as condições de trabalho estavam dependentes dos pedidos que faziam aos patrões, individualmente ou através dos sindicatos, pedidos esses que começaram a ser oficialmente reconhecidos a partir do início dos anos 70. De facto, apesar de, inicialmente, serem organizações sindicais fundamentalmente associadas às pequenas oficinas, acabaram por adquirir uma base sólida, o que fez com que se estendessem às principais indústrias e se tornassem fulcrais para os trabalhadores, apoiando-os, em caso de despedimento. Após o despedimento podiam apenas recorrer às suas poupanças, ao crédito (nas lojas da sua área) ou à *Poor Law* que funcionava somente para alguns, na medida em que muitas das pessoas pertencentes às classes mais desfavorecidas não recebiam qualquer tipo de apoio. Esta incapacidade de a época vitoriana lidar, de forma igualitária, com as várias classes sociais e de resolver ou minorar os problemas sociais da época é referida por Eric Hobsbawn:

When they grew old or infirm, they were lost, unless helped by their children, for effective insurance or private pension schemes covered only a few of them. Nothing is more characteristic of Victorian working-class life, and harder for us to imagine today, than this virtually total absence of social security. Skilled workers, or those in expanding industries, would probably enjoy some of the benefits of being in short supply, except in the recurring economic crises. (...) Unskilled ones would be lucky to make ends meet, and would probably bridge the empty part of each week by pawning and repawning their miserable belongings.⁷⁴

O movimento operário fez com que os pobres pudessem exprimir as suas preocupações e angústias e lutar pelos seus direitos. A tomada de consciência sindical, por parte da classe trabalhadora, forneceu aos mais desfavorecidos a possibilidade de se organizarem em instituições para defender os seus direitos, como é o caso dos sindicatos. Conseguiram também tornar-se mais organizados e disciplinados, quando começaram a preparar greves.⁷⁵ As greves tornaram-se um acontecimento frequente, nas cidades industriais inglesas, durante o século XIX:

She saw unusual loiterers in the streets: men with their hands in their pockets sauntering along; loud-laughing and loud-spoken girls clustered together, apparently excited to high spirits, and a boisterous independence of temper and behaviour. (...)

‘This is th’ third strike I’ve seen,’⁷⁶

No entanto, as movimentações desta altura não foram exclusivamente do proletariado, mas sim de todos os trabalhadores pobres que se sentiam injustiçados pelos mais ricos. Embora o descontentamento generalizado fosse uma consequência dos baixos padrões de vida, a abundância também fez com que a

⁷⁴ E. Hobsbawn, *Industry* 133.

⁷⁵ Em *North and South*, Elizabeth Gaskell descreve a observação de uma greve, na rua, por parte das personagens intervenientes no enredo. (E. Gaskell 131-132.)

⁷⁶ E. Gaskell 132.

ambição fosse maior. Para além disso, a ruptura com as relações sociais tradicionais tornou a experiência libertadora e estimulante, possibilitando um movimento efectivo das classes trabalhadoras. Apesar de as condições de trabalho estarem a melhorar, a evolução não foi suficientemente rápida, pois os salários continuavam a ser miseráveis e a não satisfazer as necessidades dos operários.

O desconforto sentido neste período acentuou-se, uma vez que o proletariado se sentia injustiçado com as condições de vida e de trabalho oferecidas:

The discomfort of the period was due in large part to an inability to handle new problems or old problems enormously magnified; problems of increasing population, of urbanization, of factory conditions, of fluctuating trade and employment. And the tensions of the period arose naturally from the rapidly changing social and economic relationships.⁷⁷

Os operários tentavam libertar-se da condição desumana e cruel, procurando melhores condições de vida. A única maneira de conseguirem atingir tal objectivo consistia em lutar contra os interesses de todos os que os exploravam, o que fez com que a Burguesia se tornasse inimiga da classe trabalhadora. De facto, os membros da Burguesia não respeitavam os direitos dos trabalhadores, pelo que a tomada de consciência em relação ao que estava a acontecer fez com que a classe operária se tornasse mais forte e unida, o que iria ser ainda mais facilitado pelo direito livre de associação, à semelhança da Aristocracia e da Burguesia (1824). Como consequência, as associações de trabalhadores tornaram-se enérgicas e comuns nos diferentes ramos da indústria, de forma a proteger os operários, fixar e negociar os salários, de acordo com os lucros dos patrões, activar a procura de trabalhadores e ajudar os

⁷⁷ R. M. Hartwell, "The Rising Standard of Living in England 1800-50," *The Standard of Living in Britain in the Industrial Revolution*, ed. Arthur Taylor (London: Methuen, 1975) 119.

desempregados.⁷⁸ Contudo, estas associações também contribuíram para o aumento da revolta popular contra os patrões, o que acabaria por ter consequências negativas, em muitos casos. As greves tornaram-se bastante frequentes, provando a existência de uma “guerra social” entre o Proletariado e a Burguesia, devido ao conflito de interesses. A fábrica surgiu como um centro político com potencialidades para uma sublevação; ou seja, por um lado, simbolizava energias sociais que estavam a destruir a trajectória normal da natureza, por outro lado, representava uma ameaça à ordem estabelecida.

Em meados do século XIX, verificou-se uma grande alteração no seio da classe trabalhadora, na medida em que surgiu o proletariado fabril moderno.⁷⁹ Os movimentos da classe trabalhadora começaram a ser a prova do carácter reformista, pois a consolidação da indústria mecanizada, na segunda metade do século XIX, exigia, não um conflito de classes, mas sim uma harmonização de interesses díspares.

A mudança para uma sociedade industrial suscitou pobreza, miséria e um grande descontentamento entre as classes mais desfavorecidas da população. Vários trabalhadores destruíram máquinas, por considerá-las responsáveis pela sua situação deplorável.⁸⁰ A violência que caracterizou essa acção pode ser justificada através de todo um contexto, no qual se verificaram mudanças económicas e tecnológicas fulcrais para o desenvolvimento da sociedade

⁷⁸ Pensa-se que The London Corresponding Society terá sido a primeira organização política da classe trabalhadora formada na Grã-Bretanha. Contudo, há também quem considere que seria mais uma sociedade radical popular do que uma sociedade da classe operária inglesa. A sua acção estendia-se aos cafés, bares e igrejas dissidentes de The Strand, Fleet Street e Piccadilly e também a Spitafields e Southwark. Nestas organizações, passou a ser habitual discutirem assuntos de carácter social e político: E.P. Thompson 22-23.

⁷⁹ E. P. Thompson refere-se a ele da seguinte forma: “steam power and cotton-mill = new working class” (E.P. Thompson 209.)

⁸⁰ Esta destruição ocorreu em 1811-1813 e 1816. O movimento ficou conhecido como Ludismo, designação que teria surgido a partir do nome de um operário revoltado, Ned Lud, responsável pela destruição de vários teares de fabrico de meias. No entanto, os luditas não estavam apenas contra as máquinas, pois a revolta dirigia-se contra os patrões que pagavam ordenados baixos e exploravam os trabalhadores, ou seja, os ataques tornavam-se selectivos. O Ludismo mostrou que os trabalhadores conseguiam organizar-se para aplicar uma série de estratégias, entre as quais se destacaram a violência e a destruição das máquinas. Veja-se W. O. Henderson 136-138.

industrial.⁸¹ No entanto, a destruição de máquinas não constituía um fenómeno novo, na medida em que ocorreu durante a totalidade do processo da industrialização. Acções deste género acabaram por ser apoiadas por alguns membros da pequena burguesia e por agricultores que também se consideravam vítimas da industrialização. Enquanto o Proletariado vivia de acordo com os seus níveis de subsistência, os mais ricos continuavam a acumular lucros enormes de forma tão rápida que não conseguiam exceder todas as possibilidades de gastos e investimentos que tinham à disposição. Efectivamente, a obtenção de lucros tornou-se absolutamente prioritária:

Thus England asked for profits and received profits. Everything turned to profit. The towns had their profitable dirt, their profitable smoke, their profitable slums, their profitable disorder, their profitable ignorance, their profitable despair. (...) For the new town was not a home where man could find beauty, happiness, leisure, learning, religion, the influences that civilize outlook and habit, but a bare and desolate place without colour, air or laughter, where man, woman and child worked, ate and slept.⁸²

Apesar dos avanços tecnológicos, as condições de vida não estavam a melhorar ao ritmo desejável. No entanto, o descontentamento generalizado não foi apenas uma consequência das condições de vida, na medida em que também se verificou um corte com as relações sociais tradicionais. Devido ao facto de as experiências serem libertadoras e estimulantes, o movimento da classe trabalhadora tornou-se uma realidade. Assim, foi adoptada uma nova postura face aos problemas sociais, ou seja, o que estava errado tinha de ser identificado e analisado, de modo a ser posteriormente remediado pela legislação.

⁸¹ John Stevenson, "Social Aspects of the Industrial Revolution.", ed. Patrick O'Brien and Roland Quinault, *The Industrial Revolution and British Society* (Cambridge: Cambridge UP, 1993) 245.

⁸² J. L. e Barbara Hammond, "The Rulers and the Masses," ed. Philip A. M. Taylor, *The Industrial Revolution Triumph or Disaster?* (Lexington, Massachusetts: D. C. Heath and Co., 1970) 73.

3. O Urbanismo

Alguns impulsionadores do arranque industrial privado ficaram responsáveis por construir espaços urbanos baratos, de forma a alojar a população que afluía às cidades, procurando emprego e melhores condições de vida. O aumento populacional nesta altura foi surpreendente:

Urban growth in England in the second half of the eighteenth century was so notable and elsewhere so modest that about 70 per cent of all the urban growth in Europe as a whole occurred in England alone, even though the English share of the total European population was only 8 per cent.⁸³

Contudo, os espaços providenciados tornavam-se pouco saudáveis e as residências acanhadas, na medida em que se amontoavam várias famílias na mesma habitação, de modo a reduzir os encargos com a renda, mesmo que o espaço disponível fosse reduzido. Nesta altura, um grande número de famílias, apesar de possuir apenas um quarto, recebia pessoas durante a noite, de forma a obter algum dinheiro. Curiosamente, estes hóspedes chegavam a dormir na mesma cama do casal. Numa mesma divisão, amontoavam-se colchões e um número surpreendente de pessoas.⁸⁴ Como consequência, cada uma destas habitações constituía um antro de promiscuidade, imoralidade, vício e crime. Um grande número de famílias vivia em caves e sótãos, de forma permanente.⁸⁵

Em *Hard Times*, Charles Dickens retrata as consequências sociais da Revolução Industrial, como é o caso da urbanização, dominada pelas regras instituídas pelas unidades fabris, pelo ritmo acelerado, pela poluição e

⁸³ E.A. Wrigley 23.

⁸⁴ Consulte-se a este propósito a obra de Friedrich Engels, anteriormente referida, em especial o capítulo intitulado “As Grandes Cidades”.

⁸⁵ F. Engels 97-98.

desumanização e pelo anonimato dos habitantes das cidades. Os centros urbanos ingleses funcionavam apenas como os locais destinados à construção de fábricas, escritórios e armazéns, destinados a atrair a população. Devido à inexistência de qualquer tipo de planejamento, o ritmo de construção tornou-se alucinante com o grande fluxo de pessoas. Como consequência, as condições de vida agravaram-se imenso. A descrição de Coketown é exemplificativa das cidades industriais da altura e do tipo de vida monótono:

It was a town of red brick, or of brick that would have been red if the smoke and ashes had allowed it; but as matters stood it was a town of unnatural red and black like the painted face of a savage. It was a town of machinery and tall chimneys, out of which interminable serpents of smoke trailed themselves for ever and ever and never got uncoiled. It had a black canal in it, and a river that ran purple with ill-smelling dye, and vast piles of building full of windows where there was a rattling and a trembling all day long, and where the piston of the steam-engine worked monotonously up and down like the head of an elephant in a state of melancholy madness. It contained several large streets all very like one another, and many small streets still more like one another, inhabited by people equally like one another, who all went in and out at the same hours, with the same sound upon the same pavements, to do the same work, and to whom everyday was the same as yesterday and to-morrow, and every year the counterpart of the last and the next.⁸⁶

O tipo de alojamento variava muito de cidade para cidade, dependendo da geografia, das tradições locais e dos materiais existentes na região. Na Inglaterra da Revolução Industrial, principalmente nas cidades mais industrializadas, como Londres, Manchester, Birmingham ou Leeds, o alojamento tornava-se mau, devido à falta de condições de habitabilidade e de espaços recreativos. Quando

⁸⁶ Charles Dickens, *Hard Times*, ed. George Ford and Sylvère Monod; 2nd ed. (1854; New York: Norton, 1990) 22.

existiam companhias locais para providenciar serviços deste género, não conseguiam operar eficientemente, devido à imensidão de problemas. As ruas encontravam-se sujas, sendo raramente pavimentadas ou planas; não havia esgotos; os resíduos de origem animal e vegetal abundavam, assim como poças de água estagnada e infectada; o sistema de ventilação era deficiente, contribuindo em larga escala para o aumento da humidade.

Segundo James Walvin, no início do processo da industrialização, os serviços públicos mínimos, como água, luz e saneamento, deixaram de ser suficientes, o que originou diversas epidemias (cólera, tifo), além de várias doenças respiratórias e intestinais, devido à poluição do ar e da água. Só quando os ricos descobriram que também podiam morrer de tifo e cólera, como os pobres, é que foram tomadas medidas para proceder à limpeza das cidades industriais.⁸⁷ Entretanto, começaram a construir-se canais, ruas pavimentadas, casas e armazéns. A introdução de sistemas de drenagem adequados, a retirada do lixo das habitações e das ruas, a melhoria do sistema de abastecimento de água, assim como a consequente diminuição das impurezas existentes no ar tornaram possível a melhoria das condições de higiene e a diminuição da frequência das epidemias. Contudo, as praças públicas, os passeios e os jardins continuaram esquecidos, o que fazia com que os trabalhadores não tivessem, à sua disposição, locais aprazíveis onde pudessem passar os raros momentos de lazer.⁸⁸

Os recantos mais miseráveis, onde viviam famílias amontoadas, surgiam perto dos locais onde viviam os mais ricos, o que se repetia um pouco por todo o país. Na obra já citada, Friedrich Engels descreve vários bairros da cidade de Londres, como é o caso dos de Portman Square, Whitechapel, Bethnal, St. Georges ou St. Giles.⁸⁹ Referindo-se a este último, escreve:

⁸⁷ W. O. Henderson 139.

⁸⁸ James Walvin, *Victorian Values* (Bungay, Suffolk: Cardinal, 1988) Chapters 3,4 and 5.

⁸⁹ Neste bairro londrino, enterravam-se os cadáveres no próprio meio urbano, o que fazia com que o ar fosse inundado por um odor fétido. No próprio Rio Tamisa, havia cadáveres em decomposição devido aos suicidas ou às vítimas de ajustes de contas.

É um aglomerado de casas com três e quatro andares, construídas ao acaso, com ruas estreitas, tortuosas e escuras, onde reina quase tanta animação como nas ruas principais que atravessam a cidade, só que aqui se vêem apenas indivíduos pertencentes à classe operária. O mercado é na rua: cestos de legumes e de fruta, naturalmente todos de má qualidade e dificilmente comestíveis, reduzem ainda mais o espaço nos passeios, deles exalando, como das tendas dos peixeiros, um cheiro asfíxiante. As casas são habitadas desde a cave às águas furtadas, apresentam a mesma sujidade no exterior e no interior e têm um tal aspecto que ninguém desejaria aí viver. Mas isto nada é comparado com as casas dos pátios e vielas onde se tem acesso por passagens cobertas e em que a imundície e a vetustez ultrapassam tudo quanto se possa imaginar. Não se vê, por assim dizer, um único vidro intacto, as paredes estão manchadas, os caixilhos das portas e das janelas quebrados ou desengonçados, as portas, quando as há, são feitas de velhas tábuas pregadas. Aí, nesse bairro de ladrões, as portas são inúteis porque não há nada a roubar. Por toda a parte, montes de detritos e de cinzas e águas sujas lançadas diante das portas, acabam por formar charcos nauseabundos. Aí vivem os mais pobres dos pobres, os trabalhadores mais mal pagos, juntamente com os ladrões, os escroques e as vítimas da prostituição.⁹⁰

Reconhecendo-se a importância de um alojamento digno, construiu-se um enorme número de casas, mas o preço das habitações não satisfazia a procura dos trabalhadores. Apesar de, no reinado da Rainha Vitória, se terem conseguido grandes progressos ao nível do alojamento, continuaram a existir muitos desalojados e pessoas que viviam em condições deploráveis.

Posteriormente, começou também a existir uma preocupação com os tempos livres dos trabalhadores: inauguraram-se, em Manchester, jardins e parques para que pudessem desfrutar de ar puro. À medida que o século XIX avançava, os Vitorianos começaram a ter à sua disposição vários serviços para

⁹⁰ F. Engels 48.

satisfazer as suas necessidades e prazeres: água, gás, electricidade, transporte, ruas pavimentadas, hospitais, lojas, estádios, bares, parques, entre outros. O conjunto destes serviços ajudaria a mudar, de forma radical, o aspecto das cidades. De acordo com James Walvin, uma das principais preocupações da época centrava-se no enterro dos mortos, por não existir espaço suficiente nos cemitérios públicos. Entre 1852 e 1899, o Parlamento aprovou então leis para regular esse problema, autorizando a construção de novos cemitérios, nos limites das cidades.⁹¹

No entanto, uma das chaves principais para a melhoria das condições de vida nas cidades foi o processo de limpeza da água fornecida às populações, pois nos anos iniciais do reinado da Rainha Vitória, não existia fornecimento de água potável. Verificava-se, efectivamente, uma relação directa entre a má qualidade da água e as epidemias. Londres, por exemplo, sofria imenso com o problema do abastecimento de água. Desde a Idade Média, tinham existido esquemas específicos para abastecer os londrinos com água do Tamisa⁹² ou dos rios e nascentes mais próximos. Porém, o crescimento urbano secou muitos lagos e fontes locais, e a rede de água foi alterada, à medida que a cidade se foi expandindo. O problema tornou-se cada vez mais grave com o aumento da população, já que os depósitos de água acabaram por ser poluídos pelos esgotos. Entretanto, este bem tão precioso começou a ser distribuído de forma racionada por várias companhias, tornando-se normal a distribuição três vezes por semana e durante duas ou três horas por dia. Nos locais não abrangidos por essa distribuição, a água era obtida em bombas, fontes, nascentes, regatos ou rios, o que se tornava extremamente perigoso para a saúde das populações, devido à poluição a que estava sujeita. Este problema repetia-se em todas as cidades industriais da altura. Apesar de diferentes em muitos aspectos, estas cidades tinham uma característica comum: o mau cheiro. Como consequência, a água

⁹¹ J. Walvin 44.

⁹² A água do Rio Tamisa era poluída por uma variedade surpreendente de detritos, como é o caso dos excrementos humanos e animais, o lixo dos matadouros e das lojas, para além dos cadáveres, como vimos. Devido a toda esta falta de cuidado, Londres padecia de um cheiro insuportável, especialmente no Verão, quando o caudal se encontrava mais baixo.

potável tornou-se um bem de luxo; mesmo quando disponível, era de difícil aquisição para a classe trabalhadora, que mal conseguia sobreviver, devido aos baixos ordenados, como já foi referido atrás. Sendo a água indispensável à sobrevivência, e perante um desespero tão grande, aqueles que não a podiam comprar eram “forçados” a roubar. No fim do reinado da Rainha Vitória, conseguiu-se finalmente que a água pudesse ser bombeada para grandes distâncias. Birmingham, por exemplo, passou a ser abastecida com água do País de Gales, e Manchester com água do Lake District. O consumo foi aumentando, porque as próprias condições de vida também melhoraram e os edifícios urbanos consumiam mais água devido às fábricas, piscinas, casas-de-banho e habitações. Em caso de não-abastecimento, as cidades não funcionavam e as condições degradavam-se. James Walvin refere que, em Londres, o ano de 1902 foi decisivo para uma acentuada melhoria das condições de vida, na medida em que existiu a fusão do Departamento Metropolitano das Fábricas e das Empresas das Águas, a fim de criar o Departamento das Águas, assegurando-se o fornecimento eficaz de água, a remoção de um grande número de fossas, a destruição de muitos bairros deploráveis e a protecção dos espaços ao ar livre.⁹³

Londres aparecia, na literatura do século XVIII, como uma cidade monstruosa, que enfeitiçava e atraía as populações das áreas rurais; era acusada de corromper as pessoas simples, pois aliciava-as com sonhos de uma vida luxuosa e abastada, o que fazia com que fossem corrompidas pelo vício e pelo crime. A cidade concentrava, de facto, imensas oportunidades de desordem, tumultos e crimes, ou seja, simbolizava os horrores do ambiente urbano. Era a capital da Europa, devido ao seu carácter de grande metrópole, pois a grande concentração de população foi responsável pela emergência dos subúrbios ou dormitórios. O espaço urbano aumentou consideravelmente, sem a existência de uma planificação adequada. Mais tarde, em 1850, surgiria um gabinete metropolitano das obras públicas, devido ao caos que, entretanto, se tinha instalado e à incompetência na

⁹³ W. O. Henderson 139-140.

resolução de problemas básicos relacionados com a higiene pública e com a drenagem do Rio Tamisa, de forma a evacuar o lixo ou a conduzir a água. Estes problemas tão graves existiam ao lado do imperialismo e do cosmopolitismo. Londres começava também a desenvolver actividades de lazer que, actualmente, são consideradas tradicionais, como é o caso dos “pubs”, dos clubes e das ocorrências desportivas. Charles Dickens aborda, tanto a perversão, como os encantos de Londres, em várias das suas obras. Em *Oliver Twist* descreve alguns dos edifícios situados nas margens do Tamisa:

Near to that part of the Thames on which the church at Rotherhithe abuts, where the buildings on the banks are dirtiest and the vessels on the river blackest with the dust of colliers and the smoke of close-built low-roofed houses, there exists, at the present day, the filthiest, the strangest, the most extraordinary of the many localities that are hidden in London, wholly unknown, even by name, to the great mass of its inhabitants. To reach this place, the visitor has to penetrate through a maze of close, narrow and muddy streets, thronged by the roughest and poorest of water-side people.⁹⁴

Esta cidade provocava ao visitante sensações perfeitamente contraditórias. A sua imensidão quase que esmagava os seus habitantes, principalmente os mais miseráveis. Existia, de facto, um contraste surpreendente entre a Londres dos ricos e a dos pobres, o que contribuía para o agravamento do carácter dualista da sociedade vitoriana londrina. Entretanto, os pobres começaram a ser associados à palavra “slum”, que surgiu, pela primeira vez, no sentido moderno, nos anos 40 do século XIX. A concorrência entre os operários era enorme, devido ao aumento da população, provocando o incremento do número de trabalhadores mal pagos. Consequentemente, a alimentação era extremamente deficiente, como Engels refere: “Assim, eles recorrem a todos os

⁹⁴ Charles Dickens, *Oliver Twist* (1837-8; Oxford: Oxford UP, 1982) 320.

expedientes: comem cascas de batata, restos de legumes e de vegetais apodrecidos e apanham avidamente tudo aquilo que possa conter um átomo que seja de matéria comestível.”⁹⁵

Os bairros ricos em Londres acabavam também por ser atingidos pela sujidade e pelo barulho,⁹⁶ devido às carruagens puxadas por cavalos que circulavam em toda a parte, assim como a outros tipos de carros de tracção, como é o caso das carroças do campo,⁹⁷ landaus, cupés, entre outros. A circulação de animais tornava as ruas extremamente sujas, mesmo nas áreas exclusivamente residenciais, principalmente quando chovia.⁹⁸

Embora fosse acusada de ser responsável pela corrupção dos seus habitantes, Londres teve um papel decisivo na economia nacional e foi o grande motor responsável pelo crescimento industrial:

Some years ago the case was made for London as an ‘Engine of Growth’ in the early modern and eighteenth-century British economy, witnessed by its dramatic demographic growth, but also by the effects of its demands upon the country as a whole for specialized agricultural and manufactured products. By the end of the eighteenth century, much of the agriculture of the southern half of England was devoted to the supply of London. The supply of its needs for products as diverse as coal and cheese reached into the furthest corners of the land.⁹⁹

⁹⁵ F. Engels 108.

⁹⁶ Uma vez que, na altura, não havia vidros duplos, como existem actualmente, dificilmente se conseguia amortecer o barulho, o que se tornava um grande incómodo, fundamentalmente para os doentes. Para melhorar a situação, colocava-se palha no pavimento, à frente da casa.

⁹⁷ As carroças do campo vinham a Londres, com o objectivo de transportar produtos agrícolas para o mercado de Covent Garden, situado no coração da cidade. Também se tornou muito usual, na altura, a circulação de gado (ovelhas, porcos e bois), que se dirigia para os mercados de animais de Smithfield e Islington. Assim, o cheiro fétido e o barulho tornavam-se absolutamente insuportáveis. Devido ao barulho ensurdecador, havia muitas lojas, nos bairros mais elegantes, que tinham um assobio à entrada, de forma a facilitar a chamada dos táxis aos seus clientes.

⁹⁸ Quando chovia, o chão da cidade de Londres ficava coberto de lama. Como consequência, muitos londrinos elegantes usavam patins de madeira a fim de se protegerem dessa lama.

⁹⁹ J. Stevenson 236.

Para além de ser um centro de consumo importantíssimo, Londres também era a cidade com maior produção, empregando um grande número de trabalhadores, nos portos e indústrias.

Manchester foi uma cidade industrial peculiar, na medida em que a organização “física” da própria cidade tinha um carácter muito próprio. Os bairros operários estavam isolados das outras artérias da cidade, o que permitia que a classe média, por exemplo, tivesse uma zona reservada para si. Os mais ricos conseguiam atravessar as ruas da cidade em direcção aos seus gabinetes e/ou escritórios, sem se aperceberem da miséria que os rodeava e que patrocinava a sua opulência. Por trás das ruas elegantes e dos bairros de lojas burgueses, ficavam os pátios, ruelas, passagens e becos sujos, de cheiro nauseabundo e habitações degradadas, à semelhança de outras cidades industriais.¹⁰⁰ Mas na cidade de Manchester havia uma inspecção periódica (cada seis ou dez anos), com o intuito de averiguar acerca das condições dos bairros operários. Consequentemente, fechavam-se as habitações mais deterioradas e limpavam-se os locais mais sujos. De facto, a preocupação tornava-se maior com a ameaça de uma epidemia de cólera. Todos se preocupavam com os bairros degradados dos pobres, na medida em que as condições de insalubridade colocavam em risco, não apenas os miseráveis, mas todos os habitantes. Deste modo, nomeava-se uma comissão de higiene, com o objectivo de indagar sobre a situação dos bairros operários e, posteriormente, relatar o que lá se passava. Infelizmente, as condições de vida mínimas continuaram a não ser asseguradas, por inúmeros locais nunca terem sido limpos, desde a sua existência.¹⁰¹

James Walvin refere que, apesar de a legislação criada e de a acção das autoridades ter sido fundamental para a melhoria das condições de vida nos principais centros urbanos, a dificuldade em manter a ordem e fazer respeitar a lei, nas cidades industriais, constituía um problema que parecia não ter solução. Este

¹⁰⁰ Consulte-se o capítulo “As Grandes Cidades” de *A Situação da Classe Trabalhadora* de Friedrich Engels.

¹⁰¹ Veja-se o mesmo capítulo, referido na nota anterior.

clima instável que se vivia tinha origem no aumento da população e na fome que afectava um grande número de famílias.¹⁰² As camadas mais pobres não tinham acesso aos bens de primeira necessidade, o que fazia com que muitos roubassem, por uma questão de sobrevivência. Durante a Revolução Industrial, a taxa de criminalidade subiu, devido às condições de vida que, como vimos, eram absolutamente miseráveis, em muitos dos casos. Porém, a partir de 1849, as forças policiais tornaram-se indispensáveis para controlar a criminalidade. De facto, foram bem sucedidas no estabelecimento da ordem pública nos centros urbanos, o que a maioria pensava ser uma tarefa impossível. Conseguiram controlar o crime nas ruas e nos becos mais escondidos; os bêbados, as prostitutas e os pedintes começaram a abandonar determinados locais, graças à actuação da polícia, embora esta não tivesse sido tão bem sucedida com os ladrões.¹⁰³ No entanto, e por um lado, os Ingleses consideravam as forças policiais protectoras dos seus bens materiais, pois começaram a sentir-se mais seguros, devido à presença regular da polícia. Por outro lado, as comunidades de operários sentiam-se desconfortáveis, devido ao facto de a sua condição miserável os tornar frequentemente suspeitos. Mas, gradualmente, foram começando a aceitar a presença das forças da ordem, por reconhecerem que lhes proporcionavam uma vida muito mais segura.¹⁰⁴

4. O Vestuário e a Alimentação

As próprias pessoas que habitavam estes locais tinham um aspecto desmazelado e sujo, especialmente as mulheres e as crianças, pois, como atrás foi

¹⁰² J. Walvin Chapter 6.

¹⁰³ No livro *Oliver Twist*, a figura do ladrão adquire um papel de destaque. Oliver, a personagem principal, passa por essa experiência, o que lhe provoca sentimentos de forte ansiedade, quando se apercebe da realidade: “And now, for the first time, Oliver, well nigh mad with grief and terror, saw that housebreaking and robbery, if not murder, were the objects of the expedition. He clasped his hands together, and involuntarily uttered a subdued exclamation of horror. A mist came before his eyes; the cold sweat stood upon his ashy face; his limbs failed him; and he sunk upon his knees.” (C. Dickens, *Oliver* 136.)

¹⁰⁴ J. Walvin Chapter 6.

referido, viviam em condições deploráveis, de acordo com o modelo mais baixo da humanidade. Ocupavam casebres, andares húmidos, superlotados e doentios, assim como caves ou telheiros. A comida era imprópria e a taverna constituía o refúgio exclusivo para o desalento que sentiam.¹⁰⁵ A própria roupa que vestiam funcionava como prova da sua existência miserável: as mulheres usavam roupas de chita e só raramente vestiam roupa interior de lã; os homens traziam roupas de algodão grossas e as crianças enfiavam roupas esfarrapadas que, por vezes, nem sequer podiam ser remendadas. Mesmo que as roupas dos operários estivessem em bom estado, não se adequavam ao clima britânico, extremamente húmido e causador de frequentes resfriados. Embora fosse aconselhável usar camisolas interiores, os operários não tinham recursos económicos para vestir lã, nem sequer possuíam conhecimento das precauções necessárias para tal tipo de clima, embora fossem britânicos e estivessem habituados a lidar com as condições atmosféricas.¹⁰⁶

Para além de se vestirem inadequadamente, também se alimentavam de forma incorrecta, ou seja, comiam aquilo que as classes mais privilegiadas consideravam mau. Tinham uma vida desconfortável e uma dieta deficitária.¹⁰⁷ O consumo de artigos importados, como chá, açúcar e tabaco, aparentava ser muito baixo, por estarem sujeitos a taxas alfandegárias.¹⁰⁸ Nos mercados das cidades, apareciam produtos da melhor qualidade, mas o operário recebia o seu ordenado ao sábado à tarde. Naturalmente, quando chegava ao mercado, os melhores produtos já tinham sido vendidos aos membros das classes mais favorecidas, e mesmo quando tal não acontecia, nunca os poderia comprar por não ter dinheiro suficiente.¹⁰⁹ Via-se forçado a adquirir os alimentos mais baratos aos pequenos retalhistas, os quais vendiam produtos medíocres, tal como esclarece Engels: “As batatas compradas pelos operários são frequentemente de qualidade inferior, os

¹⁰⁵ W. O. Henderson 128.

¹⁰⁶ F. Engels 99-100.

¹⁰⁷ J. Kay 7.

¹⁰⁸ P. Deane 249.

¹⁰⁹ F. Engels 101.

legumes secos, o queijo velho e de má qualidade. O toucinho rançoso, a carne magra, velha e dura, por vezes já em decomposição e proveniente de animais doentes ou mortos.”¹¹⁰ Para além deste obstáculo, tinha ainda de gerir, de maneira meticulosa, o salário miserável, o que fazia com que nem sequer fosse capaz de apurar a qualidade do produto, tudo aceitando, independentemente da condição e da qualidade.¹¹¹ A alimentação dependia, de modo directo, do salário que cada um usufruía. Os trabalhadores com maiores rendimentos comiam diariamente carne, toucinho e queijo; os que ganhavam menos comiam batatas, pão e menos carne; os que ganhavam mal só comiam queijo, farinha de aveia, batatas e pão, pois não podiam comprar carne, nem toucinho. Efectivamente, a alimentação estava dependente dos salários dos trabalhadores:

Amongst those who obtain the lowest rates of wages this meal generally consists of boiled potatoes. The mess of potatoes is put into one large dish; melted lard and butter are poured upon them, and a few pieces of fried fat bacon are sometimes mingled with them, and but seldom a little meat. Those who obtain better wages, or families whose aggregate income is larger, add a greater proportion of animal food to this meal, at least three times a week; but the quantity consumed by the labouring population is not great.¹¹²

Bebiam chá fraco com açúcar, pouco leite e aguardente. James Phillips Kay refere-se à má qualidade do chá: “The tea is almost always of a bad, and sometimes of a deleterious quality, the infusion is weak, and little or no milk is added.”¹¹³

Só a partir de 1870 é que os hábitos alimentares destes britânicos pobres melhoraram. Começaram a comer fruta, em forma de compota, por exemplo,

¹¹⁰ F. Engels 101.

¹¹¹ F. Engels 105.

¹¹² J. Kay 7.

¹¹³ J. Kay 7.

considerada um luxo, e a comer bananas importadas, a fim de substituir as maçãs. No século XIX surgiu, pela primeira vez, uma loja típica do proletariado britânico: “Fish-and-chip”.¹¹⁴ Caso o operário estivesse desempregado, nem isto tinha à sua disposição, sendo forçado a depender do que lhe davam; ou então, mendigava ou roubava. Em situação extrema, e não raro, morria de fome. Efectivamente, em caso de ficarem desempregados, só podiam recorrer às poupanças, caso as tivessem, ou à ajuda de cariz humanitário:

They had nothing to fall back upon except their savings, their friendly society or trade union, their credit with local shopkeepers, their neighbours and friends, the pawnbroker or the Poor Law, which was still the only public provision for what we now call social security.¹¹⁵

Como consequência de tanta miséria, surgiam inúmeras doenças que tornavam a situação familiar ainda mais deplorável, já que a sociedade não tinha ainda capacidade para auxiliar estas famílias.¹¹⁶

5. A Atitude dos Patrões

O proletariado, que assegurava todo o trabalho das indústrias, dependia do salário e mantinha uma relação de “cash nexus” com o seu empregador. O dinheiro constituía a base de todo o relacionamento entre ambos os intervenientes: por um lado, o assalariado apenas trabalhava para um fim específico – assegurar monetariamente a sobrevivência; por outro lado, o patrão só o contratava, porque desejava produzir para obter o maior lucro possível.

Os patrões continuavam a acumular fortunas, mas não se preocupavam com as condições de vida e de trabalho dos seus operários:

¹¹⁴ E. Hobsbawn, *Industry* 142.

¹¹⁵ E. Hobsbawn, *Industry* 133.

¹¹⁶ F. Engels 107-108.

The new class of great capitalist employers made enormous fortunes, they took little or no part personally in the work of their factories, their hundreds of workmen were individually unknown to them; and as a consequence, the old relations between masters and men disappeared, and a “cash nexus” was substituted for the human tie.¹¹⁷

Apenas uma minoria dos patrões estava consciente dos problemas sociais provocados pela Revolução Industrial; a maioria não respeitava os operários, não os tratando de forma humanitária. Os patrões sentiam necessidade de impor a disciplina fabril a uma força trabalhadora que se mostrava muito renitente em aceitar as novas rotinas, o que iria ter consequências nefastas:

Grave decline of working conditions in many industries was the inevitable result. Even those employers who owned large concerns, and aimed at a paternalistic relationship between themselves and their workers, could not escape the blight when market competition was strong.¹¹⁸

Efectivamente, a maioria dos patrões não estava consciente da situação que tinha criado; os próprios conhecimentos do Parlamento sobre as indústrias recentemente criadas pareciam ser limitados.

Os empregadores conscientes reduziam as horas de trabalho, caso fossem excessivas, pagavam salários acima da média e proporcionavam aos trabalhadores espaços adequados, como é o caso de cantinas, habitações dignas e serviços de saúde. Robert Owen destacou-se, no seio dos patrões filantrópicos, por ter remodelado as fábricas de algodão de New Lanark. Este centro transformar-se-ia,

¹¹⁷ Arnold Toynbee, “The Classical Definition of the Industrial Revolution,” *The Industrial Revolution in Britain*, ed. Philip A. M. Taylor (1958; Lexington: D. C. Heath and Co., 1970) 5.

¹¹⁸ S. G. Checkland, *The Rise of Industrial Society in England 1815-1885* (Harlow: Longman, 1971) 245.

no início do século XIX, num modelo a seguir, na medida em que Owen implantou o horário de 10 horas diárias, não recorreu ao trabalho infantil e criou vários benefícios para os operários e para as suas famílias.¹¹⁹ Outro exemplo a destacar é o de William Cadbury, que considerava que nenhuma criança da comunidade deveria estar a mais de 5 minutos a pé do parque infantil mais próximo. De acordo com o seu planeamento, as casas tinham de ter, pelo menos, três quartos, uma cozinha, uma saleta e uma copa.

6. A Intervenção do Governo

O governo inglês começou a intervir, mais activamente, de forma a melhorar as condições de vida e de trabalho de todos quantos estavam a ser explorados pelo sistema industrial. Criou uma série de leis para controlar os patrões, o que constituiu uma acção bastante significativa:

Government legislation which improved private expenditure in improving the condition of the working classes was considerable. Such legislation included protective acts like the factory and truck acts, enabling acts such as the legislation for saving banks and friendly societies, and acts of general benefit such as those improving municipal government. Under such legislation, for example, hours of work were reduced in factories and limits were set to the age at which children were allowed to work, women and children were excluded from mines, some educational facilities were enforced for factory children, and the provision of water and the disposal of sewage by municipal authorities were facilitated.¹²⁰

¹¹⁹ E. P. Thompson Part 2, Chapter 16-IV.

¹²⁰ Ronald M. Hartwell, "Improvement Defended", ed. Philip A. M. Taylor, *The Industrial Revolution* (Lexington, Massachusetts: D.C. Heath and Co., 1970) 36.

Determinados patrões preocuparam-se em assegurar melhores condições de trabalho, como é o caso de Robert Owen, mas o número ainda era bastante reduzido. A legislação criada foi fundamental para regulamentar os excessos. Em 1802 (“Sir Robert Peel’s Act”), tentou-se reduzir as horas excessivas de trabalho das crianças, nas indústrias do algodão.¹²¹ Em 1831, o “Truck Act” determinou que os salários deveriam ser pagos em dinheiro,¹²² pondo fim ao sistema de permuta praticado por determinados patrões. Em 1833, o “Factory Act” interditou o emprego de crianças com idade inferior a 9 anos, proibiu o trabalho noturno para quem tivesse menos de 18 anos¹²³ e limitou as horas de trabalho para crianças e jovens com idades compreendidas entre os 9 e os 18 anos: os que tinham entre 9 e 13 anos só poderiam trabalhar 8 horas diárias; aqueles que tinham entre 14 e 18 anos poderiam trabalhar 12 horas diárias.¹²⁴ O “Althorp’s Act”(1833) nomeou ainda fiscais para assegurar o cumprimento da lei, o que seria facilitado pelo registo obrigatório dos nascimentos, após o ano de 1837.¹²⁵ Em 1842, a Lei das Minas de Carvão proibiu o emprego de mulheres e crianças nos trabalhos efectuados a nível subterrâneo. Em 1847, a Lei das Dez Horas limitou o trabalho semanal das mulheres e dos jovens para 58 horas, com um máximo de 10 horas diárias. O horário de trabalho dos homens também seria limitado. Em 1864 e 1867, as Leis Fabris protegeram os trabalhadores que nunca tinham sido apoiados anteriormente, como é o caso da indústria da cerâmica.¹²⁶

Apesar de existirem novos hospitais nas principais cidades, poucas pessoas receberam cuidados médicos durante a primeira parte do reinado da Rainha Vitória. À medida que a industrialização progrediu, os problemas de saúde da população tornaram-se mais graves. Contudo, isto não significa que a situação fosse melhor antes da Revolução Industrial. A vida no campo também não era

¹²¹ M. Dorothy George, *London Life in the Eighteenth Century* (1925; Middlesex: Penguin, 1965) 238.

¹²² W. O. Henderson 137.

¹²³ F. Engels 234.

¹²⁴ P. Mathias 203.

¹²⁵ W. O. Henderson 137.

¹²⁶ W. O. Henderson 137.

saudável, pois pragas matavam frequentemente um número elevado de pessoas, principalmente crianças, e aquelas que conseguiam sobreviver ficavam com problemas de saúde:

Victorian children succumbed to a host of ailments which, though lethal to people of all age groups, were especially dangerous for the young. (...) Whooping cough was calculated to have killed two-fifths of all children under 5. (...) Among the surviving children, disease and illness often left them disabled or afflicted to some degree.¹²⁷

Em 1832 e em 1849, as epidemias de cólera provocaram problemas trágicos nas cidades, pois mais de 30.000 pessoas morreram na primeira epidemia. Devido à ausência de formas de as combater, as autoridades entraram em pânico. Após várias investigações, o Dr. John Snow chegou à conclusão de que a única forma de resolver o problema seria criar um sistema de esgotos eficiente, facultar água potável à população e fomentar regras de higiene.¹²⁸ Apesar das dificuldades, foi possível criar legislação específica e afiançar um sistema administrativo de saúde pública, com a finalidade de assegurar a saúde nas áreas urbanas. Efectivamente, verificaram-se alguns progressos na luta contra determinadas epidemias, como foi o caso da cólera ou da diarreia, entre outras.¹²⁹ Em 1875, o “Public Health Act” tentou que todas as cidades do país se transformassem em locais com condições sanitárias mínimas, preocupando-se com o fornecimento de água, com o tratamento dos esgotos, com a inspecção alimentar, com a extinção de doenças, com as regras de enterro dos mortos, entre outros.¹³⁰ Vários médicos dedicaram-se a ajudar os mais pobres a troco de uma recompensa monetária insignificante. No entanto, as medidas tomadas não foram eficientes, já que os níveis de pobreza e doença continuaram muito altos,

¹²⁷ J. Walvin 26-27.

¹²⁸ J. Walvin 29.

¹²⁹ S. Checkland 254.

¹³⁰ Eric Midwinter, *Victorian Social Reform*, ed. Patrick Richardson (Essex: Longman, 1984) 53-54.

chegando-se mesmo a falar de frustração.¹³¹ Para além disso, a maior parte das pessoas recusava-se a recorrer aos médicos ou aos hospitais, confiando antes nos remédios caseiros ou nos curandeiros locais. A medicina “científica” não conseguiu acabar com essa medicina de índole popular, devido ao poder exercido, principalmente na gravidez, no parto e na saúde infantil, sendo os cuidados médicos geralmente dispensados pelas mulheres experientes da comunidade. Como consequência, a saúde da população continuou a preocupar todos aqueles que prestavam especial atenção às condições de vida da sociedade, o que não se ajustava ao que se estava a passar internacionalmente, uma vez que Inglaterra se tinha tornado uma potência a nível mundial:

The evidence from the nation’s schools, from recruitment data and from contemporary drug purchases all confirmed the reports readily available from medical sources – notably the district medical officers – that the British were unhealthy in many crucial respects. Indeed there was a convergence of evidence from very different quarters and sources, all of it serving to illustrate a central and depressing fact: the world’s greatest industrial and imperial power was seriously weakened in its domestic urban heartlands.¹³²

As leis do Parlamento contribuíram em larga medida para o desenvolvimento da saúde pública, pois ajudaram as autoridades locais a limpar as suas próprias comunidades. Em 1848, foi nomeada uma comissão, que não se caracterizou por grande eficiência.¹³³ No entanto, as autoridades municipais conseguiram aperfeiçoar o ambiente urbano, de forma gradual. Verificou-se mesmo uma melhoria considerável na saúde dos cidadãos, no final do século XIX, pois as benfeitorias que tinham sido efectuadas no ambiente urbano começaram a notar-se: higiene urbana e pessoal acessível, alimentação mais adequada, aumento

¹³¹ S. Checkland 255.

¹³² J. Walvin 33-34.

¹³³ J. Walvin 35.

dos salários, habitações mais limpas. A primeira cidade inglesa a instituir uma Delegação de Saúde foi Liverpool, em 1847. Em Birmingham, entre 1873 e 1875, registou-se um aperfeiçoamento considerável das habitações e dos serviços sanitários.¹³⁴ Mas, apesar dos grandes esforços efectuados, os Ingleses continuaram doentes e pobres. Aquando da morte da Rainha Vitória, a nação estava mais próspera do que nunca, mas os níveis de pobreza e de doença continuavam assustadores.

A legislação criada contribuiu para a melhoria considerável das condições de vida e de trabalho e pôs fim aos piores excessos cometidos, num número considerável de ocupações. O desenvolvimento económico fomentou o surgimento de novos grupos que necessitavam de protecção especial, mas a legislação acompanhou essa evolução. Como o governo interveio mais activamente nos vários assuntos, começou a existir um controlo mais eficiente das condições de vida e de trabalho.

As condições dos operários melhoraram imenso, devido ao desenvolvimento da medicina, ao incremento do número de hospitais e à construção de instalações sanitárias, com a criação de casas-de-banho públicas. O consumo de bebidas alcoólicas desceu, pois foram aplicados impostos nas bebidas, e o horário das tavernas foi limitado. Criaram-se novos sistemas penais e, como vimos, forças policiais, que inspecionavam as ruas das cidades, a fim de se melhorar a segurança dos cidadãos.¹³⁵ As próprias cidades deixaram de ser tão escuras, graças à introdução da iluminação, primeiro a gás, algo que se tornou uma necessidade,¹³⁶ e depois a electricidade.

¹³⁴ W. O. Henderson 139.

¹³⁵ W. O. Henderson 140.

¹³⁶ S. Checkland 255.

7. A Educação

Durante o reinado da Rainha Vitória, também se verificaram grandes mudanças na educação dos Britânicos. No início do século XIX, considerava-se a educação das classes desfavorecidas desnecessária e suspeita, pois poderia desencadear agitação social. Por um lado, as classes favorecidas resistiam à educação dos mais pobres; por outro lado, estes não viam vantagens na sua própria educação. À medida que o século foi avançando, começou a ser normal a educação das classes mais baixas, na medida em que o amadurecimento da economia exigia uma alfabetização generalizada de um número crescente da população. As próprias classes consideradas ricas, que anteriormente recebiam a educação dos pobres, começaram a temer a sua ignorância. O desenvolvimento do sistema de educação nacional criou uma sociedade completamente diferente, o que foi também suportado por uma revolução tecnológica a nível da imprensa, ou seja, a cultura tornou-se gradualmente disponível para as massas. Como consequência, as bibliotecas tornaram-se populares, nos anos 60 do século XIX. Em meados do século, entre dois e três terços da classe trabalhadora sabia ler, o que representou uma melhoria significativa na cultura dos Britânicos.¹³⁷ O facto de a escolaridade se ter tornado obrigatória em 1880 constituiu um factor decisivo, assim como o estabelecimento das “Sunday Schools”, lançadas por Robert Raikes e Hannah More, em 1787. Robert Owen destacou-se pela importância que deu à educação e à felicidade dos seus operários.¹³⁸

The infant schools of New Lanark were original enough in their educational techniques, but they were far more innovating in their humanity and kindness. When Owen talked of creating human happiness,

¹³⁷ T.K. Derry and T.L. Jarman, *The Making of Modern Britain* (Cambridge: Cambridge UP, 1974) Chapter 28.

¹³⁸ Raymond Williams, *Culture and Society* (1958; London: the Hogarth P, 1993).

he was not serving an abstraction but an active and deeply impressive experience.¹³⁹

Owen acreditava que as sociedades ideais, livres e felizes só poderiam ser construídas com o apoio de pessoas educadas, ou seja, a melhoria das condições de vida só seria possível se houvesse um acesso facilitado à educação. A primeira escola para crianças foi fundada em 1809, em New Lanark. Considerando o homem um produto da sociedade que o rodeava, transformou a comunidade de New Lanark, de forma a modificar a população, habituada a enfrentar as piores condições de vida:

A população era miserável, entregue ao alcoolismo, à preguiça, às disputas, ao roubo. Definhava, metida dentro de pardieiros. Quatrocentas a quinhentas crianças aí moradoras trabalhavam na fábrica doze horas por dia, e, embrutecidas por um trabalho esgotante, eram, à noite rebeldes a qualquer instrução. Os pais, de resto, não sentiam necessidade de mandar instruir a sua prole; tinham coisas mais urgentes.¹⁴⁰

Owen operou um prodígio social com esta população, na medida em que melhorou as condições de vida e promoveu a autoconfiança, o que fez com que se tornassem cidadãos autodisciplinados.

Apesar de se terem verificado progressos no estabelecimento de um sistema de educação público, o processo foi muito lento. Em 1870, “The Foster Education Act” estabeleceu a base do sistema educativo nacional de Inglaterra. Em 1880, a educação passou a ser obrigatória para todas as crianças com mais de 12 anos.

Como os anos da Revolução Industrial e do reinado da Rainha Vitória se caracterizaram por uma grande instabilidade, a nível educacional, o

¹³⁹ R. Williams 28.

¹⁴⁰ Maurice Dommanget, *Os Grandes Socialistas e a Educação: de Platão a Lenine*, trad. Célia Pestana (Lisboa: Publicações Europa - América, 1970) 200.

estabelecimento da educação gratuita para todas as crianças foi mais tardio (1891).¹⁴¹ A educação secundária apenas se tornou disponível após a morte da soberana.

Em suma, à medida que o século XIX avançava para o seu término, as condições de vida e de trabalho foram melhorando, de forma progressiva, embora ainda estivessem longe de atingir um nível aceitável.

¹⁴¹T. K. Derry and T.L. Jarman 262-263.

CAPÍTULO II

AS MULHERES E A REVOLUÇÃO INDUSTRIAL

“Women have served all these centuries as looking-glasses possessing the magic and delicious power of reflecting the figure of man at twice its natural size.”

Virginia Woolf, *A Room of One's Own*

“ Se a mulher não tivesse sido criada, não haveria sol nem lua, nem agricultura nem fogo.”

Ditado árabe

“On the world's stage, throughout the ages of the past, in its human dramas women played major roles and great supporting roles. Every economic, political, and social structure of history women helped to build.”

Mary Ritter Beard, *Making Women's History*

Nas sociedades modernas mais desenvolvidas, a nível tecnológico, o trabalho das mulheres, principalmente o especializado, tem sido visto como uma novidade. O trabalho feminino tem de ser reconhecido, na medida em que sempre existiu, inclusive desde a Idade da Pedra.¹⁴² Efectivamente, as mulheres têm desempenhado um papel proeminente, ao longo dos séculos:

If, then, we trace the lives and labors of women up through the countless centuries, we find women always playing a realistic and dynamic

¹⁴² Na Idade da Pedra, as mulheres tinham um papel activo, na sociedade. Dedicavam-se ao fabrico de instrumentos para a caça, por exemplo. Eram criativas, fortes e possuíam grande destreza física. Para além disso, partilhavam, com os homens, a participação nos rituais destinados fundamentalmente a invocar a chuva e a fertilidade da terra, de forma a assegurar a sobrevivência. Consulte-se a opinião de Mary Ritter Beard em *Making Women's History*, ed. Ann J. Lane (1977; New York: The Feminist P, 2000).

function, or role, in society – not only in the home by the hearth with husbands and children, but also in public affairs, even in business and the arts of life now called “professions.”

Nuns of the middle ages, for example, were remarkable business women. They were outstanding doctors and surgeons. They were great educators. They were feudal lords operating self-sustaining estates and directing the manifold activities involved in producing goods, settling controversies as lawyers and judges settle them today, governing and participating in all the arts of social living.¹⁴³

Em 1760, cerca de 3/4 da população de Inglaterra fazia parte da classe trabalhadora e as mulheres também estavam incluídas nesse “universo”. De facto, elas deram um contributo incalculável para o arranque, desenvolvimento e triunfo da Revolução Industrial.¹⁴⁴

No entanto, as mulheres têm permanecido, ao longo da história, em segundo plano, devido aos preconceitos que as impediram de exercer cargos importantes, pois só mais tarde e muito recentemente se tornariam seres autónomos, no mundo exterior ao lar. Ainda hoje, a mulher é encarada como a “personagem” responsável pela manutenção de um lar equilibrado e preferencialmente feliz e pelo bem-estar dos filhos, ou seja, a estrutura familiar encontra-se bem definida e assegura que o relacionamento entre homem e mulher seja perfeitamente claro:

Due to the particular characteristics of human reproduction, the successful production of a child is more directly dependent on the active physical participation of the child’s mother than on its father; through gestation, parturition, and nourishment of the helpless infant, the mother is physically engaged for a relatively long period of time, and often repeatedly so, over a decade or more. The issue of reproduction lies at the

¹⁴³ M. Beard 193-194.

¹⁴⁴ Susie Steinbach, *Women in England 1760-1914. A Social History* (New York: Palgrave MacMillan, 2004) 9.

core of human history because it lies at the core of human societal organization. Thus, the formal structural links of the individual to the family and to the state are shaped by institutions and explanations set in place in an effort to address this central concern of how women and men should relate to one another (...)¹⁴⁵

Na Inglaterra da Revolução Industrial, a sociedade continuava a revestir-se de um carácter altamente patriarcal, ou seja, a figura masculina dominava o próprio funcionamento da sociedade: “At the heart of the family, and therefore of social stability, was the patriarchal principal: any challenge to the husband’s rights, over his wife or his children, was represented as undermining all that was stable in the social order.”¹⁴⁶ Durante um longo período, as mulheres funcionaram como assistentes dos pais ou dos maridos, o que fez com que a sua situação económica ficasse enfraquecida. Sendo o trabalho feminino suplementar em relação ao masculino, ganhavam ordenados baixos; também não recebiam treino para uma possível especialização, por serem consideradas capazes de desempenhar várias funções, mesmo sem treino específico. Como consequência, foram continuamente afastadas do trabalho qualificado e mais bem pago. Por serem encaradas como trabalhadores de segunda categoria, foram excluídas das funções mais respeitadas; faziam as tarefas auxiliares ou as preparatórias que antecediam as importantes. Na maior parte dos casos, como as tarefas que desempenhavam se consideravam de tal modo desqualificadas, podiam ser igualmente desempenhadas por crianças. O trabalho feminino nunca foi reconhecido, simplesmente por ser desempenhado por mulheres, mesmo no caso de constituir labor especializado como o do homem. Em Birmingham, por exemplo, não se considerava especializado o trabalho feminino nas indústrias metalúrgicas, apesar de necessitar de qualificação e força física:

¹⁴⁵ Karen Offen, “Eruptions and Flows: Thoughts on Writing a Comparative History of European Feminisms,” *Comparative Women’s History New Approaches*, ed. Anne Cova (New York: Columbia UP, 2006) 42.

¹⁴⁶ Patricia Hollis, *Women in Public: The Women’s Movement 1850-1900* (London: George Allen & Unwin, 1979) 4.

In the metalworking areas around Birmingham, for instance, working metal presses in factories was considered unskilled women's work even though it required training and was physically taxing. Conversely, men's work was often classified as 'skilled' primarily because men did it. (...) Finally, women's paid work was secondary in the sense that women already had jobs waiting for them: home, children, and the maintenance of respectability.¹⁴⁷

Porém, já se começava a verificar uma tendência para a mudança, se considerarmos que Inglaterra foi dominada por duas grandes mulheres: a Rainha Isabel I e a Rainha Vitória, ambas fortes impulsionadoras do desenvolvimento do país. Por outro lado, o papel das mulheres no processo de industrialização não pode ser, de forma alguma, esquecido. Embora afectadas pelas mudanças operadas na sociedade de Inglaterra, as mulheres também moldaram as características da própria Revolução Industrial, uma vez que o processo não esteve apenas relacionado com a introdução de novas tecnologias, mas também com mudanças económicas, políticas, culturais e sociais. As mulheres e as crianças têm sido frequentemente retratadas como as grandes vítimas da industrialização, desde a época vitoriana, altura em que as pessoas se começaram a indignar com as condições de vida e de trabalho a que estavam sujeitas. No entanto, muitas começaram a ter oportunidades que nunca tinham tido anteriormente, ou seja, segundo um determinado prisma, verificou-se um avanço e não um retrocesso. Foram forçadas a procurar emprego, nas fábricas, a fim de aumentar o rendimento familiar e assegurar a sobrevivência, na medida em que a família estava dependente da contribuição financeira de todos os membros que a integravam.¹⁴⁸ Começaram a ganhar o seu próprio ordenado, o que contribuiu para a sua independência. Este novo estatuto da mulher constituiu, assim, o primeiro passo na longa caminhada da emancipação social e económica das mulheres.

¹⁴⁷ S. Steinbach 11.

¹⁴⁸ Duncan Bythell, "Women in the workforce", ed. Patrick O'Brien and Roland Quinault, *The Industrial Revolution and British Society* (Cambridge: Cambridge UP, 1993) 33.

Na época vitoriana, a diferenciação entre o mundo privado do lar (dominado pela mulher) e o mundo público do comércio, da vida profissional e da política (dominado pelo homem) teve um impacto profundo na maneira como a mulher passou a ser encarada; proporcionava ao homem um espaço de renovação, onde podia encontrar equilíbrio, privacidade e serenidade. O lar vitoriano funcionava como um abrigo contra um período revolucionário e agitado, que estava a experimentar um desenvolvimento industrial sem precedentes, protegendo a família de todos os problemas de cariz político e económico.¹⁴⁹ Efectivamente, a família vitoriana funcionava como uma espécie de refúgio que proporcionava conforto emocional, o que fazia com que a figura feminina adquirisse um papel preponderante. A própria Rainha Vitória constituiu um exemplo de virtude e de comportamento irrepreensível. De acordo com o modelo vitoriano, a mulher era pura, inocente, gentil, dependente e submissa, restringindo-se a sua vida à casa, à maternidade e à família:

The eighteenth century had created an ideal of modern motherhood, and the revolutionary period eliminated the aristocratic woman as an alternative model. During the Victorian period women and men inhabited separate spheres: women practiced virtue at home in their domestic, reproductive, and maternal activities; men worked in public, in the marketplace, and took part in representative politics.¹⁵⁰

O homem vitoriano podia ser bem sucedido através do empenho e da iniciativa no trabalho, mas o seu estatuto social foi sempre determinado pela família, porque as mulheres tinham um papel decisivo, enquanto indicadoras desse mesmo estatuto:

¹⁴⁹ Bonnie G. Smith, *Changing Lives Women in European History since 1700* (Lexington: Heath and Co., 1989) 183.

¹⁵⁰ B. Smith 182.

But middle-class females none the less had a role to play in determining social differences. Women, not men, managed the outward forms that both manifested and determined social status. Through the creation of an appropriate domestic environment, and through the management of social life, women at all levels of the middle class were responsible for assuring that the private sphere acted as an effective indicator of status in the public sphere.¹⁵¹

1. As Principais Ocupações das Mulheres

1.1. As Principais Ocupações das Mulheres antes da Industrialização

No início do século XVIII, as ocupações mais frequentes das mulheres, na cidade de Londres,¹⁵² eram o serviço doméstico,¹⁵³ depois a confecção e o arranjo de roupas e a enfermagem. Em meados do mesmo século, a situação manteve-se inalterada, mas, durante o século XIX, tornou-se habitual as mulheres procederem

¹⁵¹ Deborah Gorham, *The Victorian Girl and the Feminine Ideal* (London: Croom Helm, 1982) 8.

¹⁵² Londres, à semelhança de outras cidades inglesas, também se caracterizou pelo comércio da prostituição, uma autêntica chaga no século XIX. Nesta cidade, as mulheres ganhavam dinheiro facilmente e a probabilidade de serem impedidas pelas autoridades policiais era fraca. O seu comportamento reflectia a própria conduta da classe social de origem.

¹⁵³ O serviço doméstico é anterior à industrialização, que viria a modificar as características do trabalho, o qual passou a ser predominantemente feminino. Anteriormente, o número de homens e mulheres era semelhante, mas, no início do século XIX, as mulheres começaram a dominar: primeiro, sendo a proporção de oito para um e, posteriormente, de vinte e duas para um. Os patrões exigiam frequentemente que as/os criadas/os permanecessem solteiras/os e não tivessem filhos. O normal era o/a criado/a ser jovem e permanecer na casa do patrão após sair da casa dos pais, até se casar e constituir família. Embora o serviço doméstico existisse em todo o país, tornou-se mais habitual nas áreas urbanas, verificando-se um grande desenvolvimento, na medida em que possuir um/a criado/a passou a estar associado a prestígio social. Assim, as famílias da classe média com possibilidades financeiras contratavam pelo menos um/a criado/a, que se tornava criado/a para todo o serviço, não desfrutando de um mordomo, de um cocheiro ou de um laçaió, como as famílias da elite. Muitos/as criados/as trabalhavam para famílias que não pertenciam à aristocracia: donos de lojas, artesãos, escreventes ou comerciantes. Geralmente, estes/as criados/as eram contratados por um ano, o que fazia com que não se preocupassem com o facto de ficarem temporariamente desempregados/as. Consequentemente, muitas mulheres preferiam permanecer nesta situação a casarem-se e terem filhos. No entanto, a vida de um/a criado/a caracterizava-se pela solidão. Só muito raramente é que podiam sair da casa do patrão e acabavam por ter pouco dinheiro para gastar. (S. Steinbach 17-19.)

à limpeza das casas, cuidarem da roupa, comprarem comida e prepararem as refeições.¹⁵⁴ Muitas mulheres trabalhavam como criadas antes do casamento, mas depois ficavam normalmente em casa; faziam todas as tarefas domésticas sozinhas, ou então recorriam à ajuda das filhas mais velhas. Assim, cozinhavam, cuidavam das roupas, limpavam a casa e cuidavam dos filhos. Uma das funções da mulher consistia em assegurar a respeitabilidade da família, o que nem sempre era fácil, pois estava dependente de muitas variáveis:

It could be judged in many ways: how conscientious a woman was about returning borrowed items; whether a family needed its female head to earn wages year-round, seasonally, or not at all; whether a couple was legally married; whether a family had a parlour in which to entertain company; whether husband or wife drank and how often; whether a family could afford Sunday clothes, sent the children to Sunday school, attended church services, or enjoyed a proper Sunday dinner; whether the children ran around the neighbourhood unsupervised or used coarse language; whether a family could afford a proper funeral (...) ¹⁵⁵

Algumas mulheres consideravam o trabalho doméstico a tempo inteiro a melhor forma de assegurar a respeitabilidade da família e condições de vida decentes, pelo facto de o tempo ser inteiramente disponibilizado para a família, até porque o trabalho feminino era mal pago nas indústrias, como já foi referido. Podiam gerir melhor o orçamento familiar e dar mais apoio aos filhos. De facto, as mulheres sentiram muitas dificuldades quando trabalhavam nas fábricas, na medida em que a conciliação da vida familiar com o trabalho passou a ser difícil:

For women the separation of work and home and the new discipline of the factory made their diverse activities less easy to combine. The

¹⁵⁴ S. Steinbach 10.

¹⁵⁵ S. Steinbach 14.

factories created special problems for nursing mothers, or women with very small children. Engels describes the women rushing home in the factory break to feed their babies. Not surprisingly they stopped breast-feeding as soon as they could.¹⁵⁶

No entanto, não foi possível para as mulheres continuarem em casa por muito mais tempo, na medida em que as condições de vida se degradaram, afigurando-se indispensável a contribuição feminina para equilibrar o orçamento familiar e garantir a subsistência, como também vimos atrás. Assim, viram-se forçadas a sair de casa e a abandonar os filhos, de forma a trabalhar nas novas unidades fabris, onde passavam o dia inteiro.

No século XVIII, a vida das mulheres não foi fácil, em parte devido à alta taxa de mortalidade que contribuiu para o aumento do número de viúvas, de mulheres abandonadas e mães solteiras. Tornou-se difícil para estas mulheres sobreviverem apenas com o seu ordenado, principalmente porque ganhavam pouco e tinham crianças a seu cargo. Nas áreas rurais, a situação agravava-se, pois a oferta de emprego tornava-se menor; um grande número das mães solteiras trabalhava como empregadas domésticas, fiandeiras, ou então, nas quintas dos agricultores. Contudo, tornava-se quase impossível manter um emprego regular e ganhar o suficiente para assegurar a subsistência da família. Nas cidades, muitas mulheres começavam um negócio, mas outras não tinham emprego, o que contribuiu para o aumento da fome, dos suicídios, do crime e da prostituição, principalmente em Londres.

1.2. As Mulheres na Agricultura

Em 1750, Inglaterra continuava a ser uma nação fundamentalmente agrícola, uma vez que a organização rural persistia. Durante a segunda metade do século XVIII, mudanças económicas importantes substituíram a organização

¹⁵⁶ S. Rowbotham 57.

agrícola tradicional pela moderna. Antes da Revolução Agrícola, o objectivo da agricultura resumia-se a assegurar a subsistência e a satisfazer as necessidades imediatas da aldeia, o que deixou de ser exequível, devido à reestruturação da indústria. Entretanto, tornou-se um negócio capitalista, por começar a ter como finalidade fornecer os novos mercados das áreas industriais em expansão. Verificou-se uma maior concentração da população nas cidades, acompanhada por um aumento da população; conseqüentemente, sentiu-se necessidade de dar resposta à procura de comida e às exigências dos centros industriais em expansão. Tinha de se produzir mais, o que aumentava a necessidade de recrutar mais trabalhadores. Verificou-se, então, o emprego em massa de mulheres e crianças, devido à crescente reclamação de terras abandonadas e à dificuldade dos donos das terras em conseguirem mão-de-obra.¹⁵⁷ Conseqüentemente, o agricultor contratava alguém para conseguir obter trabalhadores que ganhassem baixos salários. Organizava ranchos de mulheres, jovens e crianças, de forma a substituir ou completar o trabalho masculino. Pelo facto de o número de homens ser insuficiente, os proprietários das quintas recorriam ao trabalho sazonal feminino, de forma a satisfazer as necessidades, embora, no início das mudanças, a tendência fosse diminuir o número de trabalhadoras e torná-las dependentes dos maridos.¹⁵⁸

No entanto, este recrutamento em massa do sexo feminino para o trabalho agrícola teve conseqüências nefastas para a vida familiar. Por um lado, as mulheres ausentavam-se dos seus lares desde manhã até à noite, deixando a casa suja e desarrumada, as refeições por preparar e as crianças abandonadas; quando regressavam, vinham sujas e cansadas; os maridos refugiavam-se nos bares, para esquecer as suas vidas miseráveis. Por outro lado, as jovens sentiam-se independentes, por ganharem o seu salário e pensavam que se podiam emancipar em relação à autoridade parental. O comportamento e a linguagem destas jovens

¹⁵⁷ P.Hollis 57.

¹⁵⁸ Consulte-se *Women Workers and the Industrial Revolution* de Ivy Pinchbeck (Part I, Chapter III).

tornavam-se tão desadequados que alguns homens ficavam escandalizados quando com elas dialogavam, devido à sua masculinização.¹⁵⁹ Poucas ficaram a trabalhar no campo; muitas tinham deformidades físicas, ou então eram surdas ou mudas. Com a melhoria da educação e das condições de trabalho, começaram a aperceber-se de que o lugar da mulher seria em casa, a cuidar do marido e dos filhos, segundo os parâmetros da época. Contudo, tal como vimos, isso não foi possível, pois tornou-se indispensável aumentar o orçamento familiar, de forma a assegurar os níveis mais básicos de subsistência. Assim, a mulher viu-se forçada a abandonar o lar e a trabalhar nas indústrias então recentemente criadas, como adiante veremos.

À medida que o tempo passou e se desenvolveram novas culturas e métodos de produção, as mulheres adquiriram importância na agricultura, sobretudo na altura das colheitas. As fiandeiras, por exemplo, costumavam abandonar os teares para trabalhar nas colheitas, a fim de rentabilizar o rendimento familiar. O trabalho feminino nas colheitas tornou-se usual, devido ao número insuficiente de trabalhadores, quando as colheitas estavam prontas. Apesar de o trabalho ser árduo e longo, associava-se sempre o tempo das colheitas a uma época de diversão; conseqüentemente, as mulheres encaravam esta temporada como a oportunidade de relaxarem e de fazerem algo diferente da rotina à qual estavam habituadas.¹⁶⁰

Só no fim do século XVIII e início do XIX é que a agricultura começou a oferecer às mulheres mais oportunidades de emprego regular: passaram a ter tarefas específicas no campo, que variavam de região para região. No norte da Inglaterra, por exemplo, o envolvimento feminino nas colheitas começou a ser maior do que no sul. Para além desta actividade, as mulheres dedicavam-se à limpeza das terras, a plantar produtos agrícolas, entre outras funções. Nos

¹⁵⁹ Veja-se *The Victorian Girl and the Feminine Ideal* de Deborah Gorham.

¹⁶⁰ I. Pinchbeck 58.

condados do oeste, envolviam-se nas tarefas mais regulares das pastagens, como é o caso do negócio de lacticínios.¹⁶¹

Nos finais do século XVIII e inícios do XIX, muitas mulheres trabalhavam nos pomares de Kensington, Chiswick e Hammersmith, entre outros.¹⁶² Uma grande parte destas mulheres vinha do País de Gales; faziam a viagem anual para Londres, a pé, no início da Primavera. No Verão, trabalhavam usualmente desde as 6 horas da manhã até às 6 da tarde, no Inverno, desde o amanhecer ao escurecer. Apesar de trabalharem imenso, recebiam metade do salário que os homens obtinham. Em Wiltshire, Somerset e Dorset, disponibilizava-se emprego para as mulheres na Primavera, no Verão e no início do Outono. Nos condados de Kent, Sussex e Surrey, trabalhavam nos pomares, ou então, nas tarefas habituais do campo.

Entretanto, as alterações operadas na agricultura beneficiaram as mulheres. Os campos começaram a ser produtivos e os novos agricultores encaravam o seu negócio com seriedade, ou seja, investiam capital, mas queriam obter lucros elevados. Por conseguinte, consideravam prioritário baixar os custos de produção, possível através da angariação de trabalho feminino, mais económico. As novas colheitas tornaram-se mais fáceis e as mulheres acolhiam toda e qualquer oportunidade de aumentar o rendimento familiar.

No entanto, o ordenado das mulheres dependia da capacidade de trabalho, da facilidade com que se podia libertar das obrigações domésticas e da quantidade e duração dos empregos disponíveis, o que variava também de região para região, dependendo do tipo de solo e das colheitas. Como consequência, registava-se uma grande flutuação no valor dos salários. Normalmente, as mulheres mais fortes e activas ganhavam melhor do que as mais frágeis. Esta tendência aumentava, em caso de o salário ser pago, de acordo com a tarefa que tinham de desempenhar. No caso de as tarefas serem monótonas e repetitivas, os patrões preferiam as mulheres aos homens.

¹⁶¹ I. Pinchbeck 10-11.

¹⁶² I. Pinchbeck 61.

No início do século XIX, as condições de trabalho para as mulheres na agricultura melhoraram, uma vez que as tarefas mais pesadas começaram a ser atribuídas aos homens, cabendo às mulheres as mais leves. Começou a tomar-se consciência da inferioridade da força feminina em relação à masculina, e a própria mudança dos métodos utilizados, na agricultura, provocou alterações decisivas na organização e distribuição do próprio trabalho.¹⁶³ Muitas regiões defenderam que a aprendizagem obrigatória das tarefas agrícolas deveria terminar, o que fez com que o hábito de enviar jovens para trabalhar nos campos cessasse, à exceção da altura da ceifa. As mulheres começaram, então, a conseguir emprego, não no campo, mas sim nas casas da classe média, que se situavam nas cidades e nos subúrbios.¹⁶⁴ O incremento do trabalho nas cidades e a consequente dificuldade em arranjar trabalhadores para a agricultura também contribuiu para a melhoria das condições de emprego:

The greater demand for labour in the towns and the corresponding difficulty of obtaining farm servants made for better conditions in their employment. Much of the out-door work, which seems to have been viewed with increasing dislike, was given up and the duties of farm servants became more purely domestic. This was particularly noticeable in connection with milking and the rearing of young stock. In the eighteenth century milking, with few exceptions, was everywhere a woman's job.¹⁶⁵

No final do século XIX, o número de mulheres a trabalhar na agricultura diminuiu consideravelmente. Para além disso, as condições de trabalho melhoraram e os salários dos homens subiram. Como consequência, a necessidade de apoio feminino passou a ser menor, exceptuando os casos em que os salários ainda se mantinham baixos. O recurso à nova maquinaria também contribuiu para

¹⁶³ I. Pinchbeck 109.

¹⁶⁴ D. Bythell 42.

¹⁶⁵ I. Pinchbeck 109-110.

a dispensa das mulheres e para o gradual desaparecimento da classe trabalhadora agrícola.

O entusiasmo que se fazia sentir em relação à agricultura foi crescendo gradualmente, devido a uma série de experiências e inovações. As mulheres também contribuíram para este desenvolvimento, pois interessaram-se pelas novas descobertas e até experimentaram novas culturas e tecnologias, nas suas quintas:

Many of them threw themselves whole-heartedly into the new interests. They studied, subscribed to, and some of them contributed to the agricultural publications of the day, while members of the aristocracy in the van of fashion started their own experimental farms on which they tried the new cultivations. There is ample evidence to show that some of the women farmers were keenly interested in experiments and improvements; some of them were known as being among the foremost of the improving farmers in their districts and as achieving no small measure of success in their work.¹⁶⁶

As mulheres estavam, efectivamente, interessadas no desenvolvimento tecnológico e deram o seu contributo para as novas experiências que iriam assegurar à população das cidades novos alimentos susceptíveis de enriquecer a dieta e torná-la menos deficiente. Também elas se aperceberam da necessidade de aumentar a produção de produtos agrícolas, proceder ao início de novas colheitas e introduzir novos métodos de cultivo, pois só assim se poderia satisfazer a procura incessante de géneros alimentares.

1.3. As Mulheres nas Indústrias Domésticas

Uma das indústrias domésticas de pequenas dimensões consistia na produção manual de meias, apesar de ter constituído uma ocupação mais

¹⁶⁶ I. Pinchbeck 30.

importante antes do século XVIII. Não obstante os avanços verificados com a introdução da nova maquinaria, continuou a considerar-se as meias de lã produzidas a nível doméstico mais quentes e duradouras do que as produzidas nas fábricas. Assim, a produção de meias continuou a ser assegurada, nas pequenas indústrias, em vários locais do país. Na altura, Londres representava o principal mercado para este tipo de indústria, e os fabricantes vinham semanalmente à cidade, de forma a vender as meias manufacturadas pelas mulheres e crianças. Apesar de as encomendas serem elevadas, os salários mantiveram-se bastante baixos, tendo de se trabalhar mais horas para ganhar um pouco mais. Tornava-se quase impossível a mulher sobreviver apenas com o que obtinha da manufactura das meias, o que fazia com que esta gradualmente se transformasse numa ocupação auxiliar, ou seja, as mulheres tinham de trabalhar na agricultura para compensar os salários baixos. Como consequência, as mulheres mais desfavorecidas começaram a desistir deste tipo de actividade, por não conseguirem sobreviver, o que fez com que a produção artesanal decaísse. No entanto, muitas mulheres continuaram ainda a ter a mesma ocupação, nos distritos mais isolados, até a produção de meias ser completamente absorvida pelas indústrias.¹⁶⁷

O comércio das luvas também consistiu numa actividade muito importante, no final do século XVIII, em locais como Ludlow, Hereford ou Worcester, entre outros. Apesar de esta actividade não se circunscrever apenas às mulheres, elas foram a principal mão-de-obra, e as oportunidades de emprego aumentaram, devido ao desenvolvimento da actividade, nos distritos que se dedicavam fundamentalmente à agricultura. Enquanto os homens curtiam, tingiam e cortavam a pele, as mulheres e as raparigas cosiam. Eram viúvas ou filhas, na sua maioria, que passavam a gerir um negócio de família que tinham ajudado a consolidar, estando os salários dependentes da perícia e do número de horas que trabalhavam. As mulheres solteiras trabalhavam habitualmente das 6 horas da

¹⁶⁷ I. Pinchbeck 226-230.

manhã até às 10 da noite, com duas horas para as refeições. Mais tarde, uma crise teria graves consequências para este sector, pois a importação de artigos estrangeiros deixou de ser proibida, em 1826. Muitos trabalhadores acabariam por ser despedidos, o que agravou ainda mais a situação e aumentou consideravelmente os casos de pobreza extrema e a necessidade de intervenção dos poderes locais.¹⁶⁸

Quanto à indústria dos botões, os botões de seda e fio eram habitualmente fabricados no campo e posteriormente enviados para Londres; os de ouro e prata fabricavam-se em Londres, ao passo que os das camisas se produziam fundamentalmente em Dorset. As mulheres que trabalhavam neste tipo de actividade vinham das classes mais baixas da população e tinham como principal objectivo contribuir financeiramente para a melhoria das condições de vida da família.¹⁶⁹

A indústria das rendas empregava também muitas mulheres, por exemplo, em Bedfordshire ou Buckinghamshire. Durante o século XVIII, este artigo utilizava-se para os punhos das camisas dos homens, assim como para os toucados e adornos das senhoras. No entanto, as rendas estrangeiras tinham uma qualidade superior em relação às inglesas. Consequentemente, tornou-se imperioso melhorar a qualidade das rendas nacionais e protegê-las da concorrência externa. Os esforços empreendidos não tiveram os resultados esperados, já que os membros das classes altas continuaram a preferir os artigos estrangeiros. As rendas de produção nacional vendiam-se fundamentalmente nos mercados de Londres e também no mercado semanal de rendas, em Newport Pagnell.¹⁷⁰ Os salários dos trabalhadores acompanhavam a evolução do negócio, isto é, quando os lucros aumentavam, os salários também aumentavam. No período da guerra entre Inglaterra e França (Guerras Napoleónicas: 1793-1815), as mulheres ganhavam muito melhor, por não haver a importação de rendas estrangeiras, mas, quando

¹⁶⁸ I. Pinchbeck 222-226.

¹⁶⁹ I. Pinchbeck 230-232.

¹⁷⁰ I. Pinchbeck 204-205.

veio a paz, em 1815, os ordenados baixaram novamente e houve muito desemprego. Entretanto, a invenção de novas máquinas para a indústria das rendas fez com que muitas mulheres ficassem sem as suas ocupações tradicionais, nos distritos onde se praticava a produção manual. Mas a utilização da maquinaria também acabou por possibilitar novas oportunidades de emprego, sendo a maior parte das bordadeiras mulheres jovens e casadas. Este negócio estava, porém, sujeito a grandes flutuações, devido a mudanças no mundo da moda.¹⁷¹ Para além disso, o trabalho minucioso tornava-se indevidamente compensado, uma vez que os salários se mantiveram baixos. As mulheres solteiras passavam fome e ficavam com a saúde debilitada, devido às longas horas de trabalho.¹⁷² Sendo o dinheiro insuficiente, muitas das jovens tornavam-se prostitutas, a fim de assegurar a subsistência. As mulheres casadas, que trabalhavam o dia inteiro e não tinham tempo para dedicar aos filhos, davam-lhes ópio.¹⁷³ Deste modo, não choravam e não interferiam no trabalho que tinha de ser feito, de modo a assegurar a sobrevivência da família. As mulheres negligenciavam as crianças, que se sentiam tentadas a enveredar por um caminho conducente aos piores vícios e até ao crime. A figura feminina estava, em muitos casos, ausente da vida familiar, o que fragilizava a base dessa estrutura restrita, tão importante para o bem-estar de uma nação.¹⁷⁴

Assim, muitas mulheres optavam por trabalhar em casa, pois podiam aumentar a fonte de rendimento, não descurando o trabalho doméstico e o

¹⁷¹ Sonya O. Rose, *Limited Livelihoods Gender and Class in Nineteenth-Century England* (Berkeley, Los Angeles: University of California P, 1992) 25.

¹⁷² I. Pinchbeck 203-209.

¹⁷³ De acordo com Ivy Pinchbeck, este tipo de conduta tinha consequências nefastas para a saúde das crianças. Tornavam-se crianças pálidas, frágeis, doentes e atrasadas, a nível mental. Muitas delas morriam com uma “overdose”, ou então, lentamente, de uma forma dolorosa.

¹⁷⁴ Havia quem considerasse a fábrica responsável pela destruição da vida familiar da classe trabalhadora, mas, em alguns casos, as mulheres deixavam de trabalhar, após o casamento. Nas fábricas de algodão de Lancashire, nas indústrias de lã do norte e nas fábricas de seda, rendas e linho, uma grande parte das trabalhadoras tinha entre 16 e 21 anos. O número de mulheres casadas tornava-se, até certo ponto, insignificante. Havia muito mais mulheres casadas a sair de casa durante horas para trabalhar, nos campos. (I. Pinchbeck 197.)

acompanhamento dos filhos.¹⁷⁵ As crianças limitavam as perspectivas de trabalho da mãe, por esta não poder deixar facilmente a sua casa para procurar emprego, nas fábricas ou em armazéns.

2. As Mulheres e a Transição do Sistema Doméstico para o Sistema Fabril

Não obstante o que observámos, as indústrias domésticas empregavam um grande número de mulheres e crianças. Como este tipo de indústrias não necessitava de um período de aprendizagem, as mulheres aproveitavam-se da facilidade que tinham à disposição:

Though women had always worked in handicraft production, they were employed in cottage industries on an exceptionally large scale. These industries were small scale, not far removed from the homestead, if at all, and were built on the industries and skills of traditional crafts and domestic manufacture. Domestic industries did not usually require apprenticeship, so women found these easier to enter than regulated trades. Entrepreneurs needed their labour, and the large numbers of women needing an income made them attractive and affordable employees.¹⁷⁶

Embora, no decorrer do século XVIII, a tendência fosse constituir fábricas e oficinas em miniatura o sistema doméstico de produção ainda perdurou durante a totalidade do século XIX, funcionando lado a lado com as fábricas. Em Inglaterra os sistemas fabril e doméstico coexistiram e foram ambos fulcrais para

¹⁷⁵ Na altura da Revolução Industrial, acusava-se as mulheres de descurar o trabalho doméstico, o marido e os filhos, quando estavam empregadas em fábricas. Também foram acusadas de ignorância e de serem responsáveis pelas taxas elevadas de mortalidade infantil.

¹⁷⁶ Deborah Simonton, "Women Workers; Working Women," *The Routledge History of Women in Europe since 1700*, ed. Deborah Simonton (New York: Routledge, 2006) 142.

o processo da industrialização, funcionando como duas facetas complementares. Muitos dos processos da produção de um determinado produto ocorreram simultaneamente nas fábricas e nas casas particulares, e até para o mesmo patrão.¹⁷⁷ Entretanto, verificar-se-ia uma queda progressiva da produção de cariz doméstico, a fim de possibilitar o desenvolvimento do sistema fabril. Efectivamente, em finais do século XVIII, construíram-se grandes unidades fabris, de forma a possibilitar a instalação das novas máquinas, demasiado grandes para funcionar nas casas particulares. No início do processo, as fábricas eram geralmente pequenas e empregavam poucas pessoas, mas a nova máquina de fiar e a utilização da energia a vapor provocaram o aumento do número de fábricas maiores e mais bem equipadas, com condições de trabalho mais adequadas.¹⁷⁸

Nos Condados de Northampton, Bedford e Buckingham salientava-se a produção de rendas, o que fazia com que as mulheres e as crianças se dedicassem a este tipo de trabalho e não à agricultura. Nos Condados de Dorset e Somerset, no sudoeste, as indústrias domésticas tinham um papel de destaque, devido à produção de botões, luvas e seda. As paróquias próximas dos novos centros urbanos, como é o caso de Derby, Nottingham e Leicester, caracterizavam-se também pelo emprego de mulheres e crianças. No entanto, nestas indústrias, os salários costumavam ser muito baixos, o que fez com que, em determinados casos, as mulheres tivessem de recorrer ao trabalho sazonal agrícola,

¹⁷⁷ Muitos patrões pensaram fundar grandes unidades fabris, mas acabaram por preferir o sistema doméstico de produção, por ser mais cómodo e barato. Este tipo de comportamento tornou-se bastante frequente, nas indústrias têxteis, que empregavam um grande número de mulheres.

¹⁷⁸ As primeiras fábricas não dispunham de instalações adequadas, com tectos baixos e, conseqüentemente, ventilação insuficiente. O número de mulheres a trabalhar, nestas primeiras unidades fabris, era bastante reduzido, enquanto que as crianças foram muito utilizadas. As jovens chegavam a ser dispensadas, quando chegavam à idade adulta. Com o desenvolvimento da máquina a vapor, começaram a construir-se máquinas mais sofisticadas que necessitavam de mais mão-de-obra adulta. Assim, o número de mulheres a trabalhar nas fábricas aumentou consideravelmente, no início do século XIX. O “Factory Act” de 1833 também contribuiu para esta situação, uma vez que, ao limitar o trabalho infantil, aumentou a necessidade da mão-de-obra adulta. (I. Pinchbeck Part II, Chapter IX.)

principalmente no Verão. O emprego de mulheres e crianças nas colheitas não se caracterizava pela uniformidade, por variar de região para região:

Here a more distinct regional pattern emerges: with the exception of Berkshire, all the counties which return the highest proportion of mentions for female and child harvest labour lay in northern and eastern England (Lincoln, Northumberland, Nottingham, Westmorland, East and North Yorkshire). Again, the counties least likely to mention women and children being engaged in the harvest (Shropshire being exceptional) were those with a preponderance of domestic industries or manufacturing opportunities (Bedford, Dorset, and West Yorkshire).¹⁷⁹

Uma das situações mais preocupantes em relação ao trabalho feminino ficou a dever-se à introdução da nova maquinaria para fiar o produto enviado pelas manufacturas vizinhas. O trabalho manual continuou ainda durante algum tempo, mas a competição das máquinas tornou-se aqui mais forte e os salários sofreram uma quebra acentuada. Como consequência, a única alternativa seria ficar dependente da caridade alheia, ou então, procurar trabalho na agricultura. Mesmo que as mulheres continuassem a fiar, o salário continuava a ser tão baixo que as forçava a procurar trabalho na agricultura, à semelhança do que ocorria noutras indústrias domésticas,¹⁸⁰ como vimos anteriormente.

Nas sociedades anteriores à Revolução Industrial, as mulheres tinham a responsabilidade de confeccionar as roupas para toda a família. Com o surgimento das indústrias têxteis, perderam progressivamente o controlo do fabrico de roupas, embora o seu trabalho continuasse a ter uma importância vital, enquanto as manufacturas dominaram a produção, especialmente nas tarefas relacionadas com a fiação. Durante o século XVIII, muita roupa continuava ainda a ser feita nas

¹⁷⁹ Nicola Vernon, "The rural labour market in the early nineteenth century: women's and children's employment, family income, and the 1834 Poor Law Report," *The Economic History Review*, vol. LV, No. 2 May 2002: 311-312.

¹⁸⁰ I. Pinchbeck Part II, Chapter VII.

quintas do Norte da Inglaterra e no País de Gales, mas começou a assistir-se ao gradual desenvolvimento das indústrias têxteis, transferidas do campo para a cidade. Apesar de as mulheres trabalharem, não recebiam; considerava-se que, juntamente com as crianças, pertenciam a uma família e que o salário deveria ser pago ao homem, como seu chefe. Assim, encarava-se o casamento como um negócio ou conveniência; os esposos trabalhavam juntos para um fim comum.

A introdução da nova maquinaria viria a produzir alterações profundas, não só na vida doméstica, mas também nas condições de emprego das mulheres. Com as mudanças verificadas no comércio e na indústria, em finais do século XVIII e inícios do XIX, as indústrias domésticas mais pequenas¹⁸¹ começaram a proporcionar menos oportunidades de emprego.

3. As Mulheres na Fábrica

O surgimento das fábricas provocou uma procura desmesurada de trabalhadores camponeses, os quais se tornaram operários, empregando-se em oficinas metalúrgicas de pequenas dimensões, na região de West Midlands, por exemplo. Em Birmingham, as mulheres trabalhavam nas forjas, entre 15 e 16 horas diárias, frequentemente também na noite de Sexta para Sábado, a fim de concluírem as encomendas de pregos. Como compensação, tinham, por vezes, a Segunda-feira livre. Devido à insegurança deste tipo de trabalho, as faúlhas provocavam-lhes queimaduras no corpo. As mulheres com bebés levavam-nos e amamentavam-nos nas forjas. Os que já gatinhavam ou andavam movimentavam-se, por entre as faúlhas, correndo o risco de ficarem queimados, o que não raro acontecia.

¹⁸¹ Como atrás consta, as indústrias domésticas produziam artigos específicos como botões, luvas, rendas, meias, calçado, chapéus, cordas, lona, cestos, pregos, correntes, entre outros. Uma outra actividade importante, na época, foi a costura. Os filantropos defendiam o incremento destas indústrias, na medida em que foram extremamente importantes para a diminuição dos níveis de pobreza. (I. Pinchbeck 203.)

No início da Revolução Industrial, as mulheres que trabalhavam nas fábricas não eram recrutadas no seio das actividades têxteis, mas sim no dos agricultores que tinham perdido as suas terras, devido à Revolução Agrícola; no dos empregados domésticos; no dos pobres que viviam espalhados pelas paróquias; e no dos trabalhadores sem qualificação específica. As mulheres começaram a trabalhar nas indústrias têxteis, após a invenção do tear a vapor. Porém, os patrões preferiam pessoas com experiência, por saberem os cuidados específicos a ter com a máquina. Consequentemente, as mulheres que trabalhavam com este tipo de tear, geralmente filhas ou esposas dos tecelões, sentiam necessidade de contribuir para a subsistência da família; só assim estas famílias obtinham dinheiro suficiente para sobreviver, como já verificámos.

O trabalho nas fábricas representou efectivamente uma importante fonte de emprego para as mulheres, sobretudo nos principais centros industriais, como é o caso de alguns distritos do norte de Inglaterra e da região dos Midlands. Este tipo de trabalho acabou por atrair muitas mulheres, por lhes proporcionar independência económica e a oportunidade de uma vida menos solitária, na medida em que podiam “usufruir” de um certo convívio social.

Nas fábricas, as mulheres trabalhavam em ocupações diversas, dependendo das máquinas introduzidas, ou seja, mudavam de tarefa frequentemente. Muitas responsabilizavam-se pelas tarefas auxiliares e preparatórias, nas áreas da cardação, fição e tecelagem.¹⁸²

O trabalho feminino, durante o século XIX, foi associado ao trabalho fabril, mas a principal fonte de recrutamento para as outras formas de emprego aparecia associada ao lar ou ao trabalho nas quintas, como foi referido. No entanto, com a proletarização do trabalho rural, a agricultura tornou-se dependente do trabalho masculino, progressivamente mais especializado, enquanto que o trabalho feminino permaneceu mais precário. Assim, as mulheres sentiram-se dependentes e atraídas pelo trabalho nas unidades fabris:

¹⁸² I. Pinchbeck Part II, Chapter IX.

For the majority of women, it simply increased their dependence on other people. They regulated their own time, but their lives were increasingly unaffected by the seasons. They had cash to buy food, but they could only afford the most monotonous of diets and were unable by the rhythm of their work to supplement their supplies by their own efforts in growing food or keeping livestock. Little wonder that work in the towns seemed attractive.¹⁸³

No início do processo da industrialização, as casas dos trabalhadores de algodão, por exemplo, funcionavam como fábricas em miniatura, com uma organização familiar: o homem supervisionava todo o processo da tecelagem, a mulher tratava das fases preparatórias e do treino das crianças, ao passo que a selecção e a limpeza do algodão estavam a cargo das mulheres e das crianças. Mais tarde, a limpeza, a cardação, a fiação e o primeiro processo da tecelagem do algodão passaram a ser feitos na fábrica. Como consequência, as tarefas tradicionalmente femininas passaram a ser desempenhadas por trabalhadores especializados do sexo masculino, que trabalhavam com a nova maquinaria. A tecelagem do algodão continuou a ser feita por mulheres, embora houvesse um grande número de tecelões manuais. À medida que as indústrias se tornaram mais organizadas, tornou-se normal a concorrência com os homens, originando a exclusão das mulheres de determinadas actividades, ou seja, foram perdendo o emprego que ajudava a assegurar a sobrevivência da família. Embora os salários dos homens subissem, não eram suficientes para resolver a situação económica familiar, uma vez que, tanto as mulheres, como as crianças ficaram em casa desempregadas e totalmente dependentes. As indústrias passaram a ser gradualmente controladas pelos homens, enquanto as mulheres foram relegadas para posições secundárias. No entanto, os homens continuaram a sentir-se ameaçados e receavam a competição do trabalho feminino, considerado inferior e

¹⁸³ Anne Laurence, *Women in England 1500-1760 A Social History* (1994; London: Phoenix, 1996) 273.

mais barato.¹⁸⁴ Consequentemente, vários regulamentos surgiram para evitar a entrada de mulheres em determinados ramos de actividade; só no caso de ser esposa ou criada é que se aceitava a sua admissão. Contudo, com o crescimento industrial tornou-se impossível evitar o emprego de mulheres, por constituírem uma fonte de trabalho barata. Apenas foi exequível restringir o seu trabalho a um número limitado de actividades.

No século XIX, os patrões contratavam normalmente homens para os trabalhos mais especializados e para operarem com a maquinaria mais complicada. Geralmente, recebiam salários melhores, na qualidade reconhecida de chefes de família, supostamente responsáveis pelo seu bem-estar económico. Porém, os patrões não tinham em consideração a situação familiar destes trabalhadores, sendo o ordenado previamente estabelecido, de acordo com os custos. As mulheres faziam trabalhos mal pagos, para os quais não necessitavam de competência técnica ou treino específico. Mesmo antes da industrialização, já se considerava que o salário feminino deveria ser menor, mesmo que se tratasse de trabalho especializado.

Existia, de facto, uma grande discriminação em relação à mulher.¹⁸⁵ Por um lado, os homens consideravam que tinham prioridade no acesso ao trabalho, de forma a evitar o desemprego e a usufruir de um salário superior; por outro lado, os patrões consideravam a aptidão mecânica uma característica tipicamente masculina, ausente nas mulheres, o que servia de justificação para lhes pagarem um salário inferior. Para além disso, argumentavam que, ao contratarem mulheres, também necessitavam de contratar supervisores do sexo masculino, aos quais pagavam ordenados elevados para procederem à inspecção e a pequenas reparações das máquinas, alegando a incapacidade do sexo feminino para tais tarefas. Os donos das fábricas adquiriam inclusive maquinaria especialmente concebida para trabalhadores especializados do sexo masculino, devido à altura e

¹⁸⁴ I. Pinchbeck Part II, Chapter VI.

¹⁸⁵ No século XIX, o homem considerava-se abertamente superior à mulher e discriminava-a. Chegava-se ao extremo de defender que a mulher deveria ser dependente, ou seja, dona de casa, mãe e prostituta, tendo o homem o direito de decidir sobre a sua vida e morte.

peso mínimos exigidos para as colocar em funcionamento. Em caso de desejar diminuir os custos de produção, através da substituição dos homens por mulheres, o patrão contratava um construtor de máquinas, a fim de conceber um engenho adaptado ao corpo feminino.¹⁸⁶ De facto, os patrões aproveitavam-se dos preconceitos existentes em relação à figura da mulher e do facto de se considerar que a mulher deveria estar em casa, para baixar os salários; consideravam que devia deixar de trabalhar, não por estar grávida, ou ter filhos pequenos, mas sim por se casar.¹⁸⁷

Por vezes, os patrões da indústria das rendas preferiam contratar crianças do sexo masculino a mulheres, enquanto fonte de trabalho barata, pois o importante não era o sexo da mão-de-obra, mas sim os custos a ela associados:

Os patrões das fábricas eram praticamente todos homens. O seu interesse não era o sexo da mão-de-obra, mas sobre qual era a mais barata que pudesse fazer o trabalho de uma forma minimamente aceitável. (...) Os rapazes, bem como as raparigas, fizeram baixar as tarifas dos adultos. Mestres em ofícios onde a exploração era maior, obrigavam as tarifas dos outros a baixar. Não era pior nem melhor para as mulheres fazer baixar os salários dos homens do que para os homens tirarem o trabalho das mulheres sem olharem a consequências. Os patrões tentavam fixar os

¹⁸⁶ Nem todas as máquinas foram especialmente concebidas para trabalhadores do sexo masculino. Durante o século XIX, várias indústrias introduziram maquinaria adaptada às mulheres. Este tipo de máquinas exigia menos treino e energia da parte de quem as manuseava. Marc Isambert Brunel concebeu estruturas circulares que se destinavam às mulheres. As tapeçarias reais de Axminster eram feitas em teares concebidos para jovens do sexo feminino. O mesmo se passava com o tear manual de Chenille, que se destinava ao fabrico de tapetes, embora este tipo de tear exigisse uma grande força física. No caso de as máquinas serem grandes ou pesadas, assumia-se que deveriam estar a cargo dos homens. (S. Rose Chapter 5.)

¹⁸⁷ Quando os patrões necessitavam de um grande número de trabalhadores para fazer face às encomendas, o casamento já não funcionava como obstáculo, mas voltava a ser um impedimento, no caso de a mão-de-obra ser suficiente. Na altura, considerava-se que o homem deveria ganhar o suficiente para assegurar a sobrevivência da família. Esta mentalidade contribuiu para baixar os salários das mulheres.

salários de cada emprego separadamente, pois assim podiam mais facilmente atirar um trabalhador contra o outro.¹⁸⁸

O “British Factory Act” de 1844 estipulou 12 horas de trabalho para as mulheres. Em 1847, o número de horas passaria para 10. O “Factory Act” de 1861 limitou o número de horas que as mulheres e as crianças podiam trabalhar na indústria das rendas, assim como a idade mínima para as restantes indústrias: 18 anos. A pressão dos fabricantes deste artigo foi tão forte que ficou legislado que os jovens, a partir dos 16 anos, poderiam trabalhar como um adulto.¹⁸⁹

Entretanto, a substituição de homens por mulheres começou a ser muito frequente, na segunda metade do século XIX.¹⁹⁰ Os patrões começaram a contratar mulheres para desempenhar funções que, anteriormente, tinham sido desempenhadas por homens. Como consequência, várias comissões parlamentares e investigações, a nível social, centraram-se nas razões de contratação por parte dos patrões. Mas o importante foi o trabalho feminino ter aumentado:

(...) by 1899 over half a million women worked in factories. (...) Employment in textiles (including cotton, wool and worsted, linen and fustian) tripled between 1750 and 1800. (...) In 1818, women comprised over half of the labour force in the cotton industry in England. (...) By 1871, 57 per cent of adult workers in the Lancashire and Cheshire cotton industry were women. (...) But while textiles increasingly depended on steam power, the clothing trades, which expanded rapidly in the 1840s and 1850s, still relied on the hand technology of needlewomen (...) ¹⁹¹

¹⁸⁸ Sheila Lewenhak, *A Mulher e o Trabalho*, trad. Ana Falcão Bastos e Luís Leitão (Lisboa: Editorial Presença, 1982) 181.

¹⁸⁹ S. Rose 26.

¹⁹⁰ De acordo com Susie Steinbach, em 1871, 57% dos trabalhadores das indústrias têxteis de Lancashire e Cheshire era mulheres. O número de mulheres casadas que trabalhava, nas fábricas, estava dependente de diversas variáveis, como é o caso do emprego do marido, do orçamento familiar e da própria região onde residiam. (S. Steinbach 24.)

¹⁹¹ S. Steinbach 22-24.

No entanto, muitas mães continuaram a trabalhar em casa, sendo ajudadas pelas crianças, principalmente em caso de urgência na entrega do trabalho. Especialmente as meninas ficavam em casa para ajudar, ou então faziam o trabalho depois da escola. Até os familiares mais velhos ajudavam, o que dificultava o conhecimento do número de horas de trabalho. O facto de o Estado ter limitado e regulado o trabalho feminino fez com que se registasse um aumento do trabalho doméstico. Os patrões criaram, especialmente para as mulheres casadas, a possibilidade de trabalharem em casa, pois seria um modo de diminuir os custos de produção e manter a flexibilidade e a possibilidade de ajuste com a vida familiar:

Manufacturers created industrial homework especially for married women, as a way of cutting labor costs, reducing capital costs, and maintaining flexibility. The women who managed households adopted homework as a response to poverty at particular points in the family life cycle.¹⁹²

3.1. As Mulheres na Fiação

A fiação manual¹⁹³ foi a base das indústrias têxteis, desde o início da industrialização, sendo desenvolvida por mulheres e crianças, que constituíam

¹⁹² S. Rose 100.

¹⁹³ O processo da fiação sofreu uma série de aperfeiçoamentos, ao longo do tempo. Durante centenas de anos, os responsáveis por este trabalho utilizaram a roca de fiar, que possibilitava a produção de um fio mais fino. A grande roda foi utilizada para fiar a lã, até ao final do século XVIII, e permitia à fiandeira girar a roda com a mão direita, para a frente e para trás, de forma a retirar o fio de lã com a esquerda. Como apenas podia ser fiado um fio de cada vez, a fiação e o enrolar do fio tinham de ser realizados de forma intercalar. A roda saxónica foi um passo importantíssimo no desenvolvimento desta tarefa, pois o fio começou a ser fiado automaticamente, o que duplicou a produção. Mais tarde, a utilização de um pedal fez com que as duas mãos ficassem livres para tratar do fio e, em meados do século XVIII, foi acrescentada uma segunda agulha, o que fez com que fosse possível fiar dois fios em simultâneo. A máquina de fiar de James Hargreaves, que tornou possível que a mesma fiandeira pudesse trabalhar, em simultâneo, com oito agulhas, depois com dezasseis e finalmente com cem, não transformou o processo de fiação de imediato, pois as primeiras máquinas de fiar foram usadas em casa e, só mais tarde, é que seriam transportadas para as fábricas de algodão. (I. Pinchbeck 129-130.)

cerca de 90% da força de trabalho. Contudo, os fabricantes começaram a ficar insatisfeitos com este tipo de trabalho, devido às imperfeições do produto, procedendo, assim, à sua mecanização. Por ser realizado em casa, o mesmo artigo passava pelas mãos dos vários membros da família.

Como nem todos tinham a mesma habilidade, o trabalho ficava extremamente irregular:

In an occupation which was considered suitable for all classes and for the young and aged alike, it is evident that the degree of skill must have varied very considerably. Moreover, the yarn produced by a single household was often the work of six or eight different spinners, including servants and children, some of whom would spin “hard” and some “soft”, with the result that when the thread was all put together and woven inequalities in the cloth were only too apparent.¹⁹⁴

Embora existisse um grande número de fiandeiras nas indústrias da lã, as fiandeiras de algodão e de linho¹⁹⁵ tornaram-se bem mais raras e existiam somente em áreas perfeitamente delimitadas. Por um lado, o centro das indústrias do algodão passou a ser Lancashire, local único em Inglaterra, pelo facto de os homens e as mulheres não entrarem em competição na obtenção de empregos.¹⁹⁶ Por outro lado, a produção do linho ainda estava centralizada em determinadas famílias, que trabalhavam apenas para o círculo familiar; o linho só chegava aos mercados em caso de produção excedentária, o que o tornou um produto bastante raro. Para além disso, a fiação do linho constituía um trabalho altamente especializado e exigia um período de aprendizagem excessivamente longo, ou seja, as jovens que começavam a aprender esta “arte” na adolescência só muito

¹⁹⁴ I. Pinchbeck 130.

¹⁹⁵ De acordo com Ivy Pinchbeck, a fiação do linho constituía uma das tarefas mais doentias para as mulheres: estavam sempre em contacto com a água que saía das máquinas e tinham de passar o dia com as roupas molhadas. Mais tarde, seria introduzida a água quente, o que acabou por agravar a situação, na medida em que o ar ficou mais quente e húmido. (I. Pinchbeck Part II, Chapter VII.)

¹⁹⁶ S. Rose 158.

difícilmente se tornariam trabalhadoras especializadas. Durante o século XVIII, Yorkshire, Lancashire e Northumberland foram os principais centros da comercialização do linho, para além dos pequenos centros que produziam somente para assegurar as necessidades locais. Apenas uma pequena parte da produção passou a ser manufacturada pelas fiandeiras inglesas; a maior parte era importada da Irlanda ou da Escócia, ou então vinha da Alemanha e da Prússia, devido ao preço mais baixo e à escassez e raridade em Inglaterra. Como consequência, tornou-se preferível importar o produto, contando apenas com a produção nacional. Os trabalhadores que dependiam da fiação para sobreviver preferiam a lã, sempre disponível no país, além de muito mais fácil de fiar. Este facto fez com que os fiandeiros de linho se tornassem progressivamente mais raros e só existissem nos locais onde a manufactura do linho se tinha fixado. Esta actividade foi decaindo, pois os agricultores começaram a dedicar-se ao algodão, muito mais lucrativo.¹⁹⁷

Contrariamente à fiação do linho, as fiandeiras de algodão tornaram-se muito frequentes em todo o país. Apesar de a indústria da lã não estar tão próspera, devido ao desenvolvimento da do algodão e à expansão das cidades industriais, continuava a dominar os distritos do campo. Uma grande percentagem de mulheres (e também crianças) dedicava-se a esta actividade, nos distritos de Norfolk e Suffolk. No entanto, não conseguiam produzir fio suficiente para assegurar o trabalho das tecelagens vizinhas, uma vez que a procura excedia a oferta e as indústrias de lã necessitavam de enormes quantidades de fio. Assim, os condados vizinhos, sem tradição deste tipo de actividade, começaram também a oferecer lã fiada, de forma a fazer face às necessidades crescentes, como é o caso da Cornualha. À medida que o sistema capitalista de produção se desenvolveu e a indústria se tornou cada vez mais organizada, a lã começou a ser comprada por grandes revendedores para ser posteriormente fiada pelos operários.

¹⁹⁷ I. Pinchbeck 131.

As máquinas trouxeram melhorias significativas para as fiandeiras, resultantes da grande poupança de tempo e dinheiro; naquela altura, gastava-se muito tempo a enviar a matéria-prima de um grupo de trabalhadores para outro. Para além disso, os meios humanos e materiais necessários para a distribuição dos produtos tornaram-se numerosos, o que contribuía para a não-eficiência do sistema de fiação doméstico.

Entretanto, devido à evolução tecnológica e à grande procura de fio, a máquina de fiar adquiriu grandes dimensões e passou a ser operada por indivíduos do sexo masculino,¹⁹⁸ o que desencadearia o desemprego de um número considerável de mulheres que, geralmente, não podiam competir fisicamente com os homens:

By 1788, jenny spinning in the cottages was over. Heavier machines required the strength of men, and spinning on the mule quickly became highly skilled work monopolised by a new class of men spinners. Thus, within the space of one generation, what had been women's hereditary occupation was radically changed, and the only classes of women spinners left were the unskilled workers in the new factories built to house Arkwright's frames.¹⁹⁹

Apesar de as fiandeiras terem reagido mal aquando da invenção da máquina de fiar, a hostilidade não durou muito tempo, principalmente porque uma grande parte era mulher ou filha dos tecelões que tinham beneficiado imenso com o aumento da produção de fio e já não estavam dependentes dos fiandeiros da vizinhança, que cobravam preços exorbitantes pelo fio que produziam. Como consequência, os trabalhadores ficaram satisfeitos com a adopção da nova

¹⁹⁸ Embora as mulheres tivessem sido substituídas por fiandeiros especializados do sexo masculino, a enorme produção de fio gerou uma necessidade cada vez maior de tecelões. Assim, muitas mulheres e crianças que anteriormente se tinham dedicado à fiação começaram a trabalhar com os teares e a tecer o fio que era fiado por fiandeiros especializados do sexo masculino. (I. Pinchbeck Part II, Chapters VII and VIII.)

¹⁹⁹ I. Pinchbeck 148.

invenção e os lucros produzidos fizeram com que muitos tecelões se transformassem em fiandeiros. Em suma, beneficiaram da prosperidade proporcionada pelas novas máquinas. Mesmo as mulheres que nunca tinham trabalhado na fiação sentiram-se atraídas por este tipo de trabalho, devido às novas oportunidades. Infelizmente, os salários altos teriam uma vida curta, especialmente para as mulheres, que seriam substituídas pelas máquinas de fiar com oito ou mais agulhas. No entanto, durante a última década do século XVIII, altura em que se verificou a transição do sistema doméstico para o fabril, muitas das mulheres que deixaram de ser fiandeiras ainda conseguiram arranjar emprego noutras ocupações, principalmente na tecelagem. As que tinham deixado de ser fiandeiras manuais tiveram novas oportunidades de emprego regular e bem pago, noutro tipo de ocupações, uma vez que, por vezes, as ofertas de trabalho se tornaram mais frequentes do que anteriormente, o que fazia com que as mulheres abandonassem as quintas e preferissem trabalhar nas fábricas. Mas noutras zonas do país a oferta de emprego foi-se tornando progressivamente escassa, sobretudo nos condados do sudeste de Inglaterra, como é o caso de Norfolk, onde a indústria não se desenvolveu.²⁰⁰ Como consequência, a única solução consistia em voltar a continuar a trabalhar no campo; o número de pessoas que viviam numa situação extrema de pobreza aumentou consideravelmente e começou a existir uma certa nostalgia, relativamente à época em que as mulheres desempenhavam a função de fiandeiras, mesmo que as condições de trabalho não fossem adequadas:

In the suffering which followed on the reduction of income, women were apt to look back on their spinning days as a veritable golden age. The tedium of long hours at the wheel, the hard necessity of children's work almost from infancy, the abatements in wages were all forgotten (...) ²⁰¹

²⁰⁰ I. Pinchbeck Part II, Chapters VII and VIII.

²⁰¹ I. Pinchbeck 156.

Como as fiandeiras não tinham acesso a outros meios de emprego e não estavam organizadas, não conseguiam resistir às frequentes reduções dos salários, culpando as novas máquinas pela sua infelicidade e desemprego.²⁰² Porém, as dificuldades não apresentavam um carácter homogéneo, na generalidade do país, ou seja, as condições podiam ser más numa determinada zona, enquanto que noutra podiam ser boas, com oferta de trabalho e salários adequados. De qualquer forma, a classe das fiandeiras sofreu muito com o facto de se pensar que o marido sustentava a família, ou seja, que o seu ordenado funcionava apenas como um suplemento. Os processos relacionados com a fiação começaram a estar a cargo de operários do sexo masculino, que ganhavam melhor. Consequentemente, as mulheres tornaram-se desnecessárias para assegurar o sustento da família e não necessitavam de compensar os salários que tinham enquanto fiandeiras.

Com efeito, a fiação funcionava, na altura, como a ocupação principal das mulheres que pertenciam às classes mais desfavorecidas da população. Como consequência, passou a ser perfeitamente normal as casas estarem equipadas com uma roda ou roca, devido aos preços acessíveis. Mas nem todas as fiandeiras se organizavam da mesma forma, ou seja, havia diferentes classes dentro da classe das fiandeiras. As produtoras individuais produziam o seu próprio linho ou lã exclusivamente para fins domésticos e apenas vendiam o excedente. No entanto, este tipo de fiandeira começou a ser uma minoria, nos finais do século XVIII. Uma outra classe de fiandeiras não produzia a matéria-prima; comprava-a, transformava-a em fio e vendia-o. Algumas fiandeiras trabalhavam para um patrão, ou seja, não possuíam o produto, ganhando apenas o ordenado estipulado.

²⁰² A insatisfação crescente das mulheres com as condições de vida e de trabalho fez com que surgisse uma grande hostilidade em relação à nova maquinaria. Esta hostilidade já se tinha verificado no início da introdução da maquinaria, mas agora tornara-se mais sólida e forte. No início do processo da industrialização, as mulheres foram consideradas indispensáveis; entretanto, o mesmo trabalhador começou a controlar uma máquina com um número indeterminado de agulhas, o que afectou consideravelmente a taxa de pessoas nas fábricas. Isto fez com que um grande número de famílias ficasse reduzido a uma vida deplorável, principalmente quem se encontrava numa situação de dependência, relativamente à fiação manual. As mulheres mais velhas olhavam com desconfiança o novo sistema fabril, pois não se sentiam com capacidade para abandonar a sua casa e a roda, com a qual tinham trabalhado tantos anos. (I. Pinchbeck Part II, Chapter VII.)

Para estas, a fição constituía uma ocupação a tempo inteiro, pelo facto de a lã ser entregue em bruto ao tecelão, que ficava responsável pela fição do seu próprio fio. As fiandeiras que tiveram mais sorte foram as do algodão, na medida em que a competição entre os tecelões para a obtenção de fio suficiente fez com que os preços subissem.²⁰³

3.2. As Mulheres na Tecelagem

No início do processo da industrialização, enquanto os homens cultivavam a terra, as mulheres e as crianças trabalhavam com os teares manuais, em casa. Em finais do século XVIII, registou-se um grande aumento do número de tecelãs, já que o aumento da produção de fio, devido à máquina de fiar, fez com que fossem necessárias mais mulheres para o tear manual e que os salários subissem.²⁰⁴ Abriam-se novas oportunidades de negócio para as mulheres, pois existia uma grande procura nos mercados nacionais e até internacionais; muitas mulheres ficaram dependentes da tecelagem, a fim de assegurar a sua sobrevivência.²⁰⁵

As mulheres tiveram, de facto, uma situação bastante vantajosa, nas várias áreas da tecelagem, principalmente na das fitas, que funcionava como um ramo independente do negócio das sedas, para além de ser totalmente controlada por mulheres. O tear utilizado ocupava pouco espaço, era leve e não sujava, o que o tornava perfeitamente apropriado para as mulheres, forçadas a combinar o serviço doméstico com o trabalho. Por vezes, faziam a maior parte do trabalho, sendo completamente responsáveis pela totalidade do processo, em caso de uma organização estritamente familiar.

Durante a Revolução Industrial, as mulheres não foram apenas fiandeiras, nas indústrias então recentemente criadas. Apesar de se considerar a tecelagem

²⁰³ I. Pinchbeck Part II, Chapter VII.

²⁰⁴ I. Pinchbeck 162-163.

²⁰⁵ I. Pinchbeck Part II, Chapter VIII.

mais adequada para os homens,²⁰⁶ um grande número de mulheres envolveu-se neste processo, desde o início. O envolvimento e a capacidade foram de tal ordem que acabaram por ser valorizadas e consideradas tão aptas como os homens. Tornaram-se preferidas em relação aos homens, por ganharem ordenados mais baixos, causarem menos conflitos, serem mais obedientes e igualmente eficientes.

O número elevado de mulheres empregadas na tecelagem provocou alguns problemas, pois os tecelões não concordavam que as mulheres casadas trouxessem os filhos para o trabalho. Famílias inteiras trabalhavam na mesma ocupação, fazendo com que a oferta de emprego fosse maior do que a procura. Para além disso, o casamento entre tecelões jovens, de forma a juntar os rendimentos, tornou-se frequente.

Ainda que se verificasse uma melhoria das condições de trabalho, o processo foi curto, o que provocou uma grande ansiedade. Ou seja, o que, no início, parecia uma boa “aposta”, acabou por ser uma opção errada. Embora não fosse difícil aprender a arte da tecelagem, o tecelão necessitava de muita prática, até se tornar qualificado. Tratava-se de um trabalho difícil e prejudicial para a saúde, na medida em que os trabalhadores tinham de se sentar numa posição que provocava um grande cansaço físico, assim como problemas de estômago. Muitas mulheres trabalhavam em caves húmidas, pelo facto de o algodão ter de ser tecido húmido, o que acentuava determinados problemas de saúde. Para agravar a situação, deparamo-nos com uma dieta alimentar deficitária, como vimos, por não abranger todos os alimentos considerados indispensáveis a uma alimentação equilibrada, como a carne, que só passou a fazer parte dessa dieta quando a situação financeira ficou mais estável, em finais do século XIX, e apenas durante um período de tempo curto.²⁰⁷

²⁰⁶ Todos os tecelões tinham acordado que nenhuma mulher deveria aprender a tecer, o que permaneceu como algo perfeitamente normal, durante um século, até cerca de 1825, altura em que se tornou indispensável o trabalho feminino para dar resposta à procura. (I. Pinchbeck 178.)

²⁰⁷ I. Pinchbeck 180-181.

3.3. As Mulheres nas Indústrias Metalúrgicas

Com a expansão das indústrias metalúrgicas, verificou-se uma falta de mão-de-obra e uma crescente necessidade de contratar mais trabalhadores. As mulheres, assim como as próprias crianças, tornaram-se trabalhadores ocasionais. As mulheres costumavam partir pedra calcária.²⁰⁸ O trabalho neste tipo de indústrias era preferencialmente feito ao ar livre, o que tornava as condições de trabalho mais aceitáveis. No entanto, permaneciam no local de trabalho muitas horas, o que provocava um grande cansaço físico.

A cidade de Birmingham destacou-se neste ramo, como centro de inúmeras indústrias metalúrgicas. As mulheres, assim como os homens e as crianças, trabalhavam à peça em casa ou então em pequenas oficinas que se encontravam espalhadas um pouco por toda a cidade.²⁰⁹

As jovens das forjas tornavam-se adultas muito mais cedo do que as outras raparigas, por não terem tempo para brincar e por passarem o dia inteiro a trabalhar. Para além disso, o serviço era tão difícil que as tornava mais autónomas e parecidas com os homens: bebiam cerveja e fumavam cachimbo.²¹⁰

4. As Mulheres nas Minas

Embora a tendência seja para se associar o trabalho feminino à fábrica, não nos podemos esquecer de que as mulheres também laboraram nas minas, onde se ia buscar a matéria-prima impulsionadora do arranque e desenvolvimento industrial – o carvão. As mulheres já labutavam, nestes locais, muito antes do início do processo da industrialização. As minas representavam apenas buracos com aberturas assaz estreitas, nas quais trabalhava um número restrito de pessoas,

²⁰⁸ De acordo com Ivy Pinchbeck, as mulheres que partiam pedra calcária tinham por dia a seu cargo entre 10 e 14 toneladas, o que se tornava extremamente cansativo. (I. Pinchbeck 271.)

²⁰⁹ I. Pinchbeck 272.

²¹⁰ I. Pinchbeck 273.

devido a uma produção limitada, sendo o carvão normalmente trazido para a superfície pelas esposas ou filhas dos mineiros. Entretanto, com o arranque industrial, as necessidades de carvão aumentaram de tal forma que se introduziu maquinaria nova para puxar o minério para a superfície e bombear água. Como consequência, já não era necessária tanta mão-de-obra, o que fez com que o trabalho feminino deixasse de ser utilizado, em alguns distritos, enquanto que em outros as mulheres continuaram a trabalhar, como até então:

The Commissioners found that by 1840, the employment of women in colliers was by no means general. Misgivings as to its suitability and real value together with the advance of mechanical power had brought women's work to an end in some districts, and in many others opinion was strongly against the employment of women underground, although they still worked on the bank and in different capacities about the collieries. The chief districts in which they were still engaged underground were Lancashire and Cheshire, the West Riding, South Wales and the East of Scotland. On the Durham coal field women had ceased to be employed before the end of the eighteenth century (...) In the Midlands there was no evidence of their recent work, except in Staffordshire (...) ²¹¹

O número de mulheres a trabalhar nas minas tornava-se maior nas áreas rurais com poucas oportunidades de emprego, e menor, no caso de existir emprego disponível nas fábricas. Mesmo que esta condição não se verificasse, alguns patrões não estavam dispostos a empregar mulheres, por considerarem essa ocupação desadequada para as pessoas do sexo feminino, ou seja, as mulheres não eram suficientemente fortes, a nível físico, para algo tão pesado. Trabalhavam frequentemente na superfície, noutra tipo de tarefas não especializadas, mais leves e menos perigosas, como revistar, limpar, proteger e carregar o carvão nos barcos

²¹¹ I. Pinchbeck 244.

que transportariam a matéria-prima para as fábricas. No entanto, as condições de trabalho à superfície pareciam completamente diferentes, ou seja, menos duras do que dentro das minas. O desenvolvimento da indústria mineira fez com que as minas se tornassem maiores e mais profundas, o que contribuiu para o aumento considerável do número de acidentes. Tornou-se bastante frequente aparecerem nomes de mulheres na lista dos feridos, durante os séculos XVII e XVIII.

As condições de trabalho nas minas eram absolutamente desumanas. O facto de se tratar de uma mulher ou criança não tinha qualquer tipo de influência na distribuição das tarefas, devido à igualdade na divisão do trabalho pelos trabalhadores, sendo praticamente impossível distinguir as mulheres dos homens: “Dressed either in a loose pair of trousers or a coarse flannel shirt, women could only be distinguished by their earrings and coloured glass beads.”²¹² Devido ao calor intenso dentro das minas, os homens trabalhavam nus diante de meninas, jovens e mulheres, algo moralmente inadmissível numa sociedade tão conservadora como a vitoriana.²¹³

O dia de trabalho era passado a arrastar grandes cargas de carvão, em carros, num chão húmido e inclinado que dificultava o transporte.²¹⁴ Este trabalho só seria aliviado, mais tarde, após a invenção dos carris de ferro. Quando tinham apenas 6 ou 7 anos, as raparigas começavam a trabalhar como guardas das portas de entrada para a mina.²¹⁵ Apesar de este trabalho não ser extenuante, exigia uma grande energia a nível físico, devido ao elevado número de horas que permaneciam, à entrada das minas, por serem as primeiras a chegar e as últimas a ir para casa. Para além do desgaste físico, estas meninas passavam o dia inteiro sozinhas, numa escuridão absoluta. Normalmente começavam a trabalhar às 5 ou

²¹² I. Pinchbeck 249.

²¹³ I. Pinchbeck 248.

²¹⁴A inclinação do terreno das minas dificultava imenso o trabalho. O risco aumentava consideravelmente, em caso de inclinação acentuada, em especial numa descida, pois, às vezes, tornava-se quase impossível travar o andamento do carrinho carregado de carvão, devido à velocidade. Como consequência, o número de acidentes começou a ser bastante elevado. Por vezes, assistia-se a descarrilamentos, devido ao mau estado dos carris. (I. Pinchbeck 250.)

²¹⁵ I. Pinchbeck 248.

6 horas da manhã; faziam um intervalo ao meio-dia para almoçar; saíam do trabalho às 4 ou 5 horas da tarde, quando já estava a escurecer.²¹⁶ Bebiam frequentemente a água que corria ao longo da mina, considerada imprópria para consumo, o que agravava o número de doenças e epidemias. Muitas vezes, tinham de trabalhar com um cinto à volta da cintura e correntes nas pernas, como se fossem escravas, para evitar uma possível fuga do local de trabalho. Para além disso, como a água escorria permanentemente, ficavam com as roupas encharcadas, o que lhes debilitava a saúde e as tornava seres extremamente frágeis.

As mulheres, assim como as crianças que trabalhavam nas minas, viviam isoladas, em aldeias mineiras, tinham uma vida miserável, não conheciam as regras da boa educação e trabalhavam como escravas. Uma grande parte da população de Inglaterra não sabia o que se passava, sendo apenas do conhecimento público o que sucedia nas fábricas dos centros urbanos. Ayton, que visitou as minas de Whitehaven, em 1813, descreveu o que lá se passava, salientando a exploração do trabalho feminino e infantil. Mais tarde, Mr. Tufnell investigou as condições de trabalho, nas minas, alertando o governo para o que se estava, de facto, a passar. Comparou as condições de trabalho das minas e das fábricas e chegou à conclusão de que as condições de trabalho nas primeiras se tornavam ainda mais desumanas, devido às próprias condicionantes do espaço físico. Contudo, as autoridades não intervieram de forma imediata. Os dados recolhidos seriam posteriormente utilizados por Lord Shaftesbury, a fim de se proceder a uma nova investigação sobre o trabalho nas minas, sobretudo em relação ao trabalho infantil.²¹⁷

²¹⁶ O número de horas que os trabalhadores passavam nas minas de carvão variava. Em média, trabalhavam 11 horas por dia. No entanto, quando a procura de carvão subia, tinham de trabalhar entre 13 e 16 horas, ou seja, quase não tinham tempo para descansar. Por vezes, os patrões não eram os únicos responsáveis por este facto, pois havia trabalhadores que estavam dispostos a trabalhar mais tempo, de forma a ganhar dinheiro para satisfazer as necessidades básicas. Não havia um período claramente definido para as refeições. Embora não se trabalhasse à Segunda, não era suficiente, pois esse tempo tinha de ser compensado, no fim da semana. (I. Pinchbeck 255-256.)

²¹⁷ I. Pinchbeck 242-243.

As mulheres que trabalhavam nas minas chegavam ao fim do dia de trabalho completamente extenuadas. Então, não conseguiam fazer mais nada para além de dormir. Aos Domingos, o único dia de folga, dormiam, de forma a recuperar a energia para enfrentar outra semana de trabalho. Pelo facto de o trabalho ser muito cansativo, a maior parte destas mulheres ficava debilitada e doentes, chegando a morrer prematuramente.²¹⁸ As jovens ficavam muitas vezes fisicamente deformadas, devido ao trabalho duro e às condições insalubres daqueles locais perigosíssimos. Porém, as mulheres que trabalhavam à superfície conseguiam ser mais resistentes, a nível físico, do que as que trabalhavam nas indústrias domésticas ou nas fábricas do norte de Inglaterra.²¹⁹ Igualmente importantes foram as consequências morais que o trabalho nas minas teve para as mulheres, na medida em que as personalidades se moldaram, de acordo com as exigências do próprio trabalho e do relacionamento social estabelecido. As raparigas começavam a trabalhar muito cedo e não tinham acesso à educação, o que fazia com que crescessem no meio de linguagem obscena e do vício e considerassem isso perfeitamente natural, como atrás se mencionou. O facto de as raparigas não terem acesso à educação resultou numa grande falha das aldeias mineiras. As mães deveriam ser responsabilizadas por suprimir essa lacuna, mas não conseguiram; também elas tinham crescido no mesmo ambiente, o que fazia com que não estivessem aptas a desempenhar tal tarefa. Para além disso, defendia-se que a jovem deveria ser forte e deveria conseguir trabalhar nas minas; conhecer as regras da boa educação tornava-se irrelevante.²²⁰

²¹⁸ De acordo com Ivy Pinchbeck, os problemas pulmonares, a asma, o reumatismo, a inflamação das articulações, os problemas de pele, as dores de costas constituíam os principais problemas provocados pelo trabalho nas minas. Muitas jovens ficavam paralisadas, sofriam abortos, ameaça de parto ou partos prematuros, devido à violência do trabalho. Para além disso, também surgiam graves problemas, aquando do nascimento dos bebés. (I. Pinchbeck 260-261.)

²¹⁹ I. Pinchbeck 261.

²²⁰ I. Pinchbeck 262.

5. As Mulheres no Comércio

Durante a Revolução Industrial, as mulheres trabalharam primordialmente nas pequenas indústrias domésticas e nas fábricas, mas também se envolveram em vários negócios, ou próprios, ou na forma de ajuda aos maridos, continuando a gerir o património familiar, após a sua morte.

Os principais negócios controlados pelas mulheres estavam relacionados com o vestuário ou a costura e confecção de vestidos, de chapéus de senhora e de bordados, entre outros.²²¹ Continuaram a processar-se tal como tinha ocorrido anteriormente. No entanto, outro tipo de negócios deixou de empregar mulheres, como foi o caso do fabrico de leques, que começaram a ser importados dos países do Oriente, como a China e a Índia.

Até o negócio do branqueamento dos artigos em linho deixou de ser da responsabilidade das mulheres, uma vez que a descoberta do cloro, em 1785, fez com que os campos de branqueamento fossem substituídos pelos produtos químicos utilizados nas fábricas.²²²

Muitas mulheres tornaram-se ourives, na medida em que aprenderam com os maridos, enquanto os ajudavam; outras tornaram-se proprietárias de livrarias, papelarias, quiosques, mercearias, chapelarias, lojas de venda de meias e armazéns onde se vendia chá, café e chocolate.

As mulheres desta época também foram muito bem sucedidas na gestão de estalagens, cafetarias e cervejarias, pois podiam manter a sua autonomia mais facilmente.

²²¹ De acordo com Ivy Pinchbeck, a confecção de chapéus de senhora constituía um negócio muito rentável, na medida em que havia uma grande variedade de artigos à disposição do consumidor. Devido à alta rentabilidade do negócio, as mulheres com dinheiro disponível para investir sentiam-se atraídas pelo negócio. No entanto, dispor de dinheiro não era suficiente para se ser uma mulher de negócios de sucesso, ou seja, tornava-se também necessário ter uma boa capacidade de gestão e estar sempre bem informada acerca das novidades no mundo da moda, principalmente em Paris. As mulheres com negócio próprio na província deslocavam-se com frequência a Londres, a fim de se informarem sobre as últimas tendências da moda.

²²² I. Pinchbeck 292.

6. Novas Oportunidades para as Mulheres

Na segunda metade do século XVIII, verificou-se uma preocupação filantrópica em relação às mulheres. As pessoas das classes mais favorecidas impressionaram-se com as condições de trabalho e de vida da população em geral. Contudo, não foram bem sucedidas na percepção do que realmente estava errado, ou seja, não previram as consequências inerentes à ruptura com a estrutura da economia familiar tradicional, na qual as mulheres desempenhavam um papel fundamental na sobrevivência da família; não conseguiram perceber que o verdadeiro problema estava na exploração efectuada pelos patrões. Estas pessoas também consideravam que o lugar da mulher era em casa e foram bem sucedidas, quando conseguiram que o Parlamento britânico as retirasse das minas, em 1842, mas esqueceram-se de que esta medida implicaria o desemprego e o consequente agravamento das condições de vida. No entanto, a legislação de 1842 permitiu que continuassem a fazer trabalhos pesados, como, por exemplo, na localidade de Bilston:

Por exemplo, no distrito de Bilston, no sul de Staffordshire, estavam empregadas perto de mil. Elas seleccionavam, picavam e limpavam o carvão, içavam o minério (...) A falta de protecção nos poços e os deficientes mecanismos de elevação provocavam uma taxa de acidentes de tal modo elevada que um observador comparou o ambiente reinante ao de um campo de batalha. Só muitos anos mais tarde foi proposto que elas deveriam abandonar este trabalho.²²³

A lei de 1844 foi a primeira a proteger e a reconhecer a posição das mulheres, nas fábricas; constituiu ainda o primeiro passo no estabelecimento de leis que regessem e defendessem os interesses das mulheres trabalhadoras.

²²³ S. Lewnhak 183-184.

Em meados do século XIX, verificaram-se melhorias consideráveis nas condições de trabalho das mulheres, já que apareceram novas oportunidades de emprego, devido ao florescimento de novas actividades, como é o caso dos serviços burocráticos, do comércio, das escolas, dos hospitais e do sector dos serviços, especialmente nas grandes cidades. Como as ocupações exigiam educação e dignidade, destinaram-se fundamentalmente às mulheres da classe média trabalhadora. A disponibilidade de empregos só foi possível graças às campanhas feministas, que contribuíram para que as pessoas se apercebessem que as mulheres também possuíam imensas capacidades, e ao facto de os próprios patrões necessitarem de mão-de-obra barata. Infelizmente, este tipo de trabalho só estava acessível às mulheres que podiam pagar os encargos referentes à educação, pois tinham de frequentar a escola até aos 16 anos, o que acarretava despesas financeiras. De qualquer forma, o esforço financeiro acabava por ser compensado, uma vez que oferecia às mulheres condições de vida excepcionais, para a época. Tinham um emprego leve, limpo, que se assemelhava a uma carreira, e podiam usufruir dos encantos da vida cidadina: passeavam, vestiam bem, frequentavam os teatros, tinham acesso a jornais e livros. Infelizmente, este tipo de empregos começou a ter muitas candidatas, o que fez com que se gerasse uma forte concorrência entre as mulheres.

Grande parte das mulheres pretendia ganhar dinheiro e contribuir para o equilíbrio do orçamento familiar, como vimos anteriormente, pois o seu ordenado fazia a diferença; podia significar, por exemplo, alugar uma casa maior ou ter uma dieta mais rica. Contudo, continuaram a ter condições de trabalho diferentes das dos homens:

In some important respects, women's relationship to work remained the same before, during, and after the revolutions in industry, commerce and education. Most women spent long hours doing important unremunerated work at home, caring for children and keeping house. When doing paid work, female employees were almost

always segregated into sex-specific jobs which were considered less skilled forms of labour and were less secure. Women made between one-third and one-half of what men earned, and the fact that women were so low-paid helped to make possible the mass production of a wide array of affordable goods. (...) Women who performed paid labour were largely restricted to unskilled work that was done alongside children, or to dead-end jobs without any hope of advancement, and this “deskilling” or excluding of women from more desirable jobs indicated the low social status of their work.²²⁴

A Revolução Industrial possibilitou a abertura do mundo do trabalho às mulheres; caso contrário, teriam continuado a ser apenas donas-de-casa, completamente dependentes dos maridos:

Under the new regime every woman received her own earnings as a matter of course. The significance of this change was at once seen in the new sense of freedom which prompted so many young women to retain control of their wages, and even to leave home at an early age (...) Though the individual wage was at first bitterly resented by the heads of families, it led ultimately to a new attitude towards the whole question of economic independence for women.²²⁵

As mulheres passaram a ter um papel mais activo, na sociedade, inclusive nos movimentos sindicais. Apesar da constante participação em protestos fortuitos, sentiram dificuldade em se organizarem, por trabalharem, muitas vezes, sozinhas e por mudarem frequentemente de emprego. Contudo, mais tarde, organizaram-se em associações exclusivamente femininas, como é o caso da

²²⁴ S. Steinbach 39-40.

²²⁵ I. Pinchbeck 313.

Irmandade de Leicester, constituída por fiandeiras de lã, das rendeiras de Nottingham, ou o da Women's Trade Union League, que começou a sua acção em 1874. Como as mulheres não podiam votar, mas desejavam intervir politicamente, também se juntaram aos homens e fundaram sociedades mistas. Houve várias greves contra as reduções salariais, a partir de 1814, nas quais se verificou um envolvimento feminino significativo. Esta união entre homens e mulheres veria o seu fim, quando os primeiros se sentiram ameaçados pela concorrência das segundas, passando a actividade sindical a ser determinada pelos trabalhadores do sexo masculino das indústrias mais rentáveis. No entanto, as mulheres da classe trabalhadora envolveram-se nos assuntos que lhes diziam respeito, de forma a tentar melhorar as condições de vida e de trabalho. Efectivamente, a relação das mulheres com a política foi bastante intrincada, pois foram excluídas de participarem nessa área. No entanto, houve manifestações esporádicas através de greves de fome, por exemplo. O surgimento do movimento feminista representou uma enorme mudança, na atitude das mulheres perante a sociedade. As feministas organizaram campanhas com o intuito de valorizar as mulheres que não se casavam e de defender os direitos legais das casadas. Também lutaram pela participação das mulheres trabalhadoras nos acontecimentos políticos, pelo respeito das capacidades intelectuais e profissionais, assim como pela igualdade dos sexos e das oportunidades de acesso à educação e ao mundo do trabalho.

CAPÍTULO III

O TRABALHO INFANTIL

“(...) children were the last social group for whom rights were recognized.”

Stuart N. Hart e Zoran Pavlovic, “Children’s Rights in Education: an Historical Perspective.”

Devido ao facto de a sociedade se estar a tornar cada vez mais complexa, a infância, enquanto período na vida do ser humano, está a prolongar-se e os direitos da autonomia estão constantemente a ser adiados.²²⁶ Contudo, durante a Revolução Industrial, as crianças tinham responsabilidades semelhantes às dos adultos; trabalhavam, em primeiro lugar, nas pequenas indústrias domésticas e, mais tarde, nas grandes unidades fabris. Na altura, existia uma grande necessidade de mão-de-obra, o que fez com que as famílias abandonassem as áreas rurais e se deslocassem para as cidades. No entanto, quando lá chegavam, ficavam desiludidas, uma vez que toda a família tinha de trabalhar, de forma a assegurar os níveis mínimos de subsistência.

Os relatórios das “Children’s Employment Commissions” de 1842 e 1843 apresentaram provas irrefutáveis sobre as condições de vida e de trabalho extremamente degradantes e perigosas durante o período da Revolução Industrial.²²⁷ Para além de serem mal tratadas, as crianças trabalhavam muitas horas e recebiam ordenados baixíssimos. Embora a exploração do trabalho infantil nas primeiras unidades fabris tenha provocado uma grande revolta, principalmente

²²⁶ Stuart N. Hart and Zoran Pavlovic, “Children’s Rights in Education: an Historical Perspective” *ephost@epnet.com* 25 Julho 2007
<<http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=a9&AN=960414499&site=ehost-live&scope=site>>.

²²⁷ Catherine Robson, “The Ideal Girl in Industrial England” *ephost@epnet.com* 25 Julho 2007
<<http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=a9&AN=401927&site=ehost-live&scope=site>>.

no seio dos filantropos mais preocupados com o bem-estar infantil, não se pode considerar que tenha sido um fenómeno provocado pelo processo da industrialização. Muito antes da Revolução Industrial, as crianças das classes mais desfavorecidas eram consideradas trabalhadores, embora se encarasse o trabalho realizado por essas crianças como uma forma de aprendizagem: “Child labour in those days was generally undertaken under indentures of apprenticeship”.²²⁸ Neste tipo de sistema, tornou-se habitual a criança viver em casa do patrão, de forma permanente, tornando-se seu “aluno”, criado e, até certo ponto, membro da família:

Under the old apprenticeship system the apprentice lived in his master’s house and, in theory at least, was his pupil, his unpaid servant, and a member of his family. One of the chief merits of the system was supposed to be the wholesome discipline exercised by the master. He was to administer due correction — that is, he was not to spare the rod, but neither was he to endanger life or limb — that was undue correction. The apprentice was to obey all his master’s lawful commands, all his time and labour were to be at his master’s disposal. In return for his work he was to be taught a trade, fed and lodged, and sometimes clothed.²²⁹

Muitas das crianças que passavam a viver em casa destes senhores eram órfãs ou crianças abandonadas. A paróquia onde nasciam costumava colocá-las como aprendizes em casas particulares, logo que conseguissem andar. Como consequência, ficavam completamente entregues ao patrão que estivesse disposto a empregá-las e a providenciar o seu sustento.

No entanto, tal tipo de organização nem sempre foi bem sucedido. Por um lado, a criança tinha de se adaptar a este tipo de vida e necessitava de uma supervisão cuidada; por outro lado, quem a acolhia esperava ser retribuído com trabalho, após um período de aprendizagem não rentabilizado, algo nem sempre

²²⁸ Dorothy George, *England in Transition* (1931; London: Pelican, 1953) 118.

²²⁹ D. George, *England* 118.

possível. Muitos aprendizes fugiam, logo que se sentiam capazes de viver autonomamente, uma vez que se sentiam insatisfeitos, tinham sido mal tratados e tinham passado fome.²³⁰ Muitos patrões olhavam o jovem aprendiz como um adversário; encorajavam-no, por isso, a ser preguiçoso, de forma a evitar que este tivesse um conhecimento pormenorizado dos métodos utilizados no negócio e até dos próprios clientes. No entanto, a falência dos patrões apresentava-se como um fenómeno bastante frequente, sendo os aprendizes dispensados, por constituírem um encargo insuportável. Quando ficavam doentes, também não podiam ser rentabilizados, acabando por ser desrespeitados e abandonados.

O facto de o sistema não se adaptar ao desenvolvimento industrial, contribuiu, de igual modo, para o seu fracasso:

Nevertheless, the system was in decay. It was no longer suited to industrial conditions, the seven years' term was too long, and it was being spontaneously modified by indentures for shorter terms and by what was called outdoor apprenticeship, where the boy did not live with his master, but was paid a small sum in place of board and lodging.²³¹

Apesar de haver obstáculos ao seu desenvolvimento, o sistema passou a ser visto como uma boa alternativa aos problemas das crianças da altura, pois mantinham-se afastadas do crime e da vagabundagem. Algo de semelhante se passava com as “workhouses”, cujo principal objectivo consistia em funcionarem como escolas da indústria e da virtude. Contudo, esta finalidade também acabou por não ser bem sucedida.

No sistema doméstico de produção, as crianças trabalhavam em casa com a supervisão dos pais; com a Revolução Industrial, tornaram-se uma peça fundamental no ‘puzzle’ laboral que contribuía para a riqueza de Inglaterra.

²³⁰ D. George, *England* 119.

²³¹ D. George, *England* 126.

Começaram a trabalhar em grandes grupos,²³² em vez de se submeterem à disciplina parental, e tinham de respeitar a disciplina imposta pelas unidades fabris, assumindo completa responsabilidade pelas tarefas a desempenhar, de forma rigorosa. Contudo, sendo os salários superiores aos que ganhavam em casa, o trabalho infantil transformou-se em algo natural e indispensável, e o contributo das crianças para equilibrar o orçamento familiar passou a ser importantíssimo.

A capacidade de produzir dinheiro ficou “facilitada” nas áreas nas quais a agricultura funcionava como uma actividade secundária, o que fazia com que as crianças que trabalhavam nas indústrias domésticas ou nas unidades fabris estivessem numa situação financeira mais confortável do que as residentes em áreas rurais.²³³ Só mais tarde, quando a legislação proibiu este tipo de trabalho, é que as crianças começaram a ter acesso à educação, de forma a preencher as horas em que estavam acordadas. Antes eram tratadas como escravos das Índias Ocidentais:

In the workhouses of large towns there was a quantity of child labour available for employment that was even more powerless and passive in the hands of a master than the stolen negro, brought from his burning home to the hold of a British slave ship. Of these children it could be said of the negroes, that their life at best was a hard one, and that their choice was often the choice between one kind of slavery and another.²³⁴

Muitas das crianças trabalhavam como “piecers”, ou seja, juntavam os fios que se partiam nas máquinas de fiar. Muitas outras tarefas menos qualificadas também passaram a ser desempenhadas pelas crianças, por exemplo, apanhar o

²³² Em 1840, T. Onwhyn utilizou crianças nas suas ilustrações para o romance da autoria de Mrs. Trollope, *Michael Armstrong, The Factory Boy*.

²³³ No condado de Bedford, as crianças começaram a ser fundamentais no equilíbrio do orçamento familiar. Mesmo em alturas de depressão económica, conseguiam ganhar salários bastante razoáveis. A sua contribuição também se tornou importantíssima em Cornwall, pois trabalhavam nas minas de cobre e estanho. Nos Condados de Wiltshire (seda, roupas), Stafford e Worcester (pregos, parafusos e agulhas), as crianças auferiam igualmente bons salários.

²³⁴ John L. and Barbara Hammond 64-65.

algodão do chão. Geralmente, entravam nas fábricas às 5 ou 6 horas da manhã e tinham de limpar as máquinas, durante o horário estabelecido para as refeições. Chegavam a andar vinte milhas, dentro das unidades fabris, durante as 12 horas de trabalho.

Por serem admitidas muito cedo nas fábricas, as raparigas desconheciam o funcionamento da economia doméstica. Uma vez que os pais trabalhavam durante todo o dia, negligenciavam as crianças, como vimos, abandonando-as e responsabilizando uma irmã mais velha ou um vizinho pelo seu acompanhamento. As próprias mães não tinham disponibilidade para cuidar delas convenientemente, devido ao facto de permanecerem nas fábricas todo o dia, de forma a assegurar a subsistência da família. Como consequência, as crianças tinham uma dieta desequilibrada, andavam sujas, mal vestidas e expostas ao frio, o que fazia com que cerca de metade morresse até aos 5 anos. Para além disso, a situação agravava-se com o hábito de lhes dar bebidas alcoólicas e ópio, como também vimos. Assim, as crianças ficavam frequentemente doentes, sofrendo muitas delas de raquitismo.²³⁵ Só as mais fortes é que conseguiam sobreviver a estas condições deploráveis.

1. As Crianças na Agricultura

As crianças cuidavam frequentemente dos animais e participavam em todas as tarefas agrícolas, como limpar os locais dos animais, tratar das batatas para alimentar os porcos, ou ordenhar as vacas. Em determinados condados do sul de Inglaterra, passou a ser prática comum as crianças pobres tornarem-se aprendizes nas quintas:

In the South Western Counties, and particularly in Devonshire, where the custom persisted after it had been discontinued elsewhere, it was still the

²³⁵ F. Engels 146.

common practice to apprentice pauper children of both sexes to farming, with the idea of training them as servants in husbandry. In these counties the female apprentices seem to have been put to every type of field work, and tasks which Pringle considered so unsuitable for the women of Westmorland, were here thought not too severe for children of ten and twelve years of age.²³⁶

Contudo, estas crianças já tinham sido treinadas para realizar, em casa, as tarefas mais básicas da agricultura, ou seja, já não dependiam de um agricultor para receber esse treino. As meninas acompanhavam as mães ao mercado semanal, de forma a vender ovos, queijo, manteiga e aves domésticas.

Com a Revolução Agrícola, as quintas tornaram-se maiores e verificou-se a introdução de novas culturas. Assim, as crianças tiveram mais oportunidades de emprego e deixaram de ser um fardo, na medida em que também contribuía para a subsistência da família. Entretanto, foi criado um novo sistema de contratação de trabalhadores, com o intuito de dar resposta à necessidade de trabalho irregular nas grandes quintas, mais económico do que qualquer outro tipo de emprego para os donos das quintas. Organizavam-se grupos de crianças, que ganhavam menos do que os adultos e andavam de quinta em quinta, de forma a suprimir necessidades momentâneas. Em caso de as deslocações serem mais distantes, ficavam afastadas de casa e dormiam, por vezes, em celeiros e estábulos. Para além disso, enfrentavam ameaças terríveis, caso não trabalhassem além das suas forças. Por vezes, faziam viagens sem ganhar nada, quando chovia e não podiam trabalhar, algo muito frequente, devido às características do clima britânico. Estas caminhadas provocavam um cansaço físico enorme, pelo facto de serem demoradas e de o trabalho ser árduo.²³⁷ Consequentemente, uma grande parte destas crianças recusava-se a comer quando chegava a casa, ou seja, só desejavam deitar-se e descansar, de forma a enfrentar um novo dia de trabalho. Muitas delas

²³⁶ I. Pinchbeck 37.

²³⁷ As crianças trabalhavam mais horas do que as mulheres, mas ganhavam ordenados mais baixos. (I. Pinchbeck 90.)

também não tinham acesso à educação, devido às constantes movimentações às quais estavam sujeitas.²³⁸

Embora o trabalho no campo aparentasse ser incompatível com o trabalho que se desenvolvia nas indústrias domésticas,²³⁹ as crianças usualmente participavam nas tarefas agrícolas, principalmente na altura das colheitas.

Mesmo que os ordenados não fossem muito elevados, a contribuição das crianças para o orçamento familiar, tornou-se fulcral,²⁴⁰ principalmente nas áreas onde os ordenados costumavam ser mais baixos:

In the period which corresponds to the Poor Law Report data — 1821-40 — they found a marked difference between family inputs in high-wage agricultural regions (...) and low-wage regions. Women's and children's contributions were more significant in low-wage areas. There, women contributed just under 12 per cent, while women's and children's wages combined added nearly 22 per cent to the family income.²⁴¹

2. As Crianças nas Indústrias Domésticas

Embora muitas crianças permanecessem em casa, não tinham tempo para brincar e viver a infância, na medida em que os pais lhes solicitavam ajuda; trabalhavam muitas horas diariamente e as condições de trabalho não pareciam ser melhores do que as das fábricas. Começavam a trabalhar, nas indústrias domésticas, mais cedo do que acontecia nas fábricas:

In pillow lace, children were taught to handle the bobbins as mere infants of three and four years old, and were often working regular hours in a

²³⁸ I. Pinchbeck 86-90.

²³⁹ Nos condados onde as indústrias domésticas abundavam, como é o caso de Bedford ou Dorset, havia menos crianças a trabalhar na agricultura. (N. Verdon 312.)

²⁴⁰ Contudo, a principal fonte de rendimento para as crianças não estava na agricultura, mas sim na indústria. (N. Verdon 319.)

²⁴¹ N. Verdon 318.

lace school at five. In straw plaiting, children were sorting straws at four, plaiting at five and earning a regular wage at six, and in glove and button making, knitting and embroidery, children were regularly at work at six and seven, and not infrequently before.²⁴²

Aos 6 ou 7 anos, as crianças começavam a trabalhar na produção de luvas desde as 9 horas da manhã até às 5 horas da tarde, à semelhança do que acontecia na indústria dos botões. Trabalhavam em casa, ajudando as mães, ou em escolas, onde aprendiam o ofício. As crianças tornavam-se frequentemente aprendizes em indústrias de pequenas dimensões, como é o caso da produção de agulhas,²⁴³ pregos,²⁴⁴ relógios, correntes e alfinetes.²⁴⁵

As crianças que trabalhavam nas indústrias domésticas²⁴⁶ ganhavam melhor²⁴⁷ do que as que trabalhavam na agricultura:

The most valuable source of income for children in 1834 was not necessarily agricultural: it was in areas where children found non-agricultural employment that their earning capacity was greatest. (...) Thus, if children found work in the diverse, localized, domestic industries or manufacturing outlets situated across rural England, they were relatively well off in monetary terms compared with children who

²⁴² I. Pinchbeck 232.

²⁴³ O fabrico de agulhas, a nível doméstico, estava concentrado em Warwick, Worcestershire e Long Crendon. Entretanto, passaria a ser feito nas fábricas, na segunda metade do século XIX. (I. Pinchbeck 276.)

²⁴⁴ Normalmente as crianças começavam a aprender esta profissão aos nove anos. Algumas trabalhavam com os pais, outras eram contratadas por períodos de meio ano. No início, durante seis meses, aprendiam o ofício, mas não ganhavam nada; depois, passavam a ganhar um salário, gradualmente aumentado. Contudo, também tinham de fazer cada vez mais pregos, algo extremamente difícil, devido ao calor das forjas. (I. Pinchbeck 279.)

²⁴⁵ A produção deste produto estava fundamentalmente instalada em Bath, Gloucester, Bristol, Birmingham e Warrington. (I. Pinchbeck 276.)

²⁴⁶ Constituía prática habitual as crianças mais pequenas ficarem em casa, a fim de colaborarem nas tarefas das indústrias domésticas, enquanto as mais velhas trabalhavam fora de casa. (I. Pinchbeck 93.)

²⁴⁷ A média do salário das crianças aumentava de acordo com a idade, ou seja, uma criança mais velha ganhava melhor do que uma mais nova. O salário também estava dependente do sexo, isto é, os rapazes ganhavam habitualmente mais do que as raparigas. (N. Verdon 319-320.)

lived in purely agricultural areas. Children were able to contribute most in Bedford. This suggests the predominance of child labour in the domestic industries and the still considerable sums that could be amassed by labouring in these trades, even at a time of wage depression.²⁴⁸

À semelhança das grandes unidades fabris, as crianças que trabalhavam neste tipo de indústria queixavam-se da monotonia do trabalho, devido ao carácter repetitivo das tarefas a desempenhar. Nas escolas de rendas, por exemplo, a rotina quebrava-se com música ou com poesia, de modo a incentivar as crianças a continuar o mesmo ritmo de trabalho, sendo severamente repreendidas, no caso de se distraírem:

In the lace schools monotony was sometimes relieved by the singing of “lace tells” or doggerel verses, which assisted in counting and stimulated the workers to a regular pace, but all schools were alike in that children were kept closely to their tasks, often not daring to move for hours on end, and beatings and other harsh punishments were frequently administered.²⁴⁹

Até aos anos 30 do século XIX, a intervenção do Estado no sentido de melhorar as condições de trabalho infantil foi nula. Embora tais condições variassem de acordo com o local, todas as crianças trabalhavam até 12 horas diárias e ganhavam menos do que os adultos, mas a nação não se preocupava com as suas crianças, por estarem “escondidas” em casas particulares.

²⁴⁸ N. Verdon 319.

²⁴⁹ I. Pinchbeck 234.

3. As Crianças nas Fábricas

Os patrões tinham como hábito levarem órfãos para as “workhouses”, de forma a trabalharem até que fossem completamente dominados pelo cansaço, tornando-se pequenos escravos. No entanto, os donos das fábricas consideravam que não os estavam a explorar, por providenciarem alojamento, roupa e comida. Como viviam dentro das próprias unidades fabris, quase não se separavam das máquinas, não apanhavam ar fresco, nem sequer faziam exercício físico. Ao Domingo, o único dia em que as fábricas paravam, limpavam as máquinas, ficando de tal modo extenuados que os acidentes se tornaram bastante frequentes. Prendiam o cabelo nas máquinas, as mãos ficavam esmagadas e, por vezes, morriam, pois adormeciam e caíam, não se apercebendo de que a maquinaria tinha entrado em funcionamento.

Muitas das crianças que viviam nestes locais eram órfãs, como já referi anteriormente, ou crianças abandonadas. Transformavam-se em aprendizes, tinham poucos ou nenhuns direitos e não podiam abandonar os patrões.²⁵⁰

Com o desenvolvimento e a expansão das fábricas, as crianças deixaram de ser aprendizes e passaram a assalariadas. Embora não ganhassem muito dinheiro, tal parecia ser suficiente para se notar a diferença no orçamento familiar. O patrão acolhia bem a criança, por ser uma fonte de trabalho barata, por aceitar as regras sem protestar e por ter os dedos pequenos e sensíveis, o que as tornava perfeitas para a junção dos fios que se partiam (“piecers”) e para a limpeza das máquinas.²⁵¹

Forçavam-nas a trabalhar com máquinas perigosas, pesadas e de dimensões enormes, o que se tornava difícilimo, devido à tenra idade e à fragilidade física. Como consequência, ocorriam acidentes com bastante frequência, por haver negligência dos patrões no que diz respeito à segurança.

²⁵⁰ D. George, *England* Chapter VII.

²⁵¹ D. George, *England* Chapter VII.

Para além disso, os patrões ou encarregados batiam-lhes e utilizavam uma linguagem grosseira e abusiva, um péssimo exemplo para as crianças mais pequenas. Estavam sujeitas a castigos duríssimos, que prejudicavam gravemente a sua saúde.²⁵²

Como a vida destas crianças se tornou tão complicada e difícil, o Estado foi forçado a intervir. Assim, em 1802, foi criada uma lei (“Sir Robert Peel’s Act”) para melhorar as condições de vida destas crianças, proibindo os patrões de as obrigarem a trabalhar mais do que 12 horas diárias e à noite.

4. As Crianças nas Minas

Milhares de crianças trabalharam nas minas, locais extremamente perigosos, devido às condições naturais e à falta de regras de segurança, como já foi mencionado. O corte, assim como o transporte do carvão podia ser realizado não só por homens, mas também por mulheres e crianças, que se encorajavam mutuamente: “Women and children shrieked, and men encouraged each other with noisy shouts and cheers.”²⁵³

As crianças ficavam responsáveis pelo transporte de minério e carvão e pela abertura das portas das minas, sentando-se num buraco e puxando um fio, de modo a que a porta se abrisse (“trappers”). As crianças geralmente mais velhas transportavam o minério e o carvão, devido à dificuldade da tarefa. Consequentemente, queixavam-se de cansaço extremo, sem forças para qualquer outra actividade:

É frequente as crianças deitarem-se no chão de pedra ou no soalho mal chegam a casa, e adormecerem instantaneamente sem ingerir um mínimo de alimento, pelo que os pais se vêem obrigados a lavá-los e deitá-los completamente adormecidos. É também frequente deitarem-se no meio

²⁵² D. George, *England* Chapter VII.

²⁵³ C. Dickens 309.

da rua, completamente exaustos, onde são encontrados pelos pais a altas horas da noite, adormecidos. É normal estas crianças passarem a maior parte do domingo na cama, para se recomporem um pouco do cansaço da semana; um pequeno número frequenta a igreja e a escola, e os professores queixam-se da sua sonolência e do desinteresse por se instruírem.²⁵⁴

Apesar de a abertura das portas ser uma tarefa simples,²⁵⁵ tornava-se muito solitária, o que fazia com que o dia de trabalho se tornasse insuportável, na medida em que não tinham outra tarefa para as libertar da rotina. Laboravam mais horas do que qualquer outro trabalhador, por serem as primeiras a chegar e as últimas a ir embora. Para além disso, sentavam-se num local extremamente húmido, o que debilitava a saúde de todos aqueles que tinham essa tarefa. Com efeito, o trabalho nas minas provocava problemas de saúde gravíssimos e tinha consequências nefastas para a saúde futura das crianças, quando estas se tornavam adultas:

O inteligente relatório do Dr. Barham demonstra que a inalação de ar pobre em oxigénio, saturado de poeiras e de fumo produzido pelos explosivos, existente no fundo das minas, afecta gravemente os pulmões, provoca perturbações nas funções cardíacas e é prejudicial para o aparelho digestivo; que o trabalho bastante fatigante, em particular a subida e descida das escadas (...) contribui em grande parte para o desenvolvimento destes males, razão pela qual os homens que começam a trabalhar novos nas minas não conseguem atingir sequer a estatura das mulheres que trabalham à superfície; afirma ainda que muitos morrem jovens de tuberculose galopante, e a maior parte, na meia-idade, de uma

²⁵⁴ F. Engels 325.

²⁵⁵ Segundo Friedrich Engels, estas portas deveriam evitar que os gases se propagassem, mas isso não se verificava, ou seja, existia uma falta de segurança, na generalidade das minas, pelo facto de serem guardadas por crianças que adormeciam facilmente, devido ao cansaço. Uma boa solução teria sido o investimento num sistema de ventilação eficiente, mas os donos das minas recusavam-se a fazê-lo. Quando havia uma explosão, acusavam os trabalhadores de negligência.

tuberculose de evolução lenta; que envelhecem prematuramente e se tornam inaptos para o trabalho entre os 35 e 45 anos, e que muitos, por passarem quase sem transição do ar quente do poço (depois de terem transpirado abundantemente ao subirem a escada) para o ar frio da superfície, contraem inflamações agudas nas vias respiratórias, muitas vezes com conseqüências fatais.²⁵⁶

De facto, quem trabalhava nas minas sofria de determinadas doenças típicas. Muitas crianças queixavam-se de falta de apetite, de sede, vômitos e náuseas. O esforço físico provocava hérnias e doenças cardiovasculares características, como é o caso da inflamação do pericárdio, da hipertrofia cardíaca e dos espasmos dos orifícios aurículo-ventriculares. Estas crianças acabariam por sofrer de reumatismo, devido à humidade das minas. Os pulmões seriam também extremamente afectados pelo ar insalubre.²⁵⁷

O esforço físico exigido às crianças nas minas tornava-se imenso e desequilibrado, ou seja, enquanto exercitavam determinados músculos em demasia, outros ficavam atrofiados.²⁵⁸ O desenvolvimento físico destas crianças caracterizava-se por ser extremamente lento: eram quase todas baixas e viam o período da infância prolongar-se até tarde, precisamente por não terem a oportunidade de se desenvolverem de uma forma harmoniosa.

As crianças mais pequenas costumavam também trabalhar em buracos pequeníssimos, rastejando através de corredores demasiado estreitos, horas a fio, sem oportunidade de descansar ou endireitar as costas:

The youngest children were of necessity employed in the thin seams, in roads which were occasionally found as low as 16 or 18 inches. In many

²⁵⁶ F. Engels 322. A este tipo de trabalho opõe-se o praticado à superfície da mina, a trituração e a selecção do minério; sendo realizado ao ar livre, resultava mais saudável (F. Engels 323.)

²⁵⁷ F. Engels 328-329.

²⁵⁸ Os músculos das pernas, do tórax, do dorso, dos ombros e dos braços desenvolviam-se, devido ao esforço efectuado quando estavam a deslocar o minério ou o carvão. No entanto, muitas crianças ficaram com deformações físicas: desvio da coluna vertebral, pernas tortas, joelhos salientes, entre outras. (F. Engels 327.)

of the small pits of the West Riding, girls had to leave the pits when they reached the age of fourteen to eighteen, being by that time too big to crawl through passages of 22 to 26 inches. Growing girls must have suffered intolerable pain and weariness in sustaining this crouched position for hours on end, with no opportunity to straighten their backs.²⁵⁹

Muitas crianças trabalhavam também na superfície das minas, principalmente nas minas de chumbo, cobre, estanho e ferro. No entanto, e como foi referido a propósito do trabalho feminino, as condições de trabalho eram bastante diferentes, relativamente às que se verificavam no interior das minas, ou seja, o trabalho não era tão árduo, nem tão prejudicial para a saúde.

Utilizavam-se frequentemente crianças para o trabalho ocasional: costumavam preparar o minério, fazendo-o rodar até às fornalhas, enchiam-nas com ferro e calcário, faziam carvão, transportavam-no até às refinarias e removiam as cinzas das fornalhas. Apesar de as tarefas não serem tão prejudiciais à saúde, pelo facto de serem feitas ao ar livre, as longas horas de trabalho provocavam um enorme cansaço. Como as fornalhas estavam sempre acesas, o trabalho nunca parava; conseqüentemente, as crianças trabalhavam semanas alternadas, com horários de 12 horas diárias.²⁶⁰

O trabalho nas minas tinha conseqüências morais gravíssimas para as meninas. Por estarem habituadas a trabalhos árdus, tornavam-se adultas e independentes demasiado cedo. Muitas delas tornavam-se mães prematuramente e tinham de criar crianças bastardas, na medida em que os pais não os/as reconheciam como filhos/as.²⁶¹ Uma das prioridades da Era Vitoriana consistiu em assegurar a virtude feminina, ou seja, realçava-se a menina ideal, em contraposição à menina que trabalhava nas fábricas ou nas minas, que não podia manter a decência nem a feminilidade, devido à grande exposição a que estava

²⁵⁹ I. Pinchbeck 250.

²⁶⁰ I. Pinchbeck 271.

²⁶¹ I. Pinchbeck 273.

sujeita. Tinha de subir escadas carregada, sendo observada pelos elementos do sexo masculino que se encontravam nas divisões inferiores. Como vimos, os elementos do sexo masculino trabalhavam nus; por outro lado, o sexo feminino também vestia pouca roupa, já que o calor e a humidade nas minas se tornavam insuportáveis. Como consequência, tornou-se impossível manter os padrões da moralidade, tão defendidos pela sociedade vitoriana.

5. A Educação

Embora o acesso à educação não fosse facilitado nos distritos dominados pela agricultura, essa possibilidade existia, devido às organizações de caridade que se responsabilizavam por um determinado grupo de crianças:

In the early 18th century many Charity Schools came into existence financed by local collections and run by local trustees, most of them under the supervision of the Society for the Promotion of Christian knowledge (...) they gave elementary teaching in the ‘three R’s’ (reading, writing and arithmetic), and also in useful trades; a fair number of their pupils were paupers or orphans.²⁶²

Contudo, este tipo de escolas não funcionou durante muito tempo, pois acabaria por entrar em declínio. Quando a educação não era demasiado elementar, um grande número de cidades tinha as “Grammar Schools”, destinadas fundamentalmente aos filhos da classe média e dos comerciantes mais ricos, enquanto as crianças mais pobres viam condicionado o acesso a este tipo de escolas. Os filhos dos nobres que possuíam terras costumavam ser ensinados por tutores particulares em casa, enquanto que outros frequentavam as “Public Schools”.

²⁶² C. P. Hill, *British Economic and Social History 1700- 1975* (4th ed. 1957; London: Edward Arnold, 1977) 202.

Apesar de se ter verificado o estabelecimento de escolas elementares num número crescente de distritos, a educação era paga; como tal, os mais pobres não frequentavam a escola, por não conseguirem suportar os encargos financeiros.²⁶³

Foram fundadas “Public Schools” em vários pontos de Inglaterra, como é o caso de Eton, Westminster e Harrow. Nestes locais, a vida dos alunos não foi facilitada, devido aos currículos e à rigidez do sistema de ensino. Nestas escolas instituiu-se o “monitorial system”, segundo o qual cada aula seria leccionada por um “professor”: quando os alunos sabiam as coisas de cor, eram divididos em turmas, sendo cada uma delas da responsabilidade de um aluno mais velho, que funcionava como uma espécie de monitor. No entanto, a matéria ministrada era a mesma em todas as turmas. Este tipo de organização tornava possível o funcionamento da escola com um único professor, ou seja, o número de alunos poderia ser ilimitado.²⁶⁴

Na escola anglicana tornou-se prática habitual testar os conhecimentos da criança em relação à liturgia e ao catecismo, de forma a avaliar a eficácia da escola e dos professores responsáveis pelo processo de ensino-aprendizagem. Gradualmente, começaram a ser introduzidos testes e exames, e os professores começaram a preparar os alunos para esse fim, isto é, começou a existir uma preocupação com o sucesso académico dos alunos. Em 1850, os exames tornaram-se populares e a competição entre os alunos aumentou:

1850, on the basis of this information therefore, marked the point at which increasingly afterwards more and more children began to think of themselves in comparison with their peers in the same school, in roughly the same age-group, in roughly in the same social class, and, after about

²⁶³ Os pais não conseguiam resistir à tentação de empregar os filhos nas fábricas, na medida em que necessitavam de salários adicionais. Nem sempre esta constituía a pior opção: em primeiro lugar, porque os aprendizes tanto podiam ter um patrão bom, como um cruel; em segundo lugar, porque a vida no campo era mais solitária do que a da cidade; em terceiro lugar, porque o trabalho nas minas ainda se tornava bem pior, já que as crianças mais pequenas se sentavam sozinhas na escuridão a abrir e a fechar as portas, enquanto as mais crescidas carregavam e empurravam comboios pesadíssimos com carvão, como vimos há pouco.

²⁶⁴ T. K. Derry and T. L. Jarman 125.

the age of eight or nine, of the same sex as themselves. Success in tests and more especially in external examinations thus became for them the measure of achievement in conformity with the performance of people in broadly the same social circumstances as themselves (...)²⁶⁵

Só uma minoria das crianças frequentava a escola, mesmo que não estivesse a trabalhar.²⁶⁶ Existia também a “Dame’s School”, frequentada por crianças muito pequenas e que tinha como principal objectivo mantê-las sossegadas, não ensinar-lhes algo.

As crianças que trabalhavam nas indústrias domésticas ficavam nas então designadas “Cottage Schools”, nas quais aprendiam a ler, uma vez por dia, geralmente versos da Bíblia. Contudo, este não constituía o seu principal objectivo, pois, na prática, tais escolas funcionavam como oficinas; as crianças tinham de desempenhar tarefas demasiado pesadas para a sua idade. Normalmente, ficavam nestes locais durante um período relativamente longo, que podia ir de 6 meses até 2 anos e meio, de forma a aprenderem um determinado ofício. No entanto, durante este período de aprendizagem, trabalhavam habitualmente entre 5 e 8 horas diárias; mais tarde, passaram a trabalhar 12 ou 14 horas diárias, com direito a 2 horas para as refeições.²⁶⁷ Uma grande desvantagem deste sistema residia no seu carácter limitado, ou seja, as crianças aprendiam apenas um ofício e ficavam ignorantes em relação às restantes áreas.²⁶⁸

Relativamente às crianças que trabalhavam nas minas, a sua educação foi completamente descurada, por começarem a trabalhar ainda muito pequenas. Para além disso, devido aos baixos padrões morais dos mineiros, nem sequer frequentavam a Igreja.

²⁶⁵ J. A. Banks, *Victorian Values Secularism and the Size of Families* (London: Routledge, 1981) 133.

²⁶⁶ O emprego de crianças encorajava as famílias a ter muitos filhos, o que fazia com que a taxa de fertilidade fosse elevada; só diminuía quando as oportunidades de emprego se tornavam escassas. (T. K. Derry and T.L.Jarman 120-121.)

²⁶⁷ I. Pinchbeck 233.

²⁶⁸ C. P. Hill Chapter 20.

Foram feitas várias tentativas, a fim de estabelecer escolas normais nas áreas dominadas pelas pequenas indústrias domésticas, que acabariam por não ser bem sucedidas. Até 1870, não existiu um sistema de educação elementar em Inglaterra, devido à falta de investimento do Governo. As classes mais favorecidas opunham-se à educação da classe trabalhadora, por considerarem que só contribuiria para espalhar ideias revolucionárias. Como consequência, a maioria das crianças não frequentava a escola, uma vez que ainda não existia um sistema nacional de educação. Os próprios pais não desejavam que os filhos a frequentassem, por dependerem de apoio financeiro para assegurar a sobrevivência da família, como já referi anteriormente. Para além disso, nem sequer reconheciam o valor que a educação poderia ter para os filhos, ou seja, consideravam que não tinha qualquer utilidade prática para a resolução dos problemas diários. Pensavam ainda que a interrupção da frequência da escola não teria consequências, por não sentirem falta dela na vida prática.²⁶⁹

Assim, um grande número de crianças estava completamente dependente das “Sunday Schools”²⁷⁰ para receber alguma educação. Este tipo de escolas teve o seu início nos anos 80 do século XVIII e contou com o apoio da Igreja; por conseguinte, os alunos que as frequentavam aprendiam a ler a Bíblia e, assim que o conseguissem fazer, ficavam aptos a ler qualquer tipo de livro. No entanto, o processo tornava-se demasiado lento, na medida em que os alunos tinham apenas uma aula semanal. Como não existia ainda um sistema nacional de educação, este tipo de educação de índole voluntária desenvolveu-se à margem da tutela do Estado e contou com o apoio financeiro de alguns filantropos, como Robert Owen, por exemplo, que acreditava que a educação da sociedade tornaria possível o desenvolvimento do indivíduo. Este sistema não conseguiu, porém, abranger todas as crianças, o que fez com que um número elevado continuasse a não ter acesso à educação.

²⁶⁹ Veja-se *Victorian Values Secularism and the Size of Families* de J. A. Banks.

²⁷⁰ Este tipo de escolas tornou-se popular, graças à acção de Robert Raikes, de Gloucester (T. K. Derry and T. L. Jarman 124.)

Apenas no início do século XIX começou a existir um sistema de educação em Inglaterra. Nesta altura, as “Charity Schools” já tinham entrado em declínio, verificando-se uma mistura de escolas responsáveis pela educação dos mais pobres, como é o caso das já mencionadas “Sunday Schools”, da “National Society” (gerida pelos Anglicanos) e da “British and Foreign Society” (gerida pelos Não-Conformistas). No entanto, a proporção de crianças a frequentar estas escolas permaneceu muito baixa e muitas crianças nem sequer chegaram a saber ler ou escrever.

Embora o número de escolas aumentasse progressivamente, durante o século XIX, os pais não conseguiam prescindir do trabalho das crianças, na medida em que a sua contribuição era fundamental para assegurar a sobrevivência da família, como vimos há pouco. Para além disso, consideravam mais importante que a criança ganhasse um ordenado do que recebesse educação:

Children had to begin at the earliest possible moment to support themselves, and in the eyes of the poor, a small wage in the immediate future was of more importance than a prospective gain from education. As soon as a child was old enough to scare birds or watch cattle, education had to cease, apart from the instruction in reading and writing received at the Sunday School.²⁷¹

Assim, a idade em que as crianças abandonavam a escola dependia das oportunidades de emprego. Nas zonas rurais, tornou-se hábito os rapazes deixarem a escola mais cedo do que as raparigas, a fim de trabalharem na agricultura. Nas cidades, o número de raparigas a frequentar as escolas era menor, por serem necessárias nas indústrias domésticas e por se considerar a educação mais necessária para o sexo masculino. Como consequência, o número de raparigas que conseguia ler tornou-se bastante reduzido. Devido à ignorância à

²⁷¹ I. Pinchbeck 107.

qual estavam sujeitas, as crianças continuaram a ter o mesmo tipo de vida dos pais e a ser vítimas de exploração por parte dos patrões.

6. A Reforma do Trabalho Infantil

Durante a Revolução Industrial, várias pessoas defenderam a melhoria das condições de trabalho, ou a própria abolição do trabalho infantil. Uma dessas pessoas foi o 7º Conde de Shaftesbury que, enquanto esteve no Parlamento, lutou pelos direitos dos limpadores de chaminés, expostos ao perigo e até à morte, enquanto limpavam as chaminés das classes sociais mais favorecidas.

Ao longo dos anos, aprovaram-se várias leis para proteger as crianças. Em 1788, foi criada legislação para proteger os responsáveis pela limpeza das chaminés das fábricas. Em 1802, a legislação criada procurou defender os aprendizes pobres, explorados pelos patrões até à exaustão. Em 1816, criou-se legislação destinada às crianças, na medida em que se constituiu um comité para investigar as condições de trabalho infantil nas fábricas: “Peel’s Select Committee”. O “Factory Act” de 1819 teve a mesma finalidade, mas, à semelhança da legislação atrás referida, não conseguiu a eficácia desejada. Não existiu uma inspecção adequada à idade das crianças, a qual podia ser desconhecida ou escondida. Só mais tarde, em 1833, a legislação seria bem sucedida, graças à acção da “Factory Commission”, responsável pelo “Factories Regulation Act”, estabelecendo um limite mínimo de idade e de horário semanal de trabalho para as indústrias têxteis: as crianças com menos de 9 anos não poderiam trabalhar; as que tivessem entre 9 e 13 anos só poderiam trabalhar 8 horas diárias; as que tivessem entre 14 e 18 anos não poderiam trabalhar mais do que 12 horas. Para além disso, deveriam frequentar a escola pelo menos 2 horas por dia. A lei garantiu ainda que o governo nomearia responsáveis para assegurar que a legislação seria respeitada pelos patrões. Nos anos 40, a acção seria transferida para as “Children’s Employment Commissions” (1842-1843) e

estender-se-ia a outras indústrias e negócios que empregassem crianças, especialmente as minas, ou seja, as crianças passaram a ser uma prioridade.²⁷²

Em 1844, com o “Factory Act”, o trabalho infantil foi reduzido para 6 horas e meia e passou-se a dar mais importância à educação. As crianças, as mulheres e os jovens foram proibidos de limpar as máquinas em movimento, o que reduziu drasticamente o número de acidentes.²⁷³

As condições de vida e de trabalho das crianças melhoraram, à medida que o século XIX ia avançando para o seu final, mas essa melhoria resultou bastante lenta. Ainda hoje assistimos à exploração do trabalho infantil, nos locais mais diversificados.

²⁷² Veja-se *The Making of Modern Britain* de T.K. Derry and T.L. Jarman.

²⁷³ T.K.Derry and T.L.Jarman 130.

CONCLUSÃO

A industrialização foi um acontecimento a nível mundial que transformou as sociedades de uma forma absolutamente irreversível, principalmente devido ao estabelecimento de novas relações sociais e à produção em massa. A Revolução Industrial fez com que as cidades se apoderassem dos trabalhadores rurais e transformassem as relações existentes entre os homens e as mulheres. Os trabalhadores lutaram para assegurar a sua sobrevivência e foram forçados a improvisar novas estratégias, o que alterou as tendências familiares do passado. Saliente-se ainda a dualidade da industrialização, na medida em que, apesar dos avanços tecnológicos que foram responsáveis por uma acentuada melhoria das condições de vida e de trabalho, uma grande parte da população continuou a viver miseravelmente e a ser explorada pelas classes mais favorecidas. No entanto, a Revolução Industrial teve diferentes repercussões, de acordo com os contextos sociais, culturais e temporais.

O contexto social e económico de Inglaterra, no século XVIII, possibilitou a ocorrência da Revolução Industrial, que tinha um fim bem definido (aumentar a capacidade de produção do país) e se regia por regras rígidas (a mecanização do processo de produção), o que é próprio de qualquer tipo de actividade, como é esclarecido por John Stuart Mill:

All action is for the sake of some end and rules of action, it seems natural to suppose, must take their whole character and colour from the end to which they are subservient. When we engage in a pursuit, a clear and precise conception of what we are pursuing would seem to be the first thing we need, instead of the last we are to look forward to.²⁷⁴

²⁷⁴ John Stuart Mill, “Utilitarianism”, *Utilitarianism, on Liberty, Considerations on Representative Government*, ed. H.B. Acton (1910; Vermont: Everyman, 1972) 2.

Contudo, a característica fundamental da Revolução Industrial não foi a mecanização,²⁷⁵ mas antes a tentativa bem sucedida de dominar as forças da natureza que, até então, tinham dominado o homem; ainda foi responsável pela abertura das “portas da natureza”,²⁷⁶ que nunca mais se fechariam aos avanços científicos e tecnológicos:

Opening the door of Nature in workshop, factory, mine, and forge was the great technical achievement of the eighteenth century, although developments in scientific thought and economic activity during the seventeenth century had made the achievement possible and prophets like Francis Bacon had foreseen it.²⁷⁷

Às inovações tecnológicas teremos de juntar as mudanças sociais e económicas, na medida em que se adoptaram novas atitudes face ao mundo. Surgiram também novos grupos sociais, assim como diferentes formas de relacionamento, e começou a existir uma maior pressão política. Para além disso, os contrastes da nação foram mais acentuados, devido à clara diferenciação entre a cidade e o campo, entre o norte e o sul e entre os ricos e os pobres.

No início, Inglaterra era um país predominantemente rural, com pequenas indústrias domésticas que asseguravam as necessidades de produção internas. Entretanto, no final do século, foi transformado num país em forte expansão industrial, que já não se contentava com as pequenas indústrias familiares, mas exigia grandes centros industriais, com uma população em forte crescimento e ávida de melhores condições de vida.

Embora a economia da era industrial não tivesse sido planeada, nem sequer se tivesse apoiado em pressupostos verdadeiramente científicos ou tecnológicos, mas antes empíricos e até um pouco arcaicos, Inglaterra conseguiu

²⁷⁵ A mecanização da indústria têxtil afectou todos os processos de produção, desde a preparação da matéria-prima até ao acabamento dos artigos, com vista à sua comercialização.

²⁷⁶ Asa Briggs, *The Making of Modern England 1783-1867* (New York: Harper Torchbook, 1965) 19.

²⁷⁷ A. Briggs, *Making* 19.

gerir a situação melhor do que os seus opositores, tornando-se a primeira nação industrial, a nível mundial. Outros países europeus poderiam ter lançado a primeira Revolução Industrial, mas tal não se verificou, como refere Joseph E. Inikori:

In the first place, progressive agrarian structures and social institutions similar to those that existed in England in the seventeenth and eighteenth centuries existed in Italy and Holland much earlier, but neither of those countries succeeded in launching the first industrial revolution in history.²⁷⁸

A Revolução Industrial foi o exemplo concreto do crescimento bem sucedido da economia, devido à política económica do Liberalismo, durante o século XIX. Inglaterra acreditou de tal forma nos benefícios do investimento privado e do comércio livre que se tornou um exemplo histórico de desenvolvimento, com características muito próprias e definidas:

(...) it was the first industrial revolution, it led to the first example of modern economic growth; it was a growth achieved mainly without external assistance; it was growth in the context of a free enterprise economy; it was growth accompanied by a social and political revolution which were achieved with little violence; it was ‘the engine of growth’ for other economies, stimulating them by example, by the export of men and capital, and by trade.²⁷⁹

Inglaterra possuía, de facto, uma sociedade e uma economia mais liberais do que qualquer outro país europeu, a par de uma grande estabilidade política e

²⁷⁸ Joseph E. Inikori, *Africans and the Industrial Revolution in England* (Cambridge: Cambridge UP, 2002) 475.

²⁷⁹ R.M. Hartwell, *The Causes of the Industrial Revolution in England* (London: Methuen, 1977) 3.

económica, o que favorecia o investimento privado. Apesar de uma acentuada mobilidade social, as atitudes sociais dominantes, a nível da religião, da política e da economia, apadrinhavam a mudança. Assim, verificou-se uma ruptura com as limitações medievais e mercantilistas, em relação ao comércio e à indústria. A evolução verificada nos transportes facilitou a circulação de pessoas e produtos, o que transformaria o país, tornando-o o espaço mais livre do continente europeu. Londres tornou-se a capital europeia da época moderna, por excelência, na medida em que a passividade social acabou por ser vencida pelas várias tentativas de metamorfose:

Local de encontro de todas as elites, tanto pela vida mundana como pela actividade dos tribunais, pelos debates parlamentares, pelas actividades financeiras, políticas e administrativas, Londres não está longe de divulgar o essencial das informações devido ao talento dos seus jornalistas e ao brilho das suas parangonas. Todas as generosidades acompanham aí todos os egoísmos, os servidores da ordem tradicional podem aí encontrar os construtores de utopias revolucionárias, o vício e a virtude caminham lado a lado. Onde se pode observar melhor o génio do reino e o destino dos grandes valores que ele pretende encarnar?²⁸⁰

A Revolução Industrial contribuiu para a descontinuidade, na história, ao despoletar uma mudança decisiva na organização das relações de produção e da própria produção. Passou-se de uma economia estável, baseada numa produção destinada a assegurar a subsistência, para um sistema que tinha como objectivo a produção em larga escala, de forma a produzir lucros. A Revolução Industrial possibilitou um grande aumento da capacidade produtiva do homem. Devido às melhorias operadas nos vários sectores da sociedade, principalmente nos transportes, a produção passou a ser distribuída de uma forma mais equilibrada,

²⁸⁰ M. Charlot e R. Marx, “A Sociedade ‘Dualista’ por Excelência” *Londres, 1851-1901 A Era Vitoriana ou o Triunfo das Desigualdades*, trad. Ana Mónica Faria de Carvalho (Lisboa: Terramar, 1995) 13.

graças à melhor organização dos bens e relações de produção. Assistiu-se a alterações radicais na estrutura da economia nacional, fomentadas não apenas pelos progressos tecnológicos, mas também pelo rápido crescimento da população.

Mesmo que as condições de vida não tivessem melhorado substancialmente no início do processo de industrialização, houve mudanças decisivas em alguns sectores da sociedade. Os operários das novas unidades fabris viram as fontes de rendimento aumentar, devido à disponibilidade de emprego para as mulheres e crianças, as quais tinham anteriormente poucas oportunidades, a nível do trabalho ocasional nas colheitas sazonais ou na fiação doméstica, o que constituía um trabalho muito irregular.

Esta foi uma época de triunfos consecutivos, embora não nos possamos esquecer do seu lado triste e negativo, que procurei evidenciar nos capítulos anteriores; a Revolução Industrial foi também responsável pelo gerar de um mundo feio, poluído, mal cheiroso e escuro. Para além disso, fez com que as pessoas ficassem expostas a uma profunda alteração das relações sociais, como menciona E. P. Thompson: “The people were subjected simultaneously to an intensification of two intolerable forms of relationship: those of economic exploitation and of political oppression. Relations between employer and labourer were becoming both harsher and less personal.”²⁸¹ Verificou-se um distanciamento ainda maior entre o patrão e o operário, mas o segundo tornou-se cada vez mais dependente do primeiro e dos meios de produção que possuía, ou seja, tornou-se um instrumento na sua mão, servindo somente para o aumento da sua fortuna.

A Revolução Industrial retirou ainda ao ser humano a oportunidade de um mundo belo em prol do avanço tecnológico, e a altivez britânica acabou por se cobrir de uma profunda angústia. O período em questão caracterizou-se por um acentuado desequilíbrio social, por uma miséria e uma exploração humana

²⁸¹ E. P. Thompson 217-218.

extremas, assim como pela efervescência popular. Contudo, as atenções direccionavam-se para a taxa de crescimento económico, que suplantava todos os problemas graves do século XIX inglês, devido às guerras, às comunicações deficientes, ao sistema bancário prematuro e ao carácter irregular dos mercados. Foi deveras difícil para a sociedade vitoriana recuperar o equilíbrio, ou então, este foi conseguido à custa do sacrifício de valores do passado, considerados importantíssimos. Porém, o sucesso da economia vitoriana acabou por ser um exemplo para a Europa Ocidental e para os Estados Unidos. Apesar de todas as contrariedades, a Revolução Industrial inglesa trouxe desenvolvimento, como vimos: “The Industrial Revolution was an age, not of catastrophe or acute class-conflict and class oppression, but of improvement.”²⁸² De facto, as condições de vida de grande parte dos cidadãos ingleses melhoraram, na primeira metade do século XIX. Essa melhoria foi lenta durante a guerra com a França (1793-1815), acelerou um pouco o ritmo após 1815, para se tornar extremamente rápida depois de 1840. As pessoas começaram a viver mais tempo, pois passaram a alimentar-se melhor, a ter acesso a habitações mais dignas e a estar menos vulneráveis às doenças. No entanto, tal não foi sinónimo de excelentes condições de vida. Como também vimos, neste período, os trabalhadores continuaram a sofrer imenso, devido à incapacidade de lidar com variáveis incontornáveis como a urbanização,²⁸³ um mercado instável, a flutuação dos empregos disponíveis, as condições de trabalho e as consequentes tensões, relacionadas com a mudança das relações sociais. Alguns destes problemas foram uma consequência da Revolução Industrial, mas outros já existiam anteriormente. O mito da época dourada da vida rural, segundo o qual se valorizava o campo, o trabalho por conta própria, o

²⁸² E. P. Thompson 213.

²⁸³ A expansão das cidades constituiu um problema fulcral durante a Revolução Industrial, como foi enfatizado atrás, tornou-se urgente controlar essa expansão, pois as habitações eram construídas sem sistema de esgotos, ou de espaços verdes. Como consequência, vários relatórios sobre a saúde e o alojamento foram publicados durante o século XIX. Contudo, o problema do planeamento e da organização do espaço citadino persistiu, agravando-se no caso das cidades com mais habitantes. Embora Inglaterra tivesse aprendido a limpar as cidades mais cedo do que qualquer outro país europeu, as cidades continuaram a crescer, de forma descontrolada. Veja-se *A Situação da Classe Trabalhadora em Inglaterra* de F. Engels.

sistema doméstico de produção e a originalidade no emprego de mulheres e crianças, não convenceu a população. A vida rural aparentava ser tão difícil como a da cidade, ao passo que a miséria não constituía um fenómeno novo. A vida económica, política e social estava a mudar e as oportunidades de desenvolvimento aumentaram de uma forma surpreendente, o que nunca tinha acontecido anteriormente.

No entanto, a Revolução Industrial foi o culminar decisivo de todo um processo, com características seculares, condicionado por uma série de transformações sociais, económicas e políticas, responsáveis pela alteração das práticas e relações de produção e até pela aniquilação da sociedade tradicional. De facto, verificou-se uma série de modificações profundas entre os séculos XVII e XIX, a qual iria provocar a expansão das potencialidades subjacentes aos novos sistemas de produção. As relações entre as pessoas e os governos foram radicalmente modificadas,²⁸⁴ o que contribuiu para o alargamento dos horizontes culturais dos cidadãos europeus. As inovações tecnológicas propiciaram um forte desenvolvimento das diversas áreas da sociedade, na medida em que o aumento da circulação de produtos e capitais fomentou um desenvolvimento generalizado.

A Revolução Industrial fomentou ainda a transição do sistema pré-capitalista imaturo, onde predominava a manufactura, para o sistema capitalista, na medida em que se verificou um desenvolvimento tecnológico progressivo, como referi anteriormente, e uma movimentação de capitais com fins lucrativos. O desenvolvimento económico só foi possível, porque se verificou a industrialização e a desagregação da estrutura feudal, para que a sociedade capitalista se pudesse solidificar. Nino Salamone considera que Inglaterra já era capitalista, quando afirma:

²⁸⁴ Por um lado, as relações sociais e a própria vida dos indivíduos e das comunidades sofreram grandes alterações, pois a cidade começou a prevalecer sobre o campo. Por outro lado, verificou-se um acentuado desenvolvimento do mercado mundial, propiciado pelas várias inovações aplicadas à produção. As novas relações sociais determinaram o papel das máquinas na economia e na sociedade.

(...) a sociedade inglesa do período considerado é já uma sociedade plenamente capitalista: as suas estruturas económicas, as suas relações políticas e os valores dominantes no seu seio são semelhantes aos que prevalecem no Ocidente industrializado da segunda metade do século XX.²⁸⁵

Contudo, e de acordo com o mesmo autor, a sociedade da época estava ainda relacionada com a tradicional, na medida em que as relações sociais de produção capitalista não estavam presentes na própria organização do trabalho, pelo facto de as capacidades artesanais dos operários continuarem a ser fulcrais para a produção.

Embora uma grande parte das pessoas considere que a Industrialização tornou o homem “escravo” da máquina, expôs as pessoas à rotina, ao barulho e à poluição e provocou a luta de classes, ninguém pode negar que a Revolução Industrial tornou possível um desenvolvimento sem precedentes em Inglaterra e no resto do mundo:

In most parts of the world industrialism has meant an advance in material civilization, a rise in the standards of living, an improved status, and greater political power for the humbler classes; it has bettered health, lengthened life, lessened laborious toil, and brought with it greater leisure.²⁸⁶

Com os avanços tecnológicos a taxa de mortalidade foi diminuindo, as condições de trabalho e de higiene foram melhorando substancialmente, assim como as condições de vida, ou seja, a Revolução Industrial constituiu um marco fundamental para a alteração do rumo dos acontecimentos a nível internacional. A paisagem citadina nunca mais foi a mesma e o ritmo de vida acelerou de uma forma surpreendente:

²⁸⁵ N. Salamone 93.

²⁸⁶ D. George, *England* 134.

The side of the town on which Crampton lay was especially a throughfare for the factory people. In the back streets around them there were many mills, out of which poured streams of men and women two or three times a day.²⁸⁷

²⁸⁷ E. Gaskell 71.

BIBLIOGRAFIA

A.

DICKENS, Charles. *Hard Times*. 1854. Ed. George Ford e Sylvère Monod. New York: Norton, 1990.

---. *Oliver Twist*. 1837-8. Oxford: Oxford UP, 1982.

GASKELL, Elizabeth. *North and South*. 1854-5. Oxford: Oxford UP, 1982.

B.

ASHTON, T. S. *The Industrial Revolution 1760-1830*. 1968. Oxford: Oxford UP, 1997.

BANKS, J. A. *Victorian Values Secularism and the Size of Families*. London: Routledge, 1981.

BEARD, Mary Ritter. *Making Women's History*. 1977. Ed. Ann J. Lane. New York: The Feminist P, 2000.

BEILLEVAIRE, Patrick, *História da Família*. Vol. IV. Trad. Ana Silva. Lisboa: Terramar, 1999.

BRIGGS, Asa. *The Age of Improvement 1783-1867*. 1959. 2nd ed. London: Longman, 2000.

---. Asa. *The Making of Modern Britain 1783-1867*. New York: Harper Torchbook, 1965.

- BYTHELL, Duncan. "Women in the Workforce." Ed. Patrick O'Brien and Roland Quinault. *The Industrial Revolution and British Society*. Cambridge: Cambridge UP, 1993. 31-53.
- CARLYLE, Thomas. *Past and Present*. 1843. New York: Everyman's Library, 1960.
- CHARLOT, M. e R. Marx. "A Sociedade 'Dualista' por Excelência." *Londres, 1851-1901 A Era Vitoriana ou o Triunfo das Desigualdades*. Trad. Ana Mónica Faria de Carvalho. Lisboa: Terramar, 1995.
- CHECKLAND, S.G. *The Rise of the Industrial Society in England 1815-1885*. 1964. Harlow: Longman, 1982.
- DEANE, Phyllis. *The First Industrial Revolution*. Cambridge: Cambridge UP, 1974.
- DERRY, T. K. and T. L. Jarman, *The Making of Modern Britain*. New York: Collier Books, 1962.
- DOMMANGET, Maurice. *Os Grandes Socialistas e a Educação: de Platão a Lenine*. Trad. Célia Pestana. Lisboa: Publicações Europa-América, 1970.
- ENGELS, Friedrich. *A Situação da Classe Trabalhadora em Inglaterra*. Trad. Conceição Jardim e Eduardo Lúcio Nogueira. 1845. Lisboa: Editorial Presença, 1975.
- GEORGE, Dorothy. *England in Transition*. 1931. London: Penguin, 1953.

- GEORGE, M. Dorothy. *London Life in the Eighteenth Century*. 1925. Middlesex: Penguin, 1965.
- GORHAM, Deborah. *The Victorian Girl and the Feminine Ideal*. London: Croom Helm, 1982.
- HAMMOND, Barbara e John L. "The Rulers and the Masses." Ed. Arthur Taylor. *The Standard of Living in Britain in the Industrial Revolution*. London: Methuen, 1975. 63-73.
- HARTWELL, R.M. *The Causes of the Industrial Revolution in England*. London: Methuen, 1977.
- . "Improvement Defended." Ed. Philip A. M. Taylor. *The Industrial Revolution in Britain. Triumph or Disaster?*. Lexington, Massachusetts: D. C. Heath and Co., 1970. 33-43.
- . "The Rising Standard of Living in England 1800-50." Ed. Arthur Taylor. *The Standard of Living in Britain in the Industrial Revolution*. London: Methuen, 1975. 93-123.
- HENDERSON, W. O. *A Revolução Industrial*. Trad. Maria Ondina. Lisboa: Editorial Verbo, 1969.
- HILL, C. P. *British Economic and Social History 1700-1795*. 4th ed. 1957. London: Edward Arnold, 1977.
- HOBBSBAWN, Eric. *Industry and Empire The Birth of the Industrial Revolution*. 1968. New York: The New P, 1999.

- . *The Age of Revolution 1789-1848*. 1962. New York: Vintage Books, 1996.
- HOLLIS, Patricia. *Women in Public: The Women's Movement 1850-1900*. London: George Allen & Unwin, 1979.
- HOPPEN, K. Theodore. *The Mid-Victorian Generation*. Oxford: Clarendon P, 1998.
- INIKORI, Joseph E. *Africans and the Industrial Revolution in England*. Cambridge: Cambridge UP, 2002.
- JOYCE, Patrick. *Work, Society and Politics: The Culture of the Factory in Later Victorian England*. London: Methuen, 1980.
- KAY, James Phillips. "Working-Class Conditions in the 1830s, Seen in Manchester by a Social Reformer." Ed. Philip A. M. Taylor. *The Industrial Revolution in Britain Triumph or Disaster?*. Lexington, Massachusetts: D. C. Heath and Co., 1970. 6-10.
- KEMP, Tom. *A Revolução Industrial na Europa do Século XIX*. Trad. José Marcos Lima, Lisboa: Edições 70, 1985.
- KLINGENDER, Francis. *Art and the Industrial Revolution*. London: Royle Publications, 1947.
- LAURENCE, Anne. *Women in England 1500-1760 A Social History*. London: Phoenix, 1996.
- LEWENHAK, Sheila. *A Mulher e o Trabalho*. Trad. Ana Falcão Bastos e Luís Leitão, Lisboa: Editorial Presença, 1982.

- MANTOUX, Paul. "The Destruction of the Peasant Life." Ed. Arthur Taylor. *The Standard of Living in Britain in the Industrial Revolution*. London: Methuen, 1975. 43-52.
- . *La Révolution Industrielle au XVIII Siècle*. 1928. Paris: Éditions Génin, 1959.
- MATHIAS, Peter. *The First Industrial Revolution An Economic History of Britain 1700-1914*. London: Methuen, 1974.
- MIDWINTER, Eric. *Victorian Social Reform*. Ed. Patrick Richardson. Essex: Longman, 1984.
- MILL, John Stuart. "Utilitarianism." *Utilitarianism, on Liberty, Considerations on Representative Government*. 1910. Ed. H.B. Acton. Vermont: Everyman, 1972.
- MORRIS, William. "The Hopes of Civilization." *News from Nowhere and Other Writings*. 1890. Ed. Clive Wilmer. London: Penguin, 1998.
- OFFEN, Karen. "Eruptions and Flows." *Comparative Women's History*. Ed. Anne Cova. New York: Columbia UP, 2006. 39- 65.
- PINCHBECK, Ivy. *Women Workers and the Industrial Revolution 1750-1850*. 1930. London: Virago P, 1966.
- PORTER, Roy. *English Society in the Eighteenth Century*. London: Penguin, 1991.

- ROSE, Sonya O. *Limited Livelihoods Gender and Class in Nineteenth-Century England*. Los Angeles: U of California P, 1992.
- ROWBOTHAM, Sheila. *Hidden from History: 300 Years of Women's Oppression and the Fight against it*. Bristol: Pluto P, 1974.
- RUSKIN, John. *Lectures on Art*. Ed. Bill Beckley. 1870. New York: Allworth P, 1996.
- SALAMONE, Nino. *Causas Sociais da Revolução Industrial*. Trad. Ana Falcão Bastos e Luís Leitão. Lisboa: Editorial Presença, 1980.
- SIMONTON, Deborah "Women Workers; Working Women." *The Routledge History of Women in Europe since 1700*. Ed. Deborah Simonton. New York: Routledge, 2006.
- SMITH, Bonnie G. *Changing Lives Women in European History since 1700*. Lexington: Heath and Co., 1989.
- STEINBACH, Susie. *Women in England 1760-1914 A Social History*. New York: Palgrave MacMillan, 2004.
- STEVENSON, John. "Social Aspects of the Industrial Revolution." Ed. Patrick O'Brien and Roland Quinault, *The Industrial Revolution and British Society*. Cambridge: Cambridge UP, 1993. 229- 251.
- "The Factory System and the Domestic System." Ed. Alasdair Clayre, *Nature & Industrialization*. Oxford: Oxford UP, 1977. 63-67.
- THOMPSON, E. P. *The Making of the English Working Class*. Harmondsworth: Penguin, 1968.

- TOYNBEE, Arnold. "The Classical Definition of the Industrial Revolution." Ed. Philip A. M. Taylor. *The Industrial Revolution in Britain Triumph or Disaster?*. 1958. Lexington, Massachusetts: D.C. Heath and Co., 1970. 1-5.
- TRINDER, Barrie. *The Making of the Industrial Landscape*. London: Phoenix, 1998.
- VERDON, Nicola. "The rural labour market in the early nineteenth century: women's and children's employment, family income, and the 1834 Poor Law Report." *The Economic History Review*. Volume LV. No2. May 2002. 299-323.
- WALVIN, James. *Victorian Values*. Bungay, Suffolk: Cardinal, 1988.
- WILLIAMS, Raymond. *Culture & Society*. 1958. London: The Hogarth P, 1993.
- WRIGLEY, E.A. *Poverty, Progress, and Population*. Cambridge: Cambridge UP, 2004.
- URE, Andrew. "The Blessings of the Factory System." Ed. Alasdair Clayre. *Nature & Industrialization*. Oxford: Oxford UP, 1977. 67-72.
- . "Working-Class Conditions in the 1830s, Seen by an Enthusiast for the Factory System." Ed. Philip A. M. Taylor. *The Industrial Revolution in Britain. Triumph or Disaster?*. 1958. Lexington, Massachusetts: D. C. Heath and Co., 1970. 11-16.

WEBGRAFIA

HART, Stuart N., and Zoran Pavlovic. "Children's Rights in Education: an Historical Perspective." *ephost@epnet.com*. 25 Julho 2007.

<<http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=a9&AN=960414499&site=ehost-live&scope=site>>.

KREIS, Steven. "The Origins of the Industrial Revolution." *www.historyguide*. 2001. 13 Maio 2004, 16 Abril 2006.

<<http://www.historyguide.org/intellect/lecture17a.html>>.

ROBSON, Catherine. "The Ideal Girl in Industrial England." *ephost@epnet.com*. 25 Julho 2007.

<<http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=a9&AN=4019627&site=ehost-live&scope=site>>.

ERRATA

Onde se lê:

Deve ler-se:

Na página 9, linha 12, “hidráulicoque”

“hidráulico que”

Na página 9, linha 24, “Rervolution”

“Revolution”

Na página 114, linha 26, “saudável”

“saudável.”

Na página 119, linha 29, “Gloucester”

“Gloucester.”

Parte da citação iniciada na página 99 e concluída na página 100 é apresentada em Times New Roman 12, quando deveria ter sido apresentada, na sua totalidade, em Times New Roman 11.